

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Tese de Doutorado

Marcelo Lima Celente

A manipulação da opinião pública no Brasil: uma análise da atuação da mídia digital  
a partir da cobertura da denúncia contra Lula na Operação Lava Jato.

Porto Alegre

2024

Marcelo Lima Celente

A manipulação da opinião pública no Brasil: uma análise da atuação da mídia digital a partir da cobertura da denúncia contra Lula na Operação Lava Jato.

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência Política, ênfase na área de Cultura Política.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jennifer Azambuja de Moraes

Porto Alegre

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Celente, Marcelo Lima

A manipulação da opinião pública no Brasil: uma análise da atuação da mídia digital a partir da cobertura da denúncia contra Lula na Operação Lava Jato / Marcelo Lima Celente. -- 2024.

173 f.

Orientadora: Jennifer Azambuja de Moraes.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. manipulação da opinião pública. 2. mídias digitais. 3. Operação Lava Jato. 4. Análise Crítica do Discurso. 5. Tradicionalismo. I. de Moraes, Jennifer Azambuja, orient. II. Título.

Marcelo Lima Celente

A manipulação da opinião pública no Brasil: uma análise da atuação da mídia digital a partir da cobertura da denúncia contra Lula na Operação Lava Jato.

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência Política, ênfase na área de Cultura Política.

Aprovada em: Porto Alegre, 30 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jennifer Azambuja de Moraes (Orientadora) (UFRGS)

---

Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González (UFRGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha (UFPel)

---

Prof. Dr. Enio Augusto dos Santos Cardoso (Pesquisador NUPESAL/UFRGS)

## DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço e dedico esse trabalho a todos que acreditam na ciência. Sem essas pessoas, talvez, esse trabalho não existisse. Foi em uma quarta-feira, dia 11 de março de 2020 (data que não esqueço porque é dia do meu aniversário), que a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia do Covid-19. Recém aprovado no Doutorado, minha primeira aula presencial ocorreria no dia 16 de março de 2020, mas as aulas presenciais foram suspensas por 3 semestres, até que houvesse condições de reunir as pessoas em segurança nas salas de aula. Em casa, em segurança, pude aguardar até o momento de ter acesso às vacinas. É para as pessoas que acreditam na ciência a quem dedico e direciono a leitura dessa tese.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus professores durante o Doutorado, dos quais foi uma honra ser aluno. Fiz questão de cursar o máximo de disciplinas possível, sem pedir aproveitamento de créditos, para poder absorver todo conhecimento que fosse possível. Definitivamente, valeu o esforço. Em especial, agradeço a minha orientadora Jennifer, pela enorme dedicação, revisando a pesquisa até de madrugada, sem me deixar em paz nem sequer por um dia (risos). Também, ao Prof. Rodrigo Stumpf, pelo apoio, pelas aulas, ensinamentos, e por coordenar com todo o cuidado o Programa de Pós-Graduação em um período difícil e muito importante.

Além da pandemia, esse trabalho também foi realizado, com muito esforço, durante as enchentes de maio de 2024 que assolaram o Estado do Rio Grande do Sul. Agradeço à minha mãe, que me deu moradia por um mês inteiro durante as enchentes, mês esse que pude aproveitar para seguir com a pesquisa normalmente, até que a situação voltasse ao normal, e eu finalmente pudesse voltar para casa. Dedico a meu pai, que sempre me apoiou em todos os momentos, e à minha companheira Juliana, pelo apoio incondicional a esse projeto e pela paciência.

Esse é um trabalho de resistência: à pandemia, às enchentes e ao Bolsonarismo que sucateou e ameaçou destruir as Universidades Públicas.

Que a ciência siga superando o negativismo.

A Grande Guerra criou muitas armas – o submarino, o avião, a arma de longo alcance, o tanque, o gás mortal; mas, a mais curiosa e mortal das armas foi a propaganda, o trabalho psicológico na guerra. (MERRIAM, 1919)

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Os 10 maiores conglomerados de notícias da internet em 2017 .....	57
Figura 2	Concepção tridimensional do discurso .....	62
Figura 3	Concepção tridimensional do discurso .....	63
Figura 4	A gramática da Experiência e tipos de processos.....	72
Figura 5	Lula preocupado, acuado.....	91
Figura 6	Fotografia desalinhada causa sensação de incômodo (linhas desenhadas pelo autor).....	92
Figura 7	Pronunciamento de Lula após denúncia do MPF. Lula chorando .....	93
Figura 8	Lula esbravejando em discurso após o recebimento da denúncia.....	93
Figura 9	Fotografia editada em uma publicação (acima) e foto original, em outra publicação (abaixo). Foi utilizado filtro para descolorir a imagem, dando um tom mórbido .....	94
Figura 10	Fotografia editada para Lula parecer um cadáver.....	95
Figura 11	Deltan Dallagnol bem alinhado, de terno e gravata, fala com semblante tranquilo, com uma frieza racional.....	96
Figura 12	Dallagnol faz sua apresentação no MPF, como se estivesse dando uma aula .....	96
Figura 13	Uso do apelo religioso para manipular a opinião pública na construção da imagem de um líder conservador .....	97
Figura 14	O juiz Sérgio Moro disfarçado, como se fosse um agente secreto .....	98
Figura 15	A construção da imagem do herói. Ator Rodrigo Lombardi cotado para interpretar Sérgio Moro em filme de cinema.....	98
Figura 16	Em apoio a Dallagnol, revista Época cria a frase “A convicção das provas” como estratégia de convencimento, de persuasão .....	100
Figura 17	Revista Veja investe no adjetivo “Pixuleco” para destruir a imagem de Lula .....	101
Figura 18	Revista Veja cria charge para ridicularizar Lula .....	102
Figura 19	Capa da revista Veja incriminando Lula e Marisa no caso do Tríplex..	102
Figura 20	Exposição, na mídia, da imagem da família de Lula .....	103

Figura 21	Uso de imagem e texto na tentativa de criar a imagem de Lula como protegido pelo STF. A imagem de Marisa é utilizada com frequência pela mídia digital na cobertura da Lava Jato .....	103
Figura 22	Lula, como se ele estivesse preocupado com a acusação feita na frase do título da notícia. No título, a criação de adjetivos para atacar Lula e Marisa: “chefe” e “madame” .....	104
Figura 23	Mídia digital cria, em texto, a imagem de Sérgio Moro como um agente secreto, um herói.....	105
Figura 24	Notícia cria a imagem de Deltan Dallagnol como herói conservadorista: religioso, casado, pai de família, surfista e combatente contra a corrupção .....	106
Figura 25	Fotografia da cobertura do Tríplice do Guarujá .....	108
Figura 26	Fotografia aérea do terreno do sítio de Atibaia .....	108
Figura 27	A matéria tenta ligar Lula às acusações contra os investigados da Lava Jato. Uso das expressões “amigo de Lula” e “O camarada” .....	109
Figura 28	Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet.....	110
Figura 29	Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet.....	111
Figura 30	Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. O <i>powerpoint</i> usado por Dallagnol contra Lula vira piada na internet .....	111
Figura 31	Campanha publicitária da Netflix faz deboche ao <i>powerpoint</i> utilizado por Dallagnol para acusar Lula.....	112
Figura 32	Exagero do uso do termo “Lula”, dispensando o uso de substituição por pronomes ou substantivos .....	113
Figura 33	Associação entre acusações e a imagem de Lula chorando criam a impressão de falsidade a Lula diante das acusações .....	115
Figura 34	Fotografia desconexa com o título da notícia. Para o colunista, é absurdo o fato de Lula fazer campanha enquanto investigado pela Lava Jato.....	116
Figura 35	Título desconexo da imagem como recurso de coerência no intuito de gerar a imagem de falsidade no discurso de Lula .....	117
Figura 36	Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos) .....	118
Figura 37	Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos) .....	119

Figura 38	Uso de diferentes adjetivos para condenar Lula no esquema de corrupção da Petrobras (destaques nossos).....	119
Figura 39	Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras em denúncia aceita pelo juiz Sérgio Moro (destaques nossos).....	120
Figura 40	Notícia distorce a fala de Dallagnol e afirma que o Procurador teria dito que o MPF possui provas de que Lula seria o “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos).....	121
Figura 41	Sobre as provas contra Lula, colunista incorre em erro conceitual ao equalizar os conceitos distintos provas e evidências (destaques nossos).....	122
Figura 42	Dallagnol não afirmou diretamente haver provas, mas fez malabarismo: juntar um “quebra-cabeça” de informações dispersas para tentar usar como provas (destaques nossos).....	123
Figura 43	Notícia afirma haver provas do MPF contra Lula, mesmo com relutância dos Procuradores do próprio MPF em afirmar isso (destaque nosso) .....	124
Figura 44	Notícia narra fielmente os fatos: por algum motivo, o MPF se antecipou e denunciou antes de se formarem provas para a acusação (destaques do autor)...	126
Figura 45	Mesmo defendendo a atuação de Deltan Dallagnol, o autor admite a ausência de provas (destaque nosso).....	127
Figura 46	Notícia faz defesa à Lava Jato. Para persuadir o leitor, traz o argumento de que, nas instâncias envolvidas com o Judiciário, os Servidores “não fazem política” (destaques nossos).....	128
Figura 47	Notícia faz duras acusações a Lula e críticas ao seu discurso após a denúncia do MPF (destaques nossos).....	128
Figura 48	A estratégia do inimigo único. Lula no centro da corrupção.....	130
Figura 49	A Veja publica texto no estilo blog, repleto de opiniões pessoais do colunista contra Lula (destaques nossos) .....	131
Figura 50	Veja publica texto no estilo blog que promove a polarização e o discurso do “nós contra eles” acusando os petistas de “golpistas” (destaques nossos) .....	131
Figura 51	Texto promove a polarização e o discurso do “nós contra eles” com o uso do termo “um bando de idiotas”, “discípulos” e “sacerdotes corruptos” (destaques nossos).....	132
Figura 52	Notícia trata a ausência de provas da acusação como simples questão de “retórica” (destaques nossos).....	133
Figura 53	Em apoio à Lava Jato, ao comentar sobre as falhas da acusação, colunista afirma que não há “perseguição política ao ex-presidente” (destaques nossos).....	134

Figura 54	Texto com conteúdo ideológico em apoio à Lava Jato (destaques nossos).....	135
Figura 55	Imagem faz parte de publicação de notícia que promove o linchamento público de Lula na internet .....	139
Figura 56	Uma das principais mídias online do país dá espaço a perfil de “Inês Bolsonaro” fazendo piadas e atacando Lula .....	140
Figura 57	Capa da Edição 2496 da Veja. A cabeça decapitada de Lula é o ápice da violência da mídia na desfiguração da imagem de Lula.....	142

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estimativa de impacto da Lava Jato no PIB.....	53
-----------	--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Os 10 termos com maior frequência nos títulos das notícias da amostra .....	82
Tabela 2	Os 10 termos com maior frequência nos subtítulos das notícias da amostra .....	82
Tabela 3	Processos materiais mais frequentes nas notícias.....	84
Tabela 4	Processos mentais mais frequentes nas notícias.....	86
Tabela 5	Processos comportamentais mais frequentes nas notícias.....	87
Tabela 6	Termos do Sistema de Avaliatividade mais frequentes nas notícias .....	87
Tabela 7	Termos de modalização mais frequentes nas notícias.....	89
Tabela 8	Eventos principais abordados nas notícias da amostra.....	89

## APÊNDICES

Apêndice 1	Processos relacionais mais frequentes nas notícias .....	164
Apêndice 2	Processos verbais mais frequentes nas notícias.....	164
Apêndice 3	Processos existenciais mais frequentes nas notícias.....	165

## ANEXOS

Anexo 1	Lula com semblante preocupado, reflexivo, cabisbaixo .....	166
Anexo 2	Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula chorando .....	167
Anexo 3	Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula faz cara de choro .....	168
Anexo 4	Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula esbravejando.....	168
Anexo 5	Lula em tom de desespero em discurso após recebimento da denúncia .....	169
Anexo 6	Deltan expõe seus argumentos, eloquente e gesticulando durante o discurso.....	169
Anexo 7	Alta exposição, na mídia digital, da imagem de Dona Marisa .....	170
Anexo 8	Fotografia do prédio do Guarujá onde a OAS teria reformado o Tríplex para a família de Lula .....	170
Anexo 9	Fotografia da cobertura do Tríplex do Guarujá .....	171
Anexo 10	Fotografia da cobertura do triplex do Guarujá.....	171
Anexo 11	Frase de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet .....	172
Anexo 12	Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet.....	172
Anexo 13	Campanha publicitária da Amazon faz deboche ao powerpoint utilizado por Dallagnol para acusar Lula.....	173
Anexo 14	Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras .....	173

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA: MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA E EXTREMA-DIREITA NO CENÁRIO INTERNACIONAL</b> .....	<b>20</b>
2.1. OPINIÃO PÚBLICA DE ACORDO COM LIPPMANN, HABERMAS E CHARAUDEAU .....	20
2.2. A MANIPULAÇÃO DE OPINIÃO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO .....	30
2.3. A MÍDIA E A DISPUTA PELO PODER .....	40
2.4. OS EFEITOS DA OPERAÇÃO LAVA JATO .....	48
<b>3. MÉTODO DE PESQUISA: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO</b> .....	<b>55</b>
3.1. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD) .....	58
3.2. A LINGUAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL .....	67
3.3. A APLICAÇÃO DA ACD PARA A ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA IMPRENSA DIGITAL NA COBERTURA DA ACUSAÇÃO CONTRA LULA NA OPERAÇÃO LAVA JATO.....	74
3.4. MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	78
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>80</b>
4.1. A ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA IMPRENSA DIGITAL NA COBERTURA DA ACUSAÇÃO DE LULA NA OPERAÇÃO LAVA JATO .....	80
4.2. COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS .....	80
4.3. ANÁLISE DOS DADOS.....	81
<b>5. CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	<b>143</b>

## RESUMO

A transformação causada pela descentralização do poder da comunicação em massa, outrora fortemente concentrado nas mídias tradicionais como rádio, televisão e mídias impressas, a qual vem sendo transferida para a predominância das mídias digitais, tais quais as redes sociais e os portais de notícias *online*, às quais não possuem leis de regulamentação específica, simultaneamente à ascensão da ideologia da extrema-direita global, são fatores que favoreceram a manipulação em massa da opinião pública em torno de temas políticos em proporção global, fomentada pela desinformação e pelo discurso de ódio. A produção abundante de conteúdo manipulador provocou os usuários a se posicionarem e se manifestarem politicamente nas redes, ampliando potencialmente a polarização política. A participação política foi alimentada pela ideologia política do chamado Tradicionalismo, voltado para impor uma agenda de destruição para buscar a construção de um novo modelo de sociedade, com ideologias que incluem características novas, e também outras mais antigas, tais como o fascismo e o nazismo. No contexto político brasileiro, durante a cobertura da Operação Lava Jato, houve um ataque coordenado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, impulsionado pela ampla produção de desinformação nos meios digitais, manipulando a opinião pública. Como objetivo geral, busca-se, nessa pesquisa, explicar as estratégias e as formas empregadas pela mídia digital para realizar a manipulação de opinião, e avaliar a atuação das mídias digitais na democracia brasileira. A pesquisa realizada nesse trabalho conta com o uso de método qualitativo e quantitativo, com base na Análise Crítica do Discurso (ACD). O foco é a análise da manipulação de opinião pública, aplicado ao discurso contido nas narrativas publicadas pelos maiores conglomerados de mídia digital do Brasil, durante a cobertura da denúncia da Operação Lava Jato contra o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, até a aceitação da denúncia pela Justiça Federal.

**Palavras-chave:** manipulação da opinião pública, mídias digitais, Operação Lava Jato, Tradicionalismo, Análise Crítica do Discurso

## **ABSTRACT**

The transformation caused by the decentralization of mass communication power, once heavily concentrated in traditional media such as radio, television and print media, that has been transferred to the predominance of digital media, such as social networks and online news portals, which do not have specific regulatory laws, simultaneously with the rise of the global far-right ideology, are factors in favor to a mass manipulation of public opinion around political issues on a global scale, fueled by disinformation and hate speech. The abundant production of manipulative content has provoked users to take political positions and express themselves politically on the networks, potentially increasing political polarization. Political participation has been fueled by the political ideology of so-called Traditionalism, aimed at imposing an agenda of destruction in order to seek the construction of a new model of society, with ideologies that include new characteristics, as well as older ones, such as fascism and nazism. In the Brazilian political context, during the coverage of Operation “Lava Jato”, there was a coordinated attack on the Workers' Party (PT) and former president Luiz Inácio Lula da Silva, driven by the widespread production of disinformation in digital media, manipulating public opinion. As a general objective, this research seeks to explain the strategies and methods used by digital media to manipulate public opinion, and to evaluate the role of digital media in Brazilian democracy. The research carried out in this work uses qualitative and quantitative methods, based on Critical Discourse Analysis (CDA). The focus is on the analysis of the manipulation of public opinion, applied to the discourse contained in the narratives published by the largest digital media conglomerates in Brazil, during the coverage of the Operation “Lava Jato” complaint against former president Luiz Inácio Lula da Silva, until the acceptance of the complaint by the Federal Court.

**Keywords:** manipulation of public opinion, digital media, Operation Lava Jato, Traditionalism, Critical Discourse Analysis

## 1 INTRODUÇÃO

A democracia brasileira sofreu um período de crise que teve como marco inicial os protestos iniciados em janeiro de 2013, em Porto Alegre, contra o aumento das passagens de ônibus (GAÚCHA ZH, 2013). Tais movimentos ganharam mais força, inicialmente convocadas pelo Movimento Passe Livre, em São Paulo e Rio de Janeiro, também em protesto contra o aumento de tarifas do transporte coletivo. Rapidamente, houve uma escalada em número e na diversidade de protestos e demandas em cidades de todo o País, culminando com as chamadas “jornadas de junho de 2013” (TATAGIBA & GALVÃO, 2019). Estima-se que entre 10 e 15 milhões de pessoas participaram das manifestações em mais de quinhentas cidades do país (CARVALHO, 2018). Marcadas por uma disputa simbólica pelos seus significados, as demonstrações de rua aglutinaram o descontentamento geral contra o sistema político, representado pela forte intolerância à corrupção e pelo rechaço aos elevados gastos governamentais para sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Nesse contexto, emergiu a imagem de um Estado corrupto, ineficiente, em crise, “assaltado” por um grupo político, o Partido dos Trabalhadores, que estava no poder há mais de uma década (AVRITZER & CARVALHO, 2021).

Essas novas matrizes discursivas experimentadas em 2013 repercutiram e legitimaram-se em sucessivos protestos de direita, organizando a oposição contra o governo e contribuindo para o *impeachment* ou “golpe constitucional” contra a Presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Como é indicado por Machado (2017), os esquemas de corrupção disseminados pela Operação Lava Jato (iniciada em 2014) e pela grande mídia serviram como força motriz para justificar e até mesmo para idealizar um novo Brasil.

É nesse contexto que a Operação Lava Jato eventualmente conduziria à prisão de Lula, em uma ida e vinda judicial que foi intensamente televisionada e discutida por canais de notícias, analistas políticos e nas ruas. A perseguição a Lula foi o principal tópico da imprensa por mais de um ano no Brasil e, o que é relevante, influenciou diretamente o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, a prisão de Lula em 2018, e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 (BELLO; CAPELA; KELLER, 2021).

Levitsky & Ziblatt (2018) afirmam que, a partir de 2016, houve uma percepção crescente de que a democracia está recuando em todo o mundo. Segundo esses autores (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018), o período 1990 a 2015 foi facilmente o quarto de século mais democrático da história mundial.

Ayres Pinto e Moraes (2020) concluem que fica evidente que a democracia se tornou frágil com o advento das mídias digitais, porque suas bases de liberdade e participação popular foram deturpadas por estratégias de *marketing* que não visavam a concorrer modelos políticos distintos num pleito eleitoral, mas sim vender uma ideia a qualquer custo para beneficiar um grupo político específico que pagou por tal serviço. Esse *marketing* político não se preocupou com a verdade dos fatos, mas com a capacidade de manipular e vender um produto, importando-se muito pouco com as consequências. Como a política e a democracia não são produtos, tal expediente é nefasto para a consolidação dos direitos dos indivíduos e dos preceitos democráticos edificantes de uma nação. As mídias digitais e suas características de meio de informação em massa são elementos essenciais para estratégias eleitoreiras que desconsideram efetivamente o respeito pela democracia e pelos direitos dos cidadãos (AYRES PINTO & MORAES, 2020).

Pelas razões apresentadas nos parágrafos acima, e de forma resumida, essa pesquisa se justifica pela necessidade crescente por investigação e análise das ferramentas utilizadas, por grupos específicos, para influenciar e manipular a opinião pública nas disputas pelo poder político no Brasil.

A tese inicial dessa pesquisa é que, durante o caso da primeira denúncia oferecida pela Operação Lava Jato contra Lula, os grandes conglomerados da mídia digital se utilizaram de discursos extremistas voltados à manipulação da opinião pública em favor da denúncia contra o petista. Casos como este constroem uma barreira ao desenvolvimento do pensamento crítico em relação à política e à democracia.

O problema central dessa pesquisa, portanto, é, no caso específico estudado por esta tese, quais foram as formas e estratégias utilizadas pelos principais conglomerados da mídia digital brasileira para tentar influenciar, interferir e manipular a opinião pública?

Como objetivo geral, busca-se, nessa pesquisa, aprofundar a compreensão sobre como os discursos de ódio são produzidos e disseminados pelas mídias digitais no contexto político Brasileiro. Como objetivos específicos, busca-se:

1. Aplicar um método de análise de discurso para analisar a presença de elementos de manipulação de opinião e de discurso de ideologia nas publicações dos maiores conglomerados de notícias da internet durante a cobertura da Operação Lava Jato;
2. Compreender as estratégias empregadas pelos grandes conglomerados da mídia digital para realizar a manipulação de opinião em relação a assuntos políticos, o que diz respeito à forma como lidam com o processo democrático;
3. Investigar, identificar e analisar as diferentes formas de discursos extremistas que foram produzidos e disseminados pelos grandes conglomerados de mídia digital durante o período de oferecimento da primeira denúncia contra Lula pela Operação Lava Jato.

A hipótese de trabalho da presente pesquisa é que Discursos de ódio e pós-verdade, disseminados pelos principais portais de mídias digitais do Brasil, foram utilizados como estratégia na tentativa de influenciar e manipular a população, no contexto político brasileiro estudado por esta pesquisa.

O caso em análise pela pesquisa será a cobertura midiática do oferecimento, pelo Ministério Público Federal, da denúncia contra o então ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no âmbito da Operação Lava Jato, realizada no dia 13 de setembro de 2016, quando o então chefe da Operação Lava Jato no MPF - o Procurador da República Deltan Dallagnol - apresentou uma apresentação feita em *Power Point* contendo as supostas evidências para incriminar Lula, e reforçou aspectos da denúncia em posterior entrevista concedida aos principais meios de comunicação do País.

Para atingir os objetivos propostos, esta tese segue o protocolo misto (qualitativo e quantitativo), utilizando como método a Análise do Discurso. Serão analisadas as notícias publicadas no período entre o oferecimento da denúncia do Ministério Público Federal (MPF) contra Lula, em 13 de setembro de 2016, até a data do dia seguinte à aceitação da denúncia pelo Juiz Sérgio Moro, ocorrida em 20 de setembro de 2016. O método de trabalho, que visa analisar o discurso para identificar

as formas de manipulação de opinião pelos grandes conglomerados da mídia digital, será detalhado com maior profundidade no terceiro Capítulo dessa Tese.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) reúne teoria e método para mapeamento de conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade. A ACD mapeia as relações entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade porque concebe a linguagem como prática social e o contexto como elemento crucial (BATISTA JR. *et. al*, 2018). Nessa pesquisa, serão aplicados os passos do método desenvolvido por Chouliaraki e Fairclough (1999), dentro do modelo tridimensional de análise de texto: análise textual, análise da prática discursiva e análise da prática social (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005). Também serão consideradas as diretrizes gerais da ACD propostas por Herzog (2016).

Para atingir seus objetivos, a pesquisa será estruturada em 5 Capítulos. Além dos Capítulos já apresentados: Introdução, Revisão da Literatura e Método de Pesquisa; também serão elaborados os Capítulos: Método de Pesquisa, Resultados e Discussão e Conclusões Finais.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA: MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA E EXTREMA-DIREITA NO CENÁRIO INTERNACIONAL**

Os meios de comunicação de massa são plataformas onde a esfera pública se realiza. O meio de maior destaque é a internet, tendo em vista o poder que ela possui para não somente interligar pessoas, mas causar a mudança da sua postura na esfera pública, deixando de serem consumidores passivos para se tornarem criadores de conteúdo e sujeitos primários (BENKLER, 2006).

Para entender como ocorre a manipulação da opinião pública, a presente pesquisa inicia pela definição, na literatura, do conceito de opinião pública.

### **2.1 OPINIÃO PÚBLICA DE ACORDO COM LIPPMANN, HABERMAS E CHARAUDEAU**

Lippmann (2008) discorre sobre a legitimidade da opinião pública nas sociedades de massa baseado na impossibilidade de conhecimento direto da realidade, em que é necessária a separação entre “mundo exterior” e as “imagens das nossas cabeças”. O entendimento do autor é que os homens, mesmo em sua experiência individual, não têm acesso direto à realidade. Nesse sentido, o autor (LIPPMANN, 2008) faz uma alusão à alegoria da Caverna, de Platão, em que os homens veem apenas sombras e são incapazes de enxergar a realidade em sua totalidade.

O autor (LIPPMANN, 2008) recorre às imagens que formamos na nossa cabeça para explicar a ideia de que a opinião seria “a média das opiniões circundantes em uma determinada sociedade, num momento determinado”. Quando as pessoas procuram emitir suas opiniões racionalmente, deve-se levar em conta que possuem em sua mente uma série de ideias e imagens. A metáfora é usada para demonstrar que, para formularmos um pensamento sobre determinada coisa, usualmente recorreremos às imagens que temos guardadas em nossa mente:

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas. (LIPPMANN, 2008, p. 40).

Essas imagens, oriundas das interações sociais e do que temos contato por meio da imprensa, são o alicerce das informações que vamos utilizar em nosso processo de construção da opinião. “Teremos que presumir que o que cada homem faz está baseado, não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele” (LIPPMANN, 2008). Essa argumentação é usada então para delimitar o que Lippmann (2008) considera opinião pública e Opinião Pública. A primeira (em minúsculo) diz respeito às imagens que formamos na nossa mente, provenientes de construções culturais e de relações com outras pessoas. Já a segunda (com letras maiúsculas), é fruto da ação de grupos de interesse (entre eles a mídia) ou de pessoas que agem em nome desses grupos (formadores de opinião). A opinião reconhecida como pública seria então uma opinião tornada pública e aceita pelo público, e não uma opinião surgida no público.

A opinião pública em Lippmann (2008) seria formada por uma série de imagens mentais, baseadas em estereótipos, que a sociedade resolve aceitar como verdadeiro. Nesse aspecto, vale abrir um parêntese e destacar o papel da publicidade dentro de todo esse contexto comunicacional, afinal, “o que é a propaganda, senão o esforço para alterar a imagem a qual os homens respondem, substituindo um padrão social por outro?” (LIPPMANN, 2008). Com essa observação, o autor coloca a propaganda como uma das responsáveis por plantar as imagens em nossa cabeça e, dentro de um contexto de grupos de interesse, essas imagens fazem com que um determinado padrão de opinião seja substituído por outro. Lippmann (2008) elabora sua conceituação partindo do pressuposto de que as pessoas são impossibilitadas de ter um conhecimento direto da realidade e que esse conhecimento seria obtido pelos meios de comunicação.

Lippmann (2008) ressalta o processo de construção da opinião pública por meio do Jornalismo, que proporcionaria ao público, na visão do autor, um ambiente projetado, em detrimento da realidade concreta (LIPPMANN, 2008). Assim, segundo

Lippmann (2008), os conteúdos jornalísticos seriam incapazes de relatar os acontecimentos de maneira desprovida de estereótipos – o que se mostraria particularmente grave, já que a comunicação de massa carrega consigo a responsabilidade de organizar o debate público.

A posição clássica adotada por Lippmann (2008 [1922]) é que as pessoas só poderiam conhecer a realidade social por intermédio dos meios de comunicação de massa, em virtude de sua condição atomizada na sociedade. As mídias repercutiriam de forma poderosa sobre a opinião pública, devido à ausência de uma intermediação entre as elites midiáticas e a massa:

Opinião pública neste sentido é uma ilusão, pois fica claro que se torna impossível às pessoas chegarem a um sentido comum das ocorrências e dos fatos e a um propósito unificado. Por isso mesmo, é preferível falar menos em democracia como um regime do povo e mais como um regime para o povo. Predomina neste regime a ilusão simbólica dos atores pelo controle do imaginário social. Por isso mesmo, neste entendimento, a opinião pública não emerge das pessoas naturalmente. É um processo de animação social através do qual estes personagens interessados no controle social se envolvem (LIPPMANN, 2008, p. 13).

Todavia, sobre a realidade observada, os homens são capazes de construir opiniões mais fidedignas ao “mundo exterior” do que em situações em que a percepção passa pelos *mass media*. E na sociedade de massa americana dos tempos de Lippmann (2008), as principais questões que exigiam alguma opinião a respeito já aconteciam longe da maioria dos homens. Por exemplo, os discursos contrários e a favor à participação dos EUA na Primeira Guerra Mundial chegaram aos ouvidos da grande maioria dos americanos através dos jornais, rádios e cinemas.

Assim, o autor faz um diagnóstico dos problemas que influenciam a “imagem nas nossas cabeças”, a saber: a atenção e o interesse limitado frente ao universo de informações sobre os acontecimentos; a limitação do potencial de comunicação das palavras e dos meios técnicos para transportá-las; os estereótipos; os interesses particulares e as formas de construção dos interesses comuns; a censura e a restrição a algumas informações; a falta de contato com os acontecimentos ou a oportunidade de conhecê-los; e, mesmo, o tempo em que a experiência humana ocorre.

Aqueles aspectos do mundo que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos, são suas opiniões públicas” (LIPPMANN, 2008, p.40).

Desse modo, o autor norte-americano aponta que as pessoas avaliam a realidade externa enquanto imagens pintadas em seus cérebros que raramente correspondem ao que a realidade efetivamente é. Para Lippmann (2008), essas imagens vão se tornando, com o passar do tempo cada vez mais estabelecidas, estandardizadas, ou seja, são criados os estereótipos. A opinião pública, então, seria a média das opiniões circundantes em uma determinada sociedade, num momento determinado.

A todo momento somos interpelados pelos símbolos, pelas representações sociais levadas ao mundo pelos meios de comunicação. A formação de um pensamento próprio sobre tudo que é levado passa pela competição destes símbolos, pela criação, segundo o autor, de comportamentos próprios relacionados ao que passa da agenda pública e política, por exemplo, para a agenda da mídia. Para estudar a opinião pública então, é necessário pensar a relação entre três pontos atuando sobre a realidade, a cena da ação, a imagem formada pelo individuo daquela cena, e a resposta humana àquela imagem atuando sobre a cena de ação (LIPPMANN, 2008).

A sua preocupação prendia-se com a “fabricação do consentimento”, através da manipulação da Opinião Pública: “É uma velha arte que se supunha ter morrido com a democracia. Mas não morreu” (LIPPMANN, 2008). Para este autor, a manipulação da massa, visando obter o seu consentimento, operava também através da capacidade dos políticos influenciarem os discursos midiáticos, possível pelo fato de ser impossível a cada um contactar diretamente com a complexidade de assuntos sobre os quais tem de decidir: “O mundo com o qual temos de lidar politicamente está fora de alcance, fora da vista, fora da mente. Tem de ser explorado, reportado e imaginado” (LIPPMANN, 2008). Na base da Opinião Pública encontram-se, pois, as “imagens mentais” (estereótipos) que obtemos através dos *media*, e que funcionam como um “mapa” para a compreensão de um mundo que é demasiado complexo para o apreendermos diretamente: “Assumimos que o que cada homem faz é baseado não

num conhecimento direto e certo, mas em imagens feitas por si próprio ou que lhe são dadas” (LIPPMANN, 2008).

Em sua crítica sobre a formação da opinião pública, Lippmann (2008) avalia com bastante desconfiança o papel habitualmente atribuído à imprensa de estimular e clarear o debate público. Segundo o jornalista norte-americano, a própria imprensa seria a responsável por idealizar a “força mística denominada opinião pública” (LIPPMANN, 2008, p. 307). Em sua visão, os sujeitos possuem uma capacidade limitada de compreensão da realidade, acatando uma representação de mundo essencialmente precária produzida pela mídia. Isso faria com que a opinião pública se mostrasse flagrantemente falha e incapacitada para governar. É com base nesse argumento que Lippmann (2008) sustenta ser indispensável reexaminar a noção de ‘ideal democrático’, pleiteando a redução da participação pública no sistema e delegando as tomadas de decisão e as funções administrativas apenas a especialistas. Lippmann (2008) defendia a necessidade da contribuição de especialistas para a tomada de decisões de melhor qualidade (já que tal artifício contornaria os desvios causados, segundo o autor, pela comunicação de massa).

Nesta perspectiva, à opinião deste “público fantasma” (LIPPMANN, 2007), deveria sobrepor-se uma elite de especialistas, sendo estes os únicos habilitados com o conhecimento e as competências necessárias para decidir acerca dos assuntos governativos. “A ação executiva não é para o público” (LIPPMANN, 2007, p.135), sendo este incapaz de, perante uma questão controversa, avaliar os seus méritos, antecipá-la, analisá-la e solucioná-la: “O que é deixado para o público é o julgamento sobre se os atores na controvérsia seguiram um conjunto estabelecido de regras de comportamento ou os seus próprios desejos arbitrários” (LIPPMANN, 2007, p.135).

LIPPMANN (2008) argumenta que existe a criação de pseudo-ambientes, em que a formação das imagens na cabeça do ser humano não se dá pelas relações diretas entre o sujeito e objeto verificado, mas pela sua subjetividade, por aquilo que ele mesmo pensa a partir do que é transmitido:

Em todas estas instâncias devemos observar particularmente um fator comum. É a inserção entre os seres humanos e seu ambiente de um pseudo-ambiente. Mas porque é um comportamento, as consequências, se eles são fatos, operam não no pseudo-ambiente onde o comportamento é estimulado, mas no ambiente real onde as ações acontecem. Se o comportamento não é

um ato prático, o que chamamos aproximadamente de pensamento e emoção pode demorar um longo tempo até que se observe uma quebra na textura do mundo da ficção. Mas quando o estímulo dos pseudo-fatos resulta em ações, em coisas ou em pessoas, as contradições logo se desenvolvem. (LIPPMANN, 2008, p. 30)

Lembrando que o autor destaca que a ficção aqui é pensada como aquilo que é formulado pelo próprio ser humano em suas relações de pensamento com o ambiente real. Ou seja, em muitos casos, uma das contradições pode ser observada quando os pseudo-fatos estimulam o pseudo-ambiente na formação de uma opinião pública e até mesmo na influência sobre o voto, por exemplo, de determinados atores sociais. Essa agenda política ganha a mídia e de alguma forma influencia o dia a dia da sociedade que debate essas ações.

Considerando este aspecto, uma de suas defesas é que as opiniões públicas precisam ser geridas e voltadas pelo Estado democrático, que não enxerga alguns problemas no momento de dar visibilidade às ações políticas. Um destes problemas, de acordo com o autor, está em destinar o papel revelador somente para a imprensa em formar a opinião, já que nem sempre as condições são favoráveis para a realização de um debate ampliado e que agregue conhecimento a todos. Essa organização estaria sob a função da ciência política no sentido de analisar profundamente os problemas que envolvem a política e a indústria.

A persuasão, para o autor, é presente no controle dos assuntos, na regulação das informações e na própria administração da democracia e da busca pelo consenso.

A criação do consenso não é uma arte nova. É uma arte muito velha que supostamente deveria ter morrido com o aparecimento da democracia, mas não morreu. Ela, na verdade, melhorou enormemente em técnica, porque está agora baseada em análise pelo invés de uma regra prática. E assim sendo, como resultado da pesquisa psicológica, ligada aos modernos meios de comunicação, a prática da democracia foi empurrada a um canto. Uma revolução está acontecendo, infinitamente mais significativa do que a mudança no poder político. (LIPPMANN, 2008, p. 218)

A ideia de esfera pública, definida por Habermas (1997), teria surgido na *polis* grega como o espaço do convívio comunitário, onde os cidadãos livres se encontravam para compartilhar, valorizar e transformar a cultura, os esportes, a guerra

e as opiniões. Esses indivíduos livres, que possuíam seus próprios interesses, isto é, aquilo que está na esfera privada do indivíduo, decidiram se reunir por alguma conveniência. Ao fazerem isso, combinarem e discutirem suas ideias e divulgá-las, entra em cena a esfera pública, ambiente de produção da opinião pública. Essa opinião pública pode ser produzida por um meio institucionalizado, isto é, indivíduos que compõem um grupo organizado específico, ou pela representatividade da vontade de uma maioria que compõe um grupo desprendido, mas que ao mesmo tempo possui vínculos ideológicos (HABERMAS, 1984).

É no estudo habermasiano sobre esfera pública que temos o ponto de partida para a compreensão da teoria criada em torno deste fenômeno. O entendimento de Habermas (1984) sobre esfera pública tem a ver com a existência de uma arena de discussão e debate público, seja formal ou informal, voltada à burguesia letrada. A esfera pública surge então nos salões, cafés e ambientes privados, na Europa dos séculos XVII-XVIII, onde a burguesia se encontrava para discutir assuntos do cotidiano, um paradoxo entre o público e o privado que se constrói ao menos desde a *Ágora* ateniense. Para Habermas (1984), a esfera pública seria um local de debate onde os assuntos de interesse geral podem ser discutidos e opiniões formadas.

A esfera pública era originada e se mantinha na presença de iguais, afinal, burgueses com igualdade de status se reuniam e discutiam à margem das instituições políticas. Essa era “uma esfera pública das pessoas privadas” (Habermas, 1984, p. 144), as pessoas privadas se reuniam em público para defender a liberdade econômica e combater a dominação do Estado.

Segundo Habermas (1984), o desenvolvimento completo de uma esfera pública, contudo, não se concretiza e essa dificuldade se dá historicamente por três motivos: (1) a institucionalização baseada na abertura do espaço de discussão para setores da sociedade que começavam a se organizar com os representantes de classes trabalhadoras, partidos políticos e sindicatos; (2) a crescente intervenção do Estado em toda sociedade e (3) a crescente influência da mídia.

Habermas (1984) define ainda três tipos de esfera pública: a esfera pública tradicional burguesa, a sua transformação/declínio com a incorporação de entidades de representação civil, e a produção da sensação de esfera pública criada pelos meios de comunicação de massa. Em todas essas esferas, os cidadãos interpretam uma

determinada situação e, em suas interações cotidianas, começam a constituir contextos comunicacionais dando forma à esfera pública.

No entender de Habermas (1984), entretanto, a mediação dos debates realizada pela comunicação de massa teria alterado, para pior, a natureza da esfera pública – e, naturalmente, da opinião pública –, uma vez que, dentre outras modificações, dispensaria a necessidade de interação presencial entre os agentes envolvidos nas disputas argumentativas. Assim, os jornais, por exemplo, passaram a divulgar, a defender e a comercializar somente um conjunto específico de opiniões – que não necessariamente visavam permitir o controle público das instituições do Estado, como o filósofo alega ter ocorrido outrora, mas tinham como prioridade a busca por consentimento a visões de mundo previamente e estrategicamente concebidas (Habermas, 1984).

De forma mais direta, Habermas (1984) considera que a expansão dos media, bem como o fato de os periódicos jornalísticos terem passado a se constituir como empresas que buscam lucro, ocasionariam a transformação da imprensa em “pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública” (Habermas, 1984, p. 218).

Ao debater a “opinião pública” como “opinião publicada”, destaca-se, uma vez mais, o papel dos media: em vez de forjada por meio da discussão arrazoada entre diferentes agentes, a opinião publicada seria, de modo geral, aquela perspectiva que ganha projeção por ter sido a escolhida, dentre várias outras possíveis, por aqueles que controlam a esfera de visibilidade pública. Assim, a depender dos privilégios de visibilidade alcançados por determinados grupos, suas agendas podem ser apresentadas, sem maiores contestações, como se fossem prioritárias ou hegemônicas. Para Habermas (1984), a opinião publicada circula com o intuito central de obter adesão, fazendo com que o indivíduo se limite a escolher aquela posição que mais lhe agrada ou convém dentre o leque de opiniões disponíveis.

Habermas (1981) atesta que, nem mesmo nos transitórios períodos eleitorais, a esfera pública se organiza de forma argumentativa, e sim predominantemente demonstrativa e manipuladora. Dessa maneira, para o sociólogo alemão, apenas é possível definir a opinião pública a partir da noção de manipulação, “na qual os detentores de poder político tentam harmonizar as disposições da população à

doutrina e estrutura política e aos resultados do processo de decisão corrente” (HABERMAS, 1971, p. 192).

Na verdade, o argumento habermasiano acerca do impedimento de uma opinião pública racional está fundamentado na diferenciação feita pelo autor entre “público” e “massa”. Conforme Habermas (1971), na sociedade contemporânea, a opinião pública não advém de um público letrado, apto a discorrer sobre assuntos variados; ao invés disso, origina-se de uma massa que demonstra uma enorme propensão a se permitir ser controlada politicamente.

Nesse sentido, o público é compreendido pelo estudioso como sendo o local em que a comunicação é capaz de articular opiniões coletivamente, ainda que venham de encontro aos grupos de poder. Por outro lado, a massa é identificada como sendo detentora de uma parcela inferior de pessoas com condições de expor as suas opiniões, uma vez que não gozam de autonomia das instituições. Aqui as comunicações são organizadas de modo a dificultar ou mesmo impossibilitar que o sujeito tenha uma participação efetiva ou com efeitos práticos nas decisões coletivas, tendo em vista que as elites controlam todo processo de transformação da opinião em ação. Vê-se, pois, que Habermas (1971) compreende a opinião pública das atuais sociedades mais como uma ‘opinião de massas’ do que propriamente como a do público.

O século XX fica marcado, por um lado, por uma transformação estrutural da Opinião Pública (HABERMAS, 1971) – assistindo-se a uma diminuição da sua eficácia do ponto de vista político, resultante dos processos de industrialização, urbanização, democratização, massificação e mediatização - mas, indissociável desses mesmos processos, a um renovado esforço teórico e também de mobilização por parte dos mais variados movimentos sociais com vista ao aprofundamento democrático da força política da Opinião Pública.

Para Habermas (1998), publicidade, crítica e debate são os princípios fundamentais que deveriam estruturar as relações entre o poder político e os cidadãos, em que os homens assumem a capacidade de se auto-governarem, ainda que através de representantes, cabendo à Opinião Pública a capacidade de exercer influência sobre a atuação do governo e, em última instância, controlar a legitimidade da sua atuação. Do ponto de vista normativo e ético, a Opinião Pública resultará “de

uma controvérsia mais ou menos exaustiva na qual as propostas, as informações e as razões possam elaborar-se de forma mais ou menos racional" (HABERMAS, 1998, p.443).

Charaudeau (2016) defende que “não existe uma opinião pública, mas várias opiniões públicas” (CHARAUDEAU, 2016, p. 44). A opinião pública é heterogênea, composta de vários fenômenos e que transparece em uma miríade de opiniões. Para existir como tal, a opinião pública precisa de um motivo, de acontecimentos que sejam postos diante da audiência para que ela tome conhecimento e faça emergir dessa audiência reações individuais. Assim, para que a opinião pública se manifeste, se faz necessário que algo aconteça: um fato, uma ocorrência, algo palpável que provoque a reação de um grupo de indivíduos.

A respeito da manipulação discursiva da opinião pública, Charaudeau (2016) inicia sua investigação sobre o discurso manipulatório indicando suas quatro características fundamentais. Primeiramente, o manipulador não revela seus propósitos reais, camuflando-os sob a forma de um discurso contrário ou assumindo a aparência de estar agindo em benefício do manipulado. Em segundo lugar, com o objetivo de impressionar o manipulado, o manipulador lança mão de uma posição de legitimidade, que é dada pelo contexto. Isto é, ele ocupa um lugar de prestígio e é socialmente reconhecido como uma autoridade legitimada institucionalmente naquela situação. Em terceiro, o manipulador constrói para si uma imagem capaz de paralisar a opinião do manipulado, quer por meio da ameaça, quer através da sedução. Finalmente, em quarto lugar, o manipulador dramatiza o seu discurso de modo a inquietar o manipulado, podendo chegar a aterrorizá-lo.

No que diz respeito às representações sociais, Charaudeau (2016) argumenta que um dos recursos mais utilizados pelo discurso manipulatório para a criação de um senso comum é manipulação pela sedução. O manipulador fabrica uma autoimagem (*ethos*) de *credibilidade* (quando se apoia no *frame* da racionalidade) ou de *carisma* (quando busca um enquadre mais afetivo), visando conquistar a opinião pública ao se mostrar um ‘líder nato’, um ‘político sério’, um ‘gestor competente’ e assim em diante. São retomadas simbologias sociais clássicas, como a esperança de prosperidade, a expectativa de sucesso, a sensação de vitória, etc., sempre sustentadas pela figura do manipulador.

Em termos de construção social da realidade, Charaudeau (2016) assevera que isso se desenrola a partir da “encenação do drama político” em três atos. De início, o discurso manipulatório faz alarde de uma *situação de crise*, acionando o esquema tipificador de uma *desordem social* da qual os cidadãos são vítimas (‘crise política’, ‘crise econômica’, etc.). Ato contínuo, identifica-se uma *fonte do mal* (pessoa ou grupo) responsável pela desordem e que deve ser encontrada e denunciada para servir de *bode expiatório*. Por fim, surge a *solução salvadora*, encarnada na imagem de um ‘salvador da pátria’, comprometido em reparar a situação de desordem

Ao concluir sua obra, Charaudeau (2016) enfatiza a necessidade de refletirmos, por um lado, sobre a importância de a voz do cidadão ser ouvida através da opinião pública e, por outro, acerca de permanecermos vigilantes contra a manipulação do poder no jogo político.

## **2.2 A MANIPULAÇÃO DE OPINIÃO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO**

Em regimes autoritários tradicionais, o poder era imposto pela repressão e violência física, pela força militar. Atualmente, os autoritários usam a própria democracia para atacá-la (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). É o processo de construção da opinião pública, que, operado dentro da esfera pública, estabelece a mediação entre o mundo da vida e o sistema político, permitindo que os impulsos provindos do mundo da vida cheguem até as instâncias de tomada de decisão instituídas pela ordem democrática (AVRITZER; COSTA, 2004).

Em *Vigiar e punir* (FOUCAULT, 1987), os estudos de Foucault evidenciaram práticas discursivas disciplinadoras nas prisões, nas escolas e nos hospitais. As técnicas identificadas por Foucault dispensam o uso da força, elas adiestram os indivíduos de acordo com as necessidades do poder. O poder é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas. A disciplina mantida nas prisões molda os sujeitos de modo a sujeitá-los ao controle do capitalismo, pautado pela dominação (FOUCAULT, 1987). Na política contemporânea, portanto, essa dominação com o uso da força requer o apoio popular, conforme explica Hannah Arendt: “os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre comandam e baseiam-se no apoio das massas.” (ARENDR, 1998, p. 356).

Para Van Dijk (2008), o conceito de manipulação está ligado à criação de um fato, de um argumento ficcional - não-realidade, que pressupõe a interação de sentimentos, emoções e afetividade necessárias à abstração do conteúdo por parte do público, e sua apreensão por meio de outros apelos mais vinculados ao estético, do que ao fato real. O autor (VAN DIJK, 2008) afirma ainda que a manipulação é uma forma de “abuso de poder”, de dominação. Arão (2020) preconiza que "a manipulação de sentimentos como o ódio e o medo, e outros diversos atributos que constituem a psicologia das massas, ainda são as bases das práticas contemporâneas de influência de comportamento".

O intenso uso de ferramentas e formas de manipulação nas redes sociais foi notado, particularmente, na vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016 e no referendo que decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*) em 2020, e gerou, no meio acadêmico e no debate público, uma apreensão de que as sociedades ao redor do mundo estariam acometidas por uma epidemia de desinformação (“desinfodemia”) que, em última análise, ameaçaria a democracia (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2018; UNESCO, 2020). Nessa tese, a análise da manipulação com uso da geração de ódio e medo tem especial interesse.

Charaudeau (2016) propôs, em sua teoria discursiva, o conceito de “visada”, correspondente à finalidade pragmática que todo ato de linguagem pressupõe, ou seja, ao tipo de influência que o comunicante pretende exercer sobre seu interlocutor. A visada pode ser de informação, para “fazer-saber”, mas a visada de incitação, que é utilizada pela comunicação com intuito de promover a manipulação, é para “fazer-agir” (CHARAUDEAU, 2016).

Chomsky (2013) coloca a manipulação direcionada a gerar medo e ódio como fator decisivo para que ocorresse a primeira guerra mundial:

“É necessário, também, instigar a população para que apoie aventuras externas. Como aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial, a população normalmente é pacifista. As pessoas não veem motivo para se envolver em aventuras externas, mortes e tortura. Portanto, você tem de instigá-las. E para instigá-las é preciso amedrontá-las”. (CHOMSKY, 2013, p. 14).

Um dos fenômenos de manipulação generalizada, talvez o principal deles, seja a pós-verdade (*post-truth*), termo o qual foi eleito pelo Dicionário de Oxford a palavra do ano de 2016 e ocupa uma posição de destaque no debate público. Descrita como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (OXFORD, 2016). O termo se encaixa em um mundo em que mentiras, rumores e fofocas se espalham velozmente, formando um cenário propício para a formação de redes cujos integrantes confiam uns nos outros. O contexto para que as buscas na internet pela palavra aumentassem 2.000% se relaciona com eventos ocorridos no ano de 2017, principalmente, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e a posição favorável dos britânicos ao *Brexit* (SPINELLI; SANTOS, 2018).

No caso brasileiro, notou-se a manipulação da opinião pública como fator relevante nos acontecimentos políticos mais importantes, desde o início da cobertura midiática em torno da Operação Lava Jato. Esses episódios combinados foram fundamentais para colocar a extrema-direita no comando político do país (ANSA, 2018; ENGELMANN, PILAU, 2021; VIEIRA, 2016).

A análise do fenômeno da manipulação envolve também a questão da racionalidade. Na visão de Adorno (1995), a indústria cultural - ou cultura de massa - reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas. A indústria cultural obscurece por razões objetivas. Aparecendo como uma função pública de apropriação privada do trabalho social. Na continuidade de seu próprio desenvolvimento, o esclarecimento se inverte em obscurantismo e ocultamento (ADORNO, 1995).

A internet, que tinha condições de se tornar um fórum que pudesse servir como a nova “esfera pública” – conforme conceituado por Habermas (1997) -, o lugar onde a democracia acontece, acabou se transformando em mais um local onde a política atua no nível afetivo, principalmente na imaginação, a que recorremos quando há falta de conhecimento. E esse apelo emocional tem sido obtido pela criação de mitos populares, memes e criacionismo. Bauman (1999) afirma que as tentativas de impor a racionalidade e eliminar a irracionalidade resultam em “explosões espetaculares” de irracionalidade. Portanto, eliminar a irracionalidade é em si algo irracional, o que Hazard (1935) chamou de “razão agressiva”. Isso explica como democracias tanto de

esquerda quanto de direita, mesmo que busquem racionalidade, podem conter ainda alto grau de violência.

Uma conclusão importante do estudo de Smith (2019) é que o sujeito manipulador encontra, na racionalidade, os meios para atacar a irracionalidade do manipulado, por meio de suas emoções, e assim, dominá-lo. A lógica tem sido concebida por grande parte da história como a ciência da razão. A lógica, no entanto, pode ser usada para fins nefastos como ferramenta em uma manobra de poder. As regras da inferência válida podem ser empregadas para manipulação. Como exemplo, tem-se a produção de sofismas, em que crenças (irreais) ligadas a emoções são associadas a uma lógica válida, produzindo argumentos lógicos, que as pessoas acreditam ser a verdade, mas são falsos. Essa falsidade abriu as portas para um universo de possibilidades imaginativas. É dessa forma que a lógica não está a salvo da corrupção: ela é particularmente propensa à corrupção por paixões humanas e interesses próprios (SMITH, 2019).

A lógica foi utilizada por quem possui a “operação da falsidade” para a propagação de “pseudociência”. Muitos dos donos das tecnologias digitais, segundo o autor, já se veem como epistocratas, como se fossem qualificados para assumir onde a democracia fracassou (SMITH 2019). Os políticos, como “operadores da falsidade”, não são, portanto, necessariamente irracionais, mas atuam como propagadores de irracionalidade. Racionalidade ser usada para gerar irracionalidade, de forma intencional (SMITH, 2019).

Morozov (2010) enfatiza que a disseminação das mídias digitais, ao contrário do que os autores da “utopia digital” previam, parece não ter fortalecido as instituições democráticas ao redor do mundo ou ter criado uma nova cultura de participação política. Em vez disso, o autor argumenta que, ao longo das últimas duas décadas, essa rede de comunicação e informação ampliou as forças políticas já existentes e tornou a política ainda mais inflamável, de forma que “cada vez mais a internet parece uma versão sobrecarregada do mundo real” (MOROZOV, 2010).

De forma semelhante, Kakutani (2018, p. 151) argumenta que, nos últimos anos, a internet demonstrou ser uma ferramenta que “agentes mal-intencionados podem explorar facilmente para espalhar informações errôneas e desinformação, crueldade e preconceito”. Hindman (2009), Schiffrin (2017) e Farkas (2018) também argumentam que a crença no efeito democratizador das mídias digitais é equivocada.

Castells (2007) argumenta que o sistema comunicacional e informacional é historicamente uma fonte de contrapoder e também de poder; e não somente um instrumento de transformação social, mas também de domínio, demonstrando claramente o perigo que a democracia e as sociedades estão expostas diante dessa nova dimensão da interação humana. Isso porque o poder, enquanto capacidade de influenciar as decisões em seu favor, só pode ser exercido por meio do controle das ideias. Portanto, a comunicação é essencial à medida que permite influenciar os valores e as normas (CASTELLS,2007). Assim, é fato que as ferramentas disponíveis na internet não foram utilizadas apenas pela população. Essa nova esfera da vida pública logo passou a ser explorada também pelo *marketing* político, que precisou redefinir suas estratégias para desenvolver campanhas eleitorais adaptadas ao ambiente digital (GIBSON *et al.* 2003).

O autor francês Sylvain Timsit (2002), com base nas ideias do linguista e filósofo Noam Chomsky, identificou dez estratégias de manipulação midiática das massas: 1) A Estratégia da Distração; 2) Criar problemas e depois oferecer soluções; 3) A Estratégia da Gradualidade; 4) A Estratégia de Diferir (adiar); 5) Dirigir-se ao público como a criaturas de pouca idade; 6) Explorar a emotividade muito mais que estimular a reflexão; 7) Manter o público na ignorância e na mediocridade; 8) Impor modelos de comportamento medíocres; 9) Reforçar a auto-culpabilidade; 10) Conhecer os indivíduos melhor do que eles mesmos se conhecem.

O termo “manipulação das massas” ficou bastante difundido devido ao seu uso pela propaganda do regime nazista. A “nazificação” da nação alemã não foi conseguida apenas por meio da intimidação, uma vez que a conversão, implementada por meio da manipulação das massas, representou um fator mais eficiente e de maior relevância para o Partido (ROLAND, 2017). O aperfeiçoamento das transmissões de rádio provocou uma ampla transformação nas estratégias de manipulação de massas, especialmente pelas possibilidades de influenciar uma grande quantidade de pessoas em tempo real (LINEBARGER, 1962). Em 1933, a Alemanha possuía uma infraestrutura de comunicação bastante desenvolvida para a época, sendo considerada uma das pioneiras no desenvolvimento do rádio e da televisão, o que facilitou a manipulação em massa realizada pela propaganda nazista ocorrida antes da segunda guerra mundial (ROLAND, 2017).

Após a segunda guerra mundial, a Europa precisou passar por reconstruções econômicas e materiais. Ao mesmo tempo em que recebia ajuda econômica, os países que foram dominados pelo regime nazista passavam por um período de reconstrução social/cultural comandado pelos países Aliados. Essa reconstrução ocorreu com as tentativas de expurgar os membros nazistas e fascistas ainda presentes nessas sociedades. Além disso, os Aliados, em especial os norte-americanos, também tinham como objetivo “plantar as sementes da democracia e da liberdade na vida pública alemã”. Esse período ficou conhecido como desnazificação (JUDT, 2008).

A manipulação das massas pelo governo nazista foi coordenada por Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler durante o governo nazista. A manipulação pela propaganda nazista foi realizada obedecendo aos 11 princípios da propaganda de Goebbels (DOOB, 1950):

1. Princípio da Simplificação e do Inimigo Único: simplificar e estabelecer que um único objetivo por vez seja fixado a um grupo específico de pessoas ou em oposição a somente um grupo de pessoas;

2. Princípio do Contágio: Divulgue a capacidade de contágio que este inimigo tem. Colocar um antes perfeito e mostrar como o presente e o futuro estão sendo contaminados por este inimigo;

3. Princípio da Transposição: transladar todos os males sociais a este inimigo;

4. Princípio da Exageração (ampliação) e desfiguração: é exagerar as más notícias até desfigurá-las transformando um delito em mil delitos criando assim um clima de profunda insegurança e temor;

5. Princípio da Vulgarização: transforma tudo numa coisa torpe e de má índole. As ações do inimigo são vulgares, ordinárias, fáceis de descobrir;

6. Princípio da Orquestração: fazer ressonar os boatos até se transformarem em notícias sendo estas replicadas pela imprensa oficial;

7. Princípio da Renovação: Sempre há que bombardear com novas notícias (sobre o inimigo escolhido) para que o receptor não tenha tempo de pensar, pois está sufocado por elas;

8. Princípio do Verossímil: discutir a informação com diversas interpretações de especialistas, mas todas contra do inimigo escolhido. O objetivo deste debate é que o receptor, não perceba que o assunto interpretado não é verdadeiro;

9. Princípio do Silêncio: ocultar toda a informação que não seja conveniente;

10. Princípio da Transferência: potencializar um fato presente com um fato passado. Sempre que se noticia um fato se acresce com um fato que tenha acontecido antes;

11. Princípio de Unanimidade: busca convergência em assuntos de interesse geral apoderando-se do sentimento produzido por estes e colocá-los em oposição do inimigo escolhido.

A desnazificação foi um processo que começou em 1945 e terminou em muitos países em 1948. Esse curto período de atividade se deve ao começo da Guerra Fria e ao redirecionamento dos esforços e dos programas antinazistas para projetos antiamericano e antissoviético. Os projetos e programas de desnazificação foram criados, mormente, para atuarem em países que sofreram dominação ou foram colaboradores do regime nazista, durante a Segunda Guerra (JUDT, 2008).

Os processos e os projetos de desnazificação na Europa, de uma maneira geral, acabaram não trazendo os resultados esperados, pois os países Aliados encontraram muitas dificuldades e problemas de ordem prática. Além do problema da identificação dos nazistas, outro obstáculo que atrapalhou a desnazificação foi a dificuldade em achar mão de obra, principalmente mão de obra especializada sem ligações com o nazismo. A falta de mão de obra não nazista é explicada devido aos servidores públicos terem que se filiar ao Partido e muitos empresários também colaboraram para o regime nazista, como foi o caso da Renault na França – algumas fábricas foram nacionalizadas como punição do Estado francês ao colaboracionismo de Louis Renault; e dos altos executivos das empresas I. G. Farben e Krupp na Alemanha e da Fiat na Itália. No caso dos empresários, houve pouquíssimas punições para eles, pois os governos precisavam do dinheiro de suas fábricas, companhias, indústrias, para ajudarem na reconstrução dos países (JUDT, 2008).

Os setores que menos passaram pelo processo da desnazificação, de uma maneira geral, foram o ensino universitário e a justiça. Os países tinham poucos advogados, juízes e professores não nazistas disponíveis, e, dessa forma, a única

saída encontrada foi aceitar a continuação dos serviços prestados pelos nazistas classificados “menos criminosos”. Por causa desses obstáculos para a desnazificação, o projeto de reeducação foi muito limitado. Pesquisas de opinião realizadas entre 1946-1952, no lado ocidental da Alemanha, em especial nas zonas de ocupação norte-americana, mostram que a opinião dos alemães foi pouco alterada:

“...em novembro de 1946, 37% dos alemães consultados numa pesquisa realizada na zona norte-americana expressaram a opinião de que “o extermínio de judeus, poloneses e outros não-arianos foi necessário para a segurança dos alemães”.

Na mesma pesquisa, com data de novembro de 1946, um alemão em cada três concordava com a proposição de que judeus não deveriam ter os mesmos direitos que indivíduos pertencentes à raça ariana.” (JUDT, 2008, p. 72).

Como a desnazificação rendeu poucos resultados esperados, a estratégia do esquecimento dos acontecimentos e da memória recente começou a ser adotada em vários países europeus, como na França em seu período colaboracionista; e na Alemanha e na Áustria, com as suas “passividades” e “aceitação”, da maioria da população, com o regime nazista. Comprometendo ainda mais a desnazificação, havia o fato de, como Tony Judt (2008) aponta, de que muitos alemães viam a si próprios como vítimas (seja dos nazistas ou dos Aliados) e viam com desdém medidas como os questionários ou medidas educativas, como a projeção de documentários, “pois uma coisa era exigir que os alemães assistissem; outra, bem diferente, era forçá-los a prestar atenção, e mais ainda pensar naquilo que viam”. Diante disso, o discurso que pregava a “amnésia coletiva” em prol da reconstrução econômica angariou, fácil e rapidamente, muitos adeptos.

A manipulação pelo discurso de medo e ódio tem sido amplamente utilizada pelos movimentos neonazistas (em suas diversas variações), com destaque ao movimento Tradicionalista, sendo esse o movimento que mais obteve crescimento e sucesso nas suas iniciativas pelo uso das diversas formas de manipulação. Como integrantes do movimento do Tradicionalismo, destacam-se Aleksandr Dugin, Olavo de Carvalho e, principalmente, Steve Bannon (TEITELBAUM, 2020).

Pode-se destacar na atualidade a manipulação exercida pela extrema-direita, que tem sido apontada como produtora e disseminadora de desinformação, *fake news*

e discurso de ódio. O pesquisador e etnógrafo norte-americano Benjamin Teitelbaum (2020) cunhou o termo Tradicionalismo para definir a ideologia global da extrema direita manipuladora. O autor (TEITELBAUM, 2020) entrevistou e analisou três personagens que se destacaram como influenciadores do Tradicionalismo em escala internacional: Aleksandr Dugin, Olavo de Carvalho e, principalmente, Steve Bannon. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, a escalada populista com flerte autoritário dos Governos de Jair Bolsonaro e Donald Trump suscita comparações com o fascismo.

Mas, para Teitelbaum (2020), há diferenças importantes entre as ideologias do fascismo e do Tradicionalismo. Essa ideologia é mais radical em suas concepções antimodernistas do que o próprio fascismo: enquanto o fascismo é futurista, modernista, o Tradicionalismo vai na direção contrária: quer voltar para trás. E é nesse ponto que as ideologias se separam. Ambas se opõem ao feminismo, ao multiculturalismo, às políticas emancipatórias contemporâneas. Mas as diferenças são significativas. Há um elemento de destruição no Tradicionalismo que não necessariamente existe no fascismo. O fascismo historicamente era amistoso com a ideia de modernização e com o pensamento científico. Quando Julius Evola rompeu com os nazistas, foi justamente quando ele achou que eles estavam sendo materialistas demais, científicos demais. O grande contexto é que o Tradicionalismo é cético em relação à ciência. (DUARTE, 2020).

Por Tradicionalismo - com um T maiúsculo – Teitelbaum (2020) se refere a uma escola filosófica, esotérica e espiritual, que se tornou política. Os seguidores dessa ideologia basicamente acreditam que a humanidade está ao fim de um longo ciclo de declínio e que vai ser concluído com destruição e renascimento. O Tradicionalismo acredita que é preciso haver um cataclismo para restaurar o que acreditam ser a verdade. Soa como uma agenda de caos, onde a destruição é a agenda. De acordo com essa ideologia, a mídia não informa, os cientistas não fazem ciência, as universidades não ensinam mais e são uma "perda de tempo", e os grupos de reflexão política não entendem a política. A inautenticidade e a falta de significado dos títulos, cargos e instituições é o fio condutor comum. O nosso mundo seria um mundo de simulações. O Tradicionalismo prepara assim um caminho místico em direção ao sentimento de *antiestablishment* - a menos que ele chegue ao poder. E o pensamento

molda as atitudes em relação aos conceitos, assim como as pessoas (TEITELBAUM, 2020).

O Tradicionalismo impulsionou seus esforços contínuos para elevar Donald J. Trump, para alinhar os Estados Unidos e a Rússia, bem como suas campanhas para reforçar os partidos nacionalistas em todo o mundo, alvejando a União Europeia e o Partido Comunista da China. O Tradicionalismo também inspirou os líderes populistas brasileiros a distanciar seu país da China e a abraçar os Estados Unidos e, paradoxalmente, a relutância da Rússia em buscar novas parcerias com o Ocidente. Aos olhos de Bannon, Donald Trump é "o Perturbador". Também o ouvi dizer "o Destruidor". Esse é o entendimento de Steve, pelo menos (TEITELBAUM, 2020).

Teitelbaum (2020) relembra o episódio em que o Tradicionalista Olavo de Carvalho fez um ataque aos estudantes universitários, afirmando que: "se eu lhe mostrasse fotos de universidades brasileiras, você só veria pessoas nuas fazendo sexo". Eles vão à universidade para fazer sexo, e se você tentar detê-los, eles se revoltam, começam a chorar, eles dizem que você é um opressor" (TEITELBAUM, 2020).

Como Bannon, Olavo encontra um traço de consolo entre os pobres e sem instrução, os mais distanciados da educação institucionalizada e da produção do conhecimento. É um anti-estabelecimento, anti-elite e causa política revolucionária que defende as massas. Os conceitos essenciais do Tradicionalismo, conforme Steve Bannon (TEITELBAUM, 2020), foram "a rejeição da modernidade, a rejeição do Iluminismo, a rejeição do materialismo", juntamente com o entendimento de que "a cultura, a verdadeira cultura, é baseada na imanência e na transcendência". Esotérico. O termo em sua definição restrita descreve conhecimento que foi rejeitado, na maioria das vezes conhecimento rejeitado em favor da razão e da ciência, e que, portanto, não é aparente para a maioria da sociedade moderna ocidental.

Até aqui, pesquisa na literatura teve foco nos atores políticos que manipulam a opinião pública no cenário internacional, e nos aspectos psicológicos dessa manipulação que levam à dominação das massas. Tendo em vista que a manipulação da opinião pública tem sido o meio para autoritários chegarem ao poder nas democracias, com o uso das mídias e da internet, o presente estudo passa a focar a mídia, nas formas e nos meios pelos quais as mídias manipulam a informação, e também nas relações de poder existentes entre as mídias e a política.

## 2.3 A MÍDIA E A DISPUTA PELO PODER

Em consequência do inegável poder que a imprensa acumulou ao longo dos tempos, ela passou a ser considerada como um quarto poder, em relação aos três poderes concebidos pelo Barão de Montesquieu em sua principal obra, *O Espírito das Leis* (MONTESQUIEU, 1996 [1748]). Segundo Albuquerque (2009), a imprensa ganhou um papel de publicização de certos temas em detrimento de outros, e, portanto, o poder de determinar a agenda pública, conhecido como *agenda setting*.

Estudos demonstram que é relevante a influência dos meios de comunicação nas atitudes e nos comportamentos políticos dos cidadãos, na estruturação de uma cultura política (WRIGHT, 1975; LASSWELL, 1948; SHAW, 1979; ROBINSON, 1981). Na área da comunicação, os estudos que avaliam os efeitos dos meios de comunicação na população, em um primeiro momento, concentraram-se nas mensagens emitidas pelas mídias e seu efeito nos cidadãos (WRIGHT, 1975; LASSWELL, 1948) e, no segundo momento, no processo de seleção, produção e divulgação das informações através das mídias (SHAW, 1979; ROBINSON, 1981). Na primeira fase, foram desenvolvidas as Teorias: i) Teoria Hipodérmica, ii) Teoria da Persuasão; iii) Teoria dos Efeitos Limitados, iv) Teoria Funcionalista; v) Teoria Crítica; e vi) Teoria Culturológica. A partir de 1970, começa a segunda fase dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação, na qual foram desenvolvidos a Teoria do Agendamento, o *Gatekeeper* e o *Newsmaking*.

No caso da editoria de internacional, a teoria do *gatekeeper* se mostra ainda mais evidente, já que uma grande quantidade de informações do mundo inteiro, proveniente de correspondentes internacionais e de agências de notícias, deve ser selecionada e categorizada para que seja possível escolher a parte que fará parte da edição do dia (PICCININ, 2005). A maior parte do material que chega à redação – seja em qualquer editoria – é desprezada por não se enquadrar nos critérios de notícia, pela falta de tempo (espaço) no telejornal, ou pela impossibilidade operacional/ideológica de ser produzida e/ou noticiada. O questionamento que se faz, no entanto, é quando e quais as notícias que devem ser eleitas e quais não devem ser eleitas uma vez que se está falando de um material essencialmente subjetivo (PICCININ, 2005).

Por conta disso, a noticiabilidade, que é o centro da teoria do chamado *newsmaking* é, segundo Hohlfeldt (2002), uma teoria específica do jornalismo, por tratar exatamente da transformação dos acontecimentos em notícia, relacionada não somente às influências e relações editoriais, mas também ao que se chama constrangimentos organizacionais. Além de fragmentar a informação, esses constrangimentos são um disfarce para a apresentação da notícia de forma objetiva e sob um condicionamento na sua produção e no seu tratamento.

Dessa maneira, no *newsmaking*, a estrutura acaba por fragmentar a informação, já que condiciona o processo de produção de notícias que, apesar de sua reflexibilidade, e de estarem implantadas no contexto da sua produção, segundo Traquina (1993), são apresentadas de forma indexical, ou seja, divorciadas do seu contexto de produção. Por exemplo, o jornalista pode citar a fonte sem indicar como uma certa pergunta provocou a resposta da fonte. E saber como as notícias são produzidas é imprescindível para compreender o que significam (TRAQUINA, 1993). No caso do telejornal, percebe-se nitidamente essa questão, uma vez que a rotina diária de produção e exibição está submetida a uma série de limitadores e operações que, muitas vezes, não têm, nem de longe, relação com a seleção da notícia por sua importância editorial (PICCININ, 2005).

De acordo com Dewey (2004), à imprensa caberia a função de agente promotora de discussão, cultivando na comunidade certas habilidades vitais, tais quais ouvir, compreender, debater as diferentes alternativas e argumentar sobre o que está sendo proposto. Nessa direção, Schudson (1996) argumenta que as notícias em um jornal ou televisão têm uma relação com o mundo real, não só no conteúdo, mas na forma, o que transfigura de tema de discussão para uma premissa de qualquer possível conversa. A mídia televisiva tem reconhecido que, no tocante ao jornalismo, as notícias podem funcionar como “foro cultural”, ao permitir aos telespectadores estarem interessados nos mesmos assuntos. Assim, a oferta de notícias pelo telejornal é fonte das conversas cotidianas (SILVERSTONE, 1996).

O discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade. Esta modalidade discursiva estipula, segundo Charaudeau (1983), dois “contratos enunciativos”: um “contrato de autenticidade”, segundo o qual os eventos relatados devem ser “fiéis” à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser “objetivas”) e um “contrato de seriedade”,

uma espécie de “contrato moral” que liga o “sujeito informador” (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações (CHARAUDEAU, 1983).

O panorama mundial é fornecido pela informação partilhada pelos meios de comunicação. No caso do jornalismo, ele desfruta da legitimidade concedida pela sua própria natureza, que é a de fornecer notícias e distribuí-las. Assim, para a grande maioria dos consumidores – leitores, ouvintes, telespectadores e internautas – as mídias são encarregadas de trazer-lhes os acontecimentos sobre os quais eles devem tomar conhecimento para saber o que se passa no mundo (PICCININ, 2005).

Na Ciência Política, apesar dos trabalhos sobre os meios de comunicação estarem mais focados nas eleições e pesquisas de opinião pública (MIGUEL, 1998 e 2003; BOURDIEU, 1973), aborda-se, também, o impacto dos meios de comunicação na consolidação da democracia (ENTMAN, 1989; PUTNAM, 2002), construindo duas perspectivas: a teoria da mobilização e dos efeitos negativos. Tais perspectivas analisam as consequências do uso dos meios de comunicação no engajamento político dos cidadãos.

A primeira teoria, dos efeitos negativos (PATTERSON, 1998 e 2000; MERVIN, 1998; NEGRINE, 1996, CAPELLA & JAMIESON, 1997; PUTNAM, 1995), trabalha com a perspectiva que os meios de comunicação interferem de forma negativa no aprendizado dos assuntos públicos, diminuindo a confiança no governo e na participação política. A segunda teoria, a teoria da mobilização, acredita no poder de mobilização política das mídias.

A perspectiva dos efeitos negativos começou com os estudos de efeitos mínimos da mídia na opinião pública, na década de 1960, mas foi a partir de 1990 que essa perspectiva se ampliou, com as críticas aos meios de comunicação. Patterson (1998) constatou que as instituições representativas estavam enfraquecendo, e com isso era esperado que a mídia ocupasse esse lugar, mas, para o autor, o papel da mídia não é este. Além de informar e vigiar o poder público, espera-se que ela consiga conduzir a agenda pública.

De acordo com Patterson (2000), as tendências do jornalismo nos Estados Unidos se refletem no negativismo e no jogo. O jogo é a necessidade que o jornalismo tem de comercializar a informação, o que degrada a arena política, visto que os políticos e governantes necessitam disputar o poder perante a mídia. E o negativismo

é a onda de aumento das notícias negativas, com relação às positivas. Isso acaba por desencadear um certo atrito entre a população e os seus representantes políticos. Segundo o autor (PATTERSON, 2000), a mídia tem ido além da crítica responsável, pois está roubando dos líderes políticos a confiança pública necessária para governar.

Um dos estudos que respalda com a teoria dos efeitos negativos é o de Putnam (2002), em que o autor traz a televisão como a principal responsável, em especial o consumo de entretenimento, pela degradação do capital social nos Estados Unidos. Seu argumento é de que a televisão destruiu o capital social, à medida que substituiu as atividades sociais e de lazer fora de casa, além de ser responsável por uma visão mais cínica em relação à democracia. Além disso, Putnam (2002) também aponta a internet como maléfica para o engajamento cívico, uma vez que a internet vem alimentando o debate começado pela TV em relação ao declínio do capital social.

Como alternativa a estas perspectivas negativas em relação ao consumo dos meios de comunicação, em especial a TV e a internet, tem-se a teoria da mobilização. Essa perspectiva, segundo Norris (2000), precisa identificar os efeitos positivos e negativos de cada mídia, para que seja possível fazer uma análise mais aprofundada dos seus efeitos. Para a autora, apesar das grandes mudanças na indústria das notícias, não existe clareza de que isso tenha deteriorado a cobertura política e causado efeitos negativos na população.

As duas teorias (efeitos negativos e mobilização) não podem ser excludentes, é necessário relativizar os efeitos dos meios de comunicação, pois é perceptível que os conteúdos veiculados podem ocasionar tanto efeitos negativos quanto positivos com relação à política (MORAIS, 2017).

Nesse contexto, fechando esses destaques sobre a mídia, o presente estudo inicia o debate sobre o papel da mídia como elo que permite ao poder privado influenciar e dominar o poder público estatal.

Os poderes do Estado acabam se relacionando com o sistema total, que tende a usá-los como veículos de seus tentáculos de dominação. Ante isso merece ser refinada a compreensão foucaultiana, segundo a qual é necessário entender “que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados” (FOUCAULT,

1979). O autor afirma ainda que, se a função do poder fosse só reprimir, agindo por meio apenas “da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil”, complementando que sua força reside em sua capacidade de produzir “efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber” (FOUCAULT, 1979).

Para Gramsci (1978), hegemonia é “uma unidade intelectual e uma ética adequadas a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos”. Cabe à mídia o exercício dessa tarefa de absorção e pedagogia em relação à hegemonia. Seguindo esta direção, Foucault (1979) alerta para “os componentes materiais e econômicos da opinião”, constituindo-se as mídias em “uma materialidade que obedece aos mecanismos da economia e do poder em forma de imprensa, de edição, depois de cinema e televisão”.

De acordo com as concepções de Geertz (1978) e de Hall (1997), depreendemos que a noção de realidade de cada indivíduo é social e culturalmente construída, estando vinculada à significação atribuída a esta realidade pelo grupo ou sociedade em cujo contexto este indivíduo se insere (BERGER & LUCKMANN, 1985). Os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciam a conduta dos sujeitos em um grupo social e, assim, têm efeitos práticos e reais. A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em “definir a realidade”. Esta dimensão de circulação de poder presente no ato de comunicação é evidenciada por Bourdieu (1977), ao referir-se à constituição social da chamada “competência linguística” como uma instância de poder, o poder de “impor a recepção”:

“A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. (...) Daí a definição completa da competência como o direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção” (BOURDIEU, 1977, p. 5-6).

Ao se pensar sobre a produção de notícias, sua origem e tratamento, é preciso considerar tanto os mecanismos ideológicos, quanto os operacionais que vão resultar no que se chama de rotinas produtivas praticadas dentro das redações. Tomando a perspectiva histórica, vê-se o jornalismo brasileiro, seguidor da orientação norte-americana, trabalhando com a defesa da objetividade e da imparcialidade como pressupostos reais e factíveis. Por outro lado, o jornalismo europeu sempre explicitou seu posicionamento, até porque, por muito tempo, a radiodifusão esteve presa ao controle do Estado nos países europeus, sofrendo sua forte influência, e por conta disso não se admite imparcial e objetivo por conhecer essa impossibilidade. (PICCININ, 2005).

Gaye Tuchman (1999) argumenta que os jornalistas, para dar credibilidade às interpretações que o público espera que ofereçam sobre o mundo, recorrem a rotinas ritualizadas, a saber: 1) a apresentação de possibilidades conflituais, ou seja, os famosos dois lados da questão ou “contraditório”; 2) A apresentação de provas auxiliares, utilizando “fatos expressivos” que justifiquem as avaliações apresentadas; 3) O uso judicioso das aspas, que permite transferir a terceiros, personagens ou especialistas, a responsabilidade pela avaliação, interpretação ou posição; 4) a estruturação da informação numa sequência apropriada, hierarquizando por meio dos atributos formais da notícia, do título ao lead, o que é para ser considerado mais importante em cada matéria (TUCHMAN, 1999, p. 79-84). Por intermédio da obediência a essas normas, os jornalistas norte-americanos oferecem sua interpretação do mundo como legítima e objetiva, escapando à tomada explícita de posição, rejeitada por este modelo de imprensa.

Já no caso brasileiro, tem-se que a mídia brasileira é um negócio familiar. É o que afirma a pesquisa Monitoramento da Propriedade da Mídia - *Media Ownership Monitor* (INTERVOZES, 2017), realizada em conjunto com as ONGs brasileiras Intervezes e Repórteres Sem Fronteiras (RSF). De acordo com a publicação, 50% da mídia brasileira é controlada por cinco famílias e se “somados o grupo Estado, do jornal O Estado de São Paulo; o grupo Abril, da revista Veja; e o grupo Editorial Sempre Editora, do jornal O Tempo, são oito famílias controlando 32 dos 50 maiores veículos, ou 64% da lista”. (LIMA, 2017).

Tais famílias são também oligarcas em outros setores importantes da nossa sociedade, como bancos, igrejas e faculdades (MESQUITA, 2018):

“Além de controlar as empresas de comunicação, os proprietários da mídia no Brasil mantêm fundações privadas que oferecem serviços educacionais e empresas no setor de educação. São ativos nos setores financeiro, de agronegócios, imobiliário, de energia e de saúde / empresas farmacêuticas. (...)

“A família Macedo, que controla o grupo Record e a Igreja Universal do Reino de Deus, também domina um partido político, o Partido Republicano Brasileiro (PRB), que conta com um ministro no governo federal, um senador, 24 deputados federais, 37 deputados estaduais, 106 prefeitos e 1.619 vereadores.” (REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS, 2017).

“(...) em 2006, foi lançado oficialmente o principal *think tank* da direita no Brasil, o Instituto Millenium. Armínio Fraga (escolhido para ser ministro da Fazenda de Aécio Neves se ele vencesse as eleições) é sua figura mais conhecida no campo econômico. Seus mantenedores são a Gerdau, a editora Abril e a Pottencial Seguradora, uma das empresas de Salim Mattar, dono da locadora de veículos Localiza. A Suzano, o Bank of America Merrill Lynch e o grupo Évora (dos irmãos Ling) também são parceiros. William Ling participou da fundação do Instituto de Estudos Empresariais (IEE) em 1984, que, formado por jovens líderes empresariais, organiza o Fórum (2) desde a primeira edição; seu irmão, Wiston Ling, é fundador do Instituto Liberdade do Rio Grande do Sul; o filho, Anthony Ling, é ligado ao grupo Estudantes pela Liberdade, que criou o MBL. O empresário do grupo Ultra, Hélio Beltrão, também está entre os fundadores do Millenium, embora tenha o próprio instituto, o Mises Brasil.” (AMARAL, 2015, s.p.).

Piccinin (2005) explica que a imprensa pode criar uma visão de mundo ao espectador. Ao telespectador brasileiro, por exemplo, que nunca fez uma viagem internacional – o que não é raro – a fonte de informações sobre o mundo está restrita aos meios de comunicação, sendo essa a fonte de informação praticamente exclusiva desse usuário para a formação de uma ideia sobre os países do mundo inteiro e suas configurações políticas, econômicas, sociais e culturais (PICCININ, 2005).

O fenômeno da pós-modernidade, visto por Jameson (1997), preconiza não apenas a fragmentação ideológica e comunitária por parte do sistema capitalista tardio, mas faz com que as narrativas históricas também variem conforme a lei da mais valia. Se, no passado, a história oficial era feita pelos vencedores, atualmente, é contada por quem melhor pagar pelos meios que irão contá-la e, assim, convencer mais facilmente (SILVA, 2017). Um exemplo disso foi a pífia cobertura dada ao caso da tragédia do rompimento da barragem de dejetos minerais em Mariana. A empresa Samarco é controlada pela Companhia Vale do Rio Doce. A Vale tem como um dos seus acionistas a companhia de investimentos Bradespar, vinculada ao segundo maior banco privado do país. O Bradesco é o maior patrocinador daquele que se intitula Jornal Nacional, que por sua vez tratou o caso com a superficialidade incompatível com a magnitude do maior desastre ambiental da história (SILVA, 2017).

Outro exemplo ocorreu por ocasião da Operação Lava Jato quando gravações telefônicas entre a Presidenta da República e seu predecessor foram interceptadas e veiculadas no mesmo telejornal, sendo as falas dubladas com entonação e interpretação pelo âncora. Contudo, o mesmo jornalístico tem como patrocinador aquela instituição financeira cuja maior parte dos lucros advenha das taxas de juros estabelecidas na economia. No entanto, em 2012, tais taxas atingiram seus menores índices em décadas, por interferência do governo federal na economia através dos bancos públicos. Isso reduziu os lucros (SILVA, 2017).

Não se trata aqui de questionar a pura veiculação de notícias, tampouco de se criticar a qualidade delas. Mas, abordar uma real tentativa de produzir novelizações midiáticas cujo propósito apaixone as massas, induza e manipule-as. Com isso se constrói novas narrativas históricas de maior ou menor abrangência ou sobreposição daquelas existentes, conforme a intensidade e coesão em torno de certas demandas (SILVA, 2017).

Segundo Benjamin (2012), já que o fascismo estetizou a política é preciso politizar a arte. A política e o jornalismo informativo têm empregado meios estéticos, e até fetichistas, para transmitir a todo o custo por meio sensível suas informações. A produção de consenso e mobilização da sociedade em torno dos interesses hegemônicos tem sido feita realizada através do bombardeio aos sentidos. Enfim, o busca-se atingir a lógica discursiva através do sensorial, da *aesthesis* (BENJAMIN, 2012).

Algumas características podem ser identificadas nessas dramatizações, ou novelizações. Uma delas é o necessário emprego da edição e montagem, como técnicas cinematográficas. Para Bürger (2012), a montagem é uma composição a partir de fragmentos da realidade, que diferencia a ficção da realidade, no sentido de que retira um objeto do seu sentido originário e reconecta-o com um contexto geral outro. O paradoxo da montagem tanto cria quanto rompe com a ilusão ao expor em si os mecanismos de uma manipulação para produzir ilusão. A montagem expõe que não sendo vida real objetiva, ela mesma é ilusória enquanto tentativa de representação do real a partir da perspectiva de alguém (BÜRGER, 2012).

Além disso, há o emprego do melodrama enquanto estilo (e não gênero) é utilizado para provocar empatia do público, aproximando a abordagem dos fatos reais com o realizado nas novelas. O cerne dessa ficcionalização é a produção da angústia

como impulso para movimentar as massas. Uma estetização das narrativas informativas para produzir um afeto estético, sensibilizar, e atingir mais o efeito de manipulação coletiva. O real sofre constante artificialização, os indícios são apresentados como parte importante da trama, sem a necessidade da comprovação final. Não há retratação midiática por eventuais danos e falsas conclusões induzidas, aliás, as insinuações são o objetivo permanente (SILVA, 2017).

Silva (2017) reforça que discutir a democratização das mídias é um problema tão urgente quanto a reforma política ou seguir com as investigações anticorrupção. Mesmo que o brasileiro continue tendo ojeriza de assumir a necessidade de popularizar certos oligopólios, como o da imprensa, por exemplo. Tudo soa comunista, mas faz parte da nossa dificuldade em admitir a luta de classes para resolver as tensões sociais presentes. Talvez, por isso, repudiem-se as teorias marxistas. No entanto, ninguém faz revolução por outrem, somente o oprimido pode rebelar-se em demanda pelos direitos que julgar em prejuízo. Que testemunhe sobre isso o governo norte-americano que jamais conseguiu “impor” sua democracia a nenhum de seus invadidos (SILVA, 2017).

Nas democracias modernas, golpes de Estado são arquitetados com táticas em manipulação da opinião pública por meio digital. Percebe-se que as empresas de comunicação visam o lucro e a defesa dos interesses políticos e econômicos dos seus donos. Sendo assim, o jornalismo vira uma arma política de manipulação da opinião pública (MESQUITA, 2018).

Tendo sido apresentados nesse Capítulo todos esses elementos que ligam a disputa pelo poder político e econômico ao poder da imprensa, a presente pesquisa passa a analisar essas relações no caso da cobertura midiática da Operação Lava Jato.

## **2.4 OS EFEITOS DA OPERAÇÃO LAVA JATO**

A transformação do real, da coisa em si historicamente datada, em uma representação individual, uma experiência vivida dos indivíduos de forma subjetiva não é nova, data de séculos passados (XVIII e XIX), donde citaremos o idealismo subjetivista de Nietzsche (1974) quando afirmou que “não há fatos, só interpretações”.

Para Nietzsche (1974) a coisa em si era vazia de significação e a verdade era tida como utilidade. São estas as bases e fundamentos das teorias estruturalistas e pós-estruturalistas da linguagem e do discurso que tendem a matar a história enquanto processos e mediações concretas, por interpretações subjetivistas (LIMA, 2020).

Na prática, a subjetivação da objetividade histórica abre margem para a transformação de fatos e mediações concretos em interpretações subjetivas e para a defesa ideológica dos burgueses em afirmar a inexistência da luta de classes, a não existência de fatos históricos concretos como a ditadura militar e o racismo no Brasil, a negação dos processos históricos de exploração contidos na relação capital-trabalho e em alguns extremos, temos o caso de historiadores neonazistas que defendem a inexistência do holocausto (LIMA, 2020).

Na realidade brasileira temos a crescente negação da ditadura civil-militar e mesmo uma tentativa de reescrever a história por parte da extrema direita, e nas últimas eleições a negação da objetividade das coisas por *fake news*, de certa forma, contribuiu para a eleição do presidente Jair Bolsonaro, o “messias” salvador. Estes são os perigos de relativizar a história que, de certo modo, pode fornecer a base ideológica para a práxis reacionária da burguesia, sobretudo em conjunturas de crises. Além do mais, permite-se de forma mágica, dissociar autores e suas obras de suas práticas políticas e posições de classe, a exemplo dos adoradores de Nietzsche e Heidegger que negam a visão aristocrática e contrária ao comunismo do primeiro e a participação integral no nazifascismo do segundo, tudo isto a partir do corte epistêmico (LIMA, 2020).

A negação da realidade enquanto totalidade por cortes epistemológicos se tornou um grande instrumento de manipulação da realidade e práxis operativa das direitas no mundo, influenciando inclusive dimensões escalares da política nacional e internacional, a exemplo das últimas eleições presidenciais dos EUA e do Brasil. Por certo, esse instrumento já era utilizado pelos nazistas alemães para enganar a opinião pública. Era de costume em alguns campos de concentração tirar fotografias e recortes alegóricos dos prisioneiros de guerra, criando um cenário de que os mesmos eram bem tratados, quando a totalidade dos fatos mostrou justamente o contrário (LIMA, 2020).

Associada a dimensão da crise, a Operação Lava Jato, que teve início no ano de 2009, tendo como um dos principais protagonistas o Juiz de primeira instância

Sergio Moro, promoveram um dos maiores escândalos de grampo e vazamento telefônicos do Brasil. Na ocasião, o então Juiz, liberou a divulgação de grampos telefônicos de conversas do ex-presidente Luiz Inácio da Silva e da então presidenta Dilma Rousseff, que logo foi apresentada em rede nacional pela grande mídia. Naquele momento, a defesa do juiz foi a de que não importava a forma como se conseguiu os conteúdos, mas o conteúdo em si (CAVALCANTI, 2016). Sucederam-se daí uma série de procedimentos de recortes documentais, acusações via delações e por convicções que levaram a prisão do então ex-presidente Lula. Vários pedidos de anulação do julgamento, de *habeas corpus*, foram negados, fato que inegavelmente impediram a candidatura de Lula à presidência, contribuindo de forma indireta para ascensão do populismo de direita ao poder. A campanha presidencial foi de fato uma das mais irracionais da história, com ausência de candidato a debates, à *Fake News* com inverdades absurdas, mas que enganaram boa parte da população. Fato que contribuiu para a atual situação nacional de políticas de austeridade, de violência, de desemprego, de privatizações (LIMA, 2020).

Além disso, há muitos outros interesses, como na espoliação do pré-sal, cuja extensão conhecida está avaliada em algo ao redor de dez trilhões de dólares (IPEA, 2010), no desmantelamento de direitos trabalhistas, programas sociais, realinhamentos internacionais, etc. Por isso, cito o caso do banco mencionado apenas como um dos exemplos existentes em nível nacional e não o único. Em âmbito regional pode-se verificar o tratamento que a imprensa local deu à tentativa de construção de um imponente hotel na área da Ponta do Coral, na Beira-mar norte de Florianópolis. Amplamente beneficiada por propagandas da construtora interessada, a mídia minimizou os argumentos contrários ao empreendimento e o impacto ambiental (SILVA, 2017).

As reformas pretendidas pelos neoliberais, almejando o crescimento das taxas de lucros, exigiu contorcionismos da realidade. A crise do capital se materializou concretamente na decadência do padrão de acumulação taylorista-fordista e transição para a chamada acumulação flexível (HARVEY, 2006), objetivando-se na flexibilização e precarização das relações trabalhistas, mudanças na composição orgânica do capital (a relação capital constante e capital variável), mudanças nas formas de organização do processo produtivo, espoliação e ascensão neoliberal. Nessa conjuntura, uma série de políticas de austeridade vem sendo implementadas

no Brasil, com o intuito de aumentar as taxas de lucros do capital, a exemplo da Emenda Constitucional 95, a contrarreforma trabalhista, assim como a “reforma da previdência”. As duas primeiras aprovadas na gestão de Michel Temer, a última aprovada na gestão de Jair Messias Bolsonaro. Os efeitos para a classe trabalhadora estão sendo devastadores (LIMA, 2020).

Segundo Jessé de Souza (2017), a Lava Jato, operação da Polícia Federal, tem importante papel na defesa de interesses elitistas feito pela mídia. Ela faz com que se troque “a corrupção real, que retira as chances de vida de centenas de milhões, para se culpar a “corrupção dos tolos”, a da propina dos políticos, que é obviamente nefasta, mas que equivale a dos aviõezinhos do tráfico de drogas” (SOUZA, 2017, p. 125).

Seguindo essa linha de raciocínio, Jessé (SOUZA, 2017, p. 13) diz que “o que a Lava Jato e seus cúmplices na mídia e no aparelho de Estado fazem é o jogo de um capitalismo financeiro internacional e nacional” que visa a privatização de riquezas que são de todos os brasileiros apenas para a elite. A mídia utiliza a Lava Jato para criar no imaginário da população o pensamento de que a corrupção está presente somente no Estado (ALVES, 2019).

Essas ideias do Estado e da política corrupta servem para que se repasse empresas estatais e nossas riquezas do subsolo a baixo custo para nacionais e estrangeiros que se apropriam privadamente da riqueza que deveria ser de todos. Essa é a corrupção real. Uma corrupção legitimada e tornada invisível por uma leitura distorcida e superficial de como a sociedade e seus mecanismos de poder funcionam. (SOUZA, 2017).

Jessé (SOUZA, 2017) ainda reafirma que toda essa narrativa, criada pela mídia com a ajuda da Lava Jato, de que os poderosos e únicos corruptos são os políticos serve para esconder os verdadeiros poderosos, que não habitam no Estado. Essa ideia cria o que ele chama de “imbecil perfeito”, pois ela:

[...] nos imbeciliza, já que desloca e distorce toda a origem do poder real. Nesse esquema, se fizermos uma analogia com o narcotráfico, os políticos são os “aviõezinhos” do esquema e ficam com as sobras do saque realizado na riqueza social de todos em proveito de uma meia dúzia. Combater a corrupção de verdade seria combater a rapina, pela elite do dinheiro, da riqueza social e da capacidade de compra e de poupança de todos nós para proveito dos oligopólios e atravessadores financeiros...” (SOUZA, 2017, p. 13).

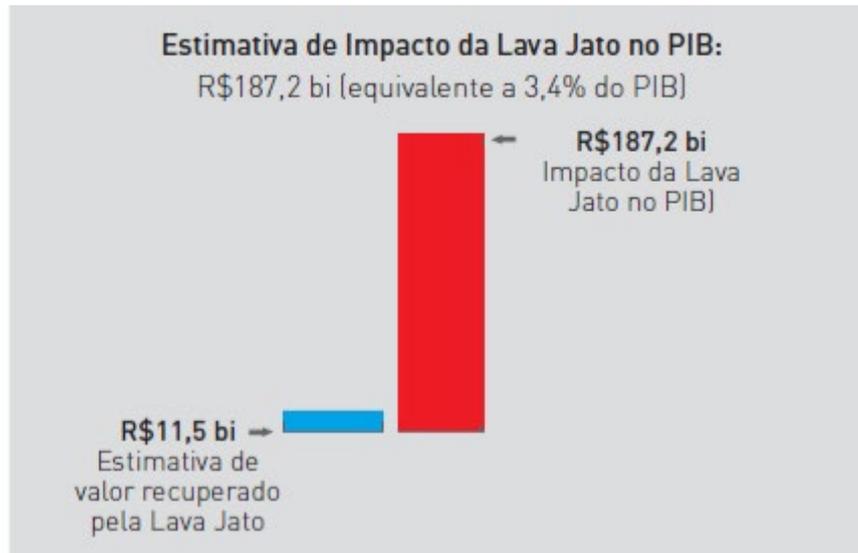
O combate à corrupção é papel do Estado, porém, seu uso político pode ser devastador a uma nação. Warde (2018, p. 16) faz uma crítica contundente ao combate à corrupção no Brasil, ao afirmar que “para combater a corrupção, destruímos o capitalismo, demonizamos a política, expomos nossas leis ao ridículo e levamos as instituições ao ponto de ruptura, a uma fadiga que flerta com o irreversível”.

No Brasil, ao contrário do que ocorre em diversos outros países capitalistas, há uma carência de regulamentação da mistura entre público e privado, no sentido de que qualquer negociação entre público e privado possa ser tratada como espúria ou crime, conforme os interesses políticos do momento. Quando o debate ocorre, ele passa pelo simplismo do proibicionismo e do moralismo exacerbados. Nesse ambiente, qualquer interação, barganha e ajuste de interesses está passível de ser utilizado para alimentar perseguições políticas, como foi a operação Lava Jato contra Lula (NOZAKI, 2019).

A perseguição de interesses privados que moveu a Operação Lava Jato causou imensos prejuízos coletivos a importantes setores da economia nacional, tais como a indústria petrolífera, a construção civil, a metal-mecânica, a indústria naval, a engenharia pesada, além do programa nuclear brasileiro. Do ponto de vista do mercado de trabalho, a Lava Jato é responsável pela perda, direta ou indireta, de cerca de 3,5 milhões de postos de trabalho em 2015 e 2016 (NOZAKI, 2020).

O impacto da Operação Lava Jato no Produto Interno Bruto foi estimado a partir de um trabalho da GO Consultoria. Um impacto negativo que contabilizou “as perdas no valor bruto da produção, nos empregos, nos salários e na geração de impostos”. O que se recuperou efetivamente com a Lava Jato mostra-se uma fração insignificante do que se perdeu. O combate à corrupção, esse que o Estado tem promovido, deu causa a perdas que montam aproximados R\$ 187 bilhões, enquanto se espera recuperar pouco mais de R\$10 bilhões, conforme mostra o Gráfico 1 (ALVARENGA, 2015).

**Gráfico 1:** Estimativa de impacto da Lava Jato no PIB



**Fonte:** adaptado de Alvarenga (2015)

No cenário político, as *fake news* e o discurso de ódio decidiram os rumos da democracia brasileira nas eleições presidenciais de 2018, manipulando a opinião pública em torno da operação Lava Jato. A Lava Jato mostrou-se uma forma de uso político do combate à corrupção (ENGELMANN, PILAU, 2021). O ápice da Lava Jato foi a ordem de prisão emitida pelo então juiz federal Sérgio Moro ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o afastando do pleito presidencial em 2018, quando ele detinha a maioria das intenções de votos (ANSA, 2018).

A instrumentalização da Operação Lava Jato junto a setores empresariais e midiáticos nacionais foi essencial para alçar ao poder um projeto corrupto e de desmonte do Estado brasileiro e, conseqüentemente, de redução da capacidade da ação contra problemas seculares do capitalismo brasileiro, incluindo a corrupção. O Brasil é “o país do patrimonialismo”, onde o capitalismo não vingou. Michel Temer chegou a declarar, em 21 de setembro de 2016, que o “*impeachment* ocorreu porque Dilma rejeitou o “Ponte para o Futuro”. (VIEIRA, 2016).

O então juiz federal Sérgio Moro declarou abertamente que a opinião pública o protegeu nas decisões que tomou no âmbito da Lava Jato (CUÉ, 2017). Decisões que, no caso contra Lula, foram posteriormente anuladas no STF por motivo de declaração de parcialidade do então juiz Moro. Em evento na Universidade Católica em Buenos

Aires, Moro afirmou que “Na Lava Jato, a opinião pública protegeu a Justiça das pressões”. A esse respeito, ele detalhou ainda que:

“Segundo a Constituição brasileira, todos os processos têm de ser públicos. Na prática isso é excepcional. A maioria desses processos complexos costuma ser encaminhada de forma secreta. Nós decidimos tratar esses casos com o máximo de transparência e publicidade. É importante que a opinião pública possa controlar o que está acontecendo, saber o que a Justiça está fazendo. Isso permitiu que houvesse um grande apoio da opinião pública e serviu como proteção da Justiça porque, quando pessoas poderosas estão envolvidas, há grande risco de obstrução, há pressões. Milhões saíram às ruas, protestaram contra a corrupção e apoiaram as investigações” (CUÉ, 2017).

Segundo o jurista americano Bernad Schwartz (1966), a capacidade de o Judiciário intervir ou ser mais presente na vida política está diretamente ligada ao grau de importância que a população deposita nas instituições democráticas, ou, mais precisamente, a credibilidade que essa instituição (o Poder Judiciário) tem perante o público. Schwartz advoga que a base de sustentação da Corte Suprema americana são a Constituição e a opinião pública (SCHWARTZ, 1966).

Os fatos recentes da política brasileira, portanto, refletem a preocupação mundial com relação aos efeitos da manipulação de opinião em relação às transformações políticas contemporâneas.

A imprensa digital precisou se posicionar sobre qual rompimento político buscou defender: propagar as ideologias de rompimento com a democracia, ou buscar o rompimento com o autoritarismo, promovendo o debate em busca de soluções para a democracia, dos problemas sociais, e para a melhoria do capital social.

### 3 MÉTODO DE PESQUISA: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Dada a influência da manipulação da opinião pública na democracia, discutida no Capítulo 2 da presente Tese, para demonstrar o uso das estratégias dessa manipulação, é selecionado um caso específico de interesse da Ciência Política. O caso selecionado para análise nessa pesquisa é a denúncia, pelo Ministério Público Federal, contra o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Para ilustrar como ocorreu a manipulação de opinião, serão analisadas todas as notícias publicadas na internet, pelos 10 maiores conglomerados de notícias online (FIGURA 1), envolvendo a repercussão do episódio da denúncia do Ministério Público Federal contra Lula, até a aceitação da denúncia do MPF pela Justiça Federal. Dessa forma, a pesquisa inclui as notícias publicadas desde a data de 14 de setembro de 2016 (data da denúncia do MPF contra Lula) até a data de 21 de setembro de 2016 (um dia após a aceitação da denúncia pela Justiça Federal). A justificativa da escolha desse caso específico para essa pesquisa, entre todos os episódios da Lava Jato desde 2014, está ligada ao fato desse episódio ter sido o início da contestação pública sobre a atuação do líder da Operação no MPF, o então Procurador Deltan Dallagnol, o que gerou uma contestação sobre toda a Operação Lava Jato, como explica Richter (2024):

“Com o andamento das investigações, a atuação de Moro, Dallagnol e de outros procuradores passou a ser contestada por ministros do STF, pela defesa dos acusados e pela sociedade.

...

O ex-procurador da República Deltan Dallagnol chefiou a força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba entre 2014 e 2020. Ele tinha a função de realizar as investigações, pedir prisões e quebras de sigilo a Sergio Moro durante as investigações.

A atuação do ex-procurador passou a ser contestada em 2016, quando ele realizou uma entrevista coletiva à imprensa para informar os detalhes da primeira denúncia da operação contra Lula. Durante a entrevista, ele **apresentou um powerpoint** com palavras-chave direcionadas ao nome do presidente.” (RICHTER, 2024).

O período escolhido para a análise nessa pesquisa é emblemático em relação ao contexto da Operação, porque a equipe da Lava Jato planejava que esse deveria ser o momento ápice da investigação, que tinha Lula como seu troféu máximo

(KERCHE; MARONA, 2022), mas significou o início do declínio que a levaria até o seu encerramento definitivo, em 2021. As publicações da apresentação da denúncia do MPF contra Lula, feitas pelos portais de notícias, tornam pública, pela primeira vez, a atuação parcial de Dallagnol no comando da operação. No entanto, mesmo após as contestações, a imprensa seguiu apoiando a Lava Jato até 2019, quando estourou o escândalo da Vaza Jato (OLIVEIRA, 2020):

"Ela [a Vaza Jato] representa um ponto de inflexão nas publicações sobre a Operação Lava Jato na imprensa. Não que as forças-tarefas de Curitiba, São Paulo e Rio estivessem imunes a críticas. Pelo contrário, não foram poucos os juristas que apontaram excessos nos métodos dos procuradores. A diferença é que, até a Vaza Jato, era Curitiba que dava o tom das coberturas, distribuindo "furos de reportagens", muitos deles, vazamentos calculados para garantir uma repercussão positiva de suas ações. É preciso lembrar que eles não inventaram a roda. Os vazamentos de informações e as relações de cumplicidade entre jornalistas e suas fontes sempre existiram. A diferença é que, a partir das reportagens da Vaza Jato, foi a Lava Jato que teve que correr atrás do noticiário". (OLIVEIRA, 2020).

Em matéria da Veja (2019), fica claro que a atuação parcial de Dallagnol foi decisiva para o desfecho da Lava Jato, com a anulação das sentenças contra Lula:

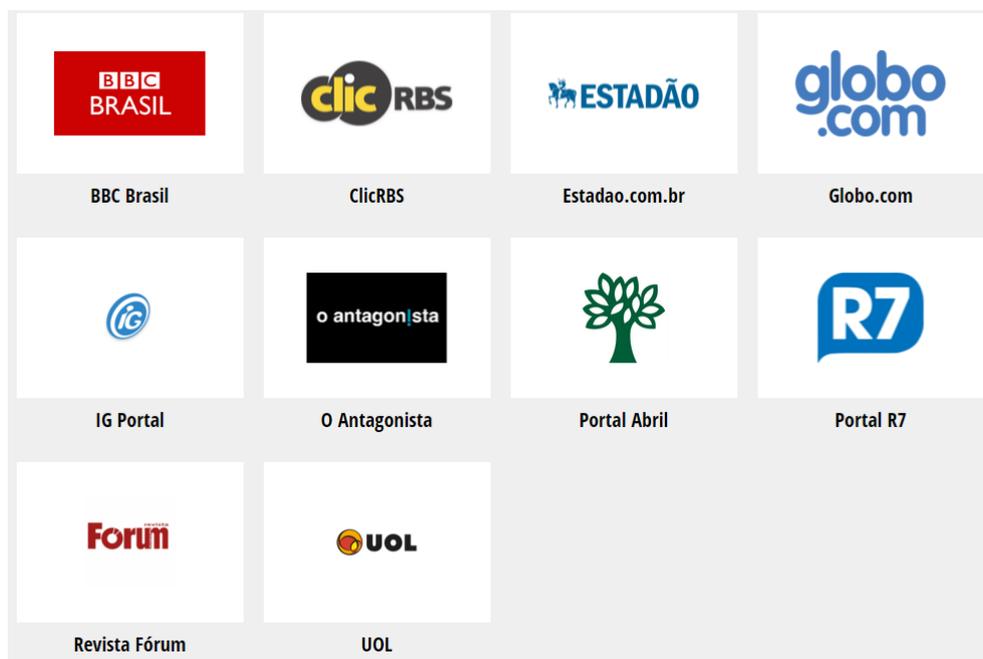
"As conversas ocorridas no ambiente de um sistema de comunicação privada (o Telegram) e divulgadas pelo site The Intercept Brasil mostraram que, no papel de magistrado, Moro deixou de lado a imparcialidade e atuou ao lado da acusação.

...

Do conjunto, o que se depreende, além de uma intimidade excessiva entre a magistratura e a acusação, é uma evidente parceria na defesa de uma causa. Os exemplos mais robustos vêm das conversas entre Moro e Dallagnol." (VEJA, 2019).

Para a seleção da amostra de publicações para análise, a pesquisa considera que os 10 maiores conglomerados de notícias online são aqueles apontados no relatório *Media Ownership Monitor - Brasil 2017*, conforme ilustrado na Figura 1 (INTERVOZES, 2017):

**Figura 1:** Os 10 maiores conglomerados de notícias da internet em 2017



**Fonte:** Intervezes, 2017

O Relatório selecionou esses conglomerados com base na audiência. Também foi considerada sua capacidade de agendamento, ou seja, seu potencial de influenciar a opinião pública. A diferença entre o número de veículos de cada tipo se deve à maior ou menor concentração de audiência e ao alcance geográfico em cada segmento (INTERVOZES, 2017). O Relatório traz mais detalhes sobre os critérios de seleção e de aferição da audiência:

"Para a definição da lista dos dez principais veículos na categoria "mídia digital (online)", consideramos três fontes de dados: o comScore (base de dados de 2016, publicada no Mídia Dados 2017), o Alexa/Amazon (base de dados de julho de 2017, sistematizada em 01/08/2017) e o Monitor do Debate Político no Meio Digital (no período de 13 a 17 de julho de 2017). Consideramos apenas aqueles que produzem notícias para o meio digital, de interesse não segmentado (excluimos, por exemplo, portais e sites exclusivamente de esportes), ou agreguem notícias de veículos de mídia parceiros, com acesso gratuito, diferenciando-se, assim, das versões digitais dos jornais e revistas porque esses já estão incluídos na categoria "impressos". Também excluimos os portais que, embora produzam notícias, são acessados majoritariamente para o serviço de e-mail." (INTERVOZES, 2017).

Para a análise do material midiático, existem diversos métodos, dentre os quais podem-se citar a Análise de Conteúdo (AC), a Análise de Discurso (AD), a Análise Crítica do Discurso (ACD), entre outros. Podemos distinguir as ciências críticas em função de traços dos seus posicionamentos epistemológicos. Dentre esses traços, Wodak (2005) destaca o tipo de evidências que elas são capazes de apontar - as ciências críticas não revelam realizações do mundo, mas descrevem e avaliam o processo de encobrimento naturalizado dessas realizações: em geral, situações de opressão.

Este estudo constitui uma análise documental, com aplicação de ferramentas de análise científica qualitativa para confirmação das hipóteses e da ocorrência de fenômenos de interesse da Ciência Política. A abordagem qualitativa foi escolhida em função de possibilitar a identificação dos significados da experiência humana e permitir a interpretação do seu contexto, completando assim o objeto e mostrando inclusive seus conflitos (MORAES, 2007).

### **3.1 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) reúne teoria e método para mapeamento de conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade. O texto é a unidade mínima de análises em ACD, e não o parágrafo, a frase ou as unidades menores, porque as unidades menores não incorporam as práticas sociais e culturais de um grupo social. As práticas sociais são formas relativamente estáveis de se fazer algo. Os conceitos basilares da ACD são: discurso, poder, práticas sociais, hegemonia e ideologia. Os principais teóricos da ACD concentram-se na Europa: Norman Fairclough, Gunther Kress, Ruth Wodak, Teun van Dijk, Emília Ribeiro Pedro, Teresa Carbó, Theo van Leeuwen (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Entre os mais conhecidos enfoques da ACD, podemos citar, de acordo com Wodak e Meyer (2009):

(1) a abordagem sociocognitiva (AS) - versão que tem como expoente o linguista holandês Teun van Dijk (2005; 2008) e está eminentemente centrada na reprodução ideológica por meio do discurso e principalmente nos meios de comunicação. Ela utiliza os estudos da psicologia social e a teoria das representações

sociais para tratar da representação de modelos mentais que orientam a ideologia. Além disso, entende os estudos da cognição como fortes aliados para revelar as práticas ideológicas empreendidas na linguagem;

(2) a gramática design visual (GDV) - enfoque cujos mentores são Gunther Kress e Theo van Leeuwen (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), pesquisadores que trabalham com a semiótica social, enfocando o caráter multissemiótico em textos da sociedade contemporânea. Eles estudam ainda os propósitos comunicativos, os efeitos de sentido e a manipulação ideológica nos sistemas de imagem existentes na sociedade atual, buscando entender como os recursos desses sistemas podem contribuir para a produção dos muitos sentidos sociais;

(3) a abordagem histórico-discursiva (AHD) - também conhecida como Escola de Viena, está representada principalmente pelos trabalhos de Ruth Wodak (1996, 2005b) e de Martin Reisigl (2001) e tem como objetivo pesquisar discursos institucionais racistas, antissemitas, entre outros, numa perspectiva sociolinguística e histórico-discursiva, cujo enfoque está no estudo da argumentação e na retórica.

Quanto à explicitude político-ideológica presente no método, ela busca perceber a ciência como um conjunto de práticas ligado a elementos extra científicos, quais sejam, a posição ideológica do cientista e o efeito social de sua investigação. É nessa linha de raciocínio e, ao "corrigir uma subavaliação muito divulgada da importância da linguagem na produção, manutenção e mudança social" (FAIRCLOUGH, 1989, p. 17), que os analistas críticos do discurso partem do corolário de que devem adotar veementemente uma posição política nas pesquisas que empreendem. Assumem os analistas críticos do discurso, portanto, que a neutralidade diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o pesquisador cúmplice de tais estruturas: "diferentemente de outros saberes [...] não nega, mas explicitamente define e defende seu próprio posicionamento político. Isto é, a ACD não é neutra - e tem orgulho disso" (VAN DIJK, 2005, p. 96). O termo "crítica" em análise de discurso diz respeito à posição política do analista que tem como objetivo desvelar formas de dominação ideológica com vistas à transformação social (RAJAGOPALAN, 2014).

Giddens (2009) introduz o conceito de agência na sociologia, que é a habilidade que confere ao indivíduo o poder de transformar a vida, a capacidade de suportar e superar a coerção, mesmo aquela mais extrema, ainda que haja limites ou restrições de ordem física, econômica ou política. Assim, a agência é a ação emancipatória

decorrente dos sentimentos de pertencimento e de habilidade. Esses sentimentos são resultado da consciência advinda da reflexividade - assimilação de novos conhecimentos - somente uma mudança social com inserção de novos discursos emancipatórios e de novas práticas poderia causar a transformação profunda que se espera (GIDDENS, 2009).

Na perspectiva faircloughiana, ideologia é o conjunto de significações da realidade construídas nas várias dimensões das práticas discursivas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Fairclough (2001) e Thompson (2002) dizem que nem todo texto é ideológico porque as ideologias são caracterizadas nas sociedades por relações de dominação. Por isso, nem todo discurso é ideológico. Para Thompson (2002) as ideologias são as maneiras como o sentido (ou o significado) serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Ao perguntar como o sentido serve para estabelecer e manter relações de dominação, Thompson (2002) chega aos modos gerais de operação da ideologia:

- Legitimação: relações de dominação representadas como legítimas;
- Dissimulação: relações de dominação ocultadas, negadas ou obscurecidas;
- Unificação: construção de identidades coletivas;
- Fragmentação: fragmentação de indivíduos e de grupos potencialmente ameaçadores ao grupo dominante;
- Reificação: retratação de uma situação que é transitória como permanente e natural.

Marx (1963) utiliza o termo ideologia, na maior parte das vezes empregando-o, de fato, para nomear as ideias burguesas intencionalmente manejadas para "mistificar" o mundo aos homens e mulheres comuns, cabendo então ao ser intelectual, único ser capaz de enxergar por entre as névoas da ideologia, salvar seus semelhantes. Para Feijó (2014, p. 19), é preciso "combater as ideologias negativas, obviamente, e nesse combate as ideologias positivas são as armas a serem usadas". Isso se considerarmos que não há ideologia apenas quando temos "relações assimétricas de poder" ou "relações de dominação", mas em qualquer relação social.

Um dos modos de alcançar a legitimação é pela universalização, ou seja, pela apresentação de interesses específicos como gerais. Aqui, devemos reconhecer o

grande poder da mídia a serviço de interesses hegemônicos. Devido à sua capacidade de alcance em massa, ela propaga interesses particulares - como o de grupos religiosos, o de grupos políticos ou o de grupos neoliberais - como interesses de toda a sociedade brasileira (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Foucault (1987) encontrou na História o apoio necessário para explicar as instituições sociais e seus processos econômicos e sociais, os quais definem certos discursos. Em “Vigiar e Punir”, por exemplo, os estudos de Foucault (1987) evidenciaram práticas discursivas disciplinadoras nas prisões, nas escolas e nos hospitais. As técnicas identificadas por Foucault (1987) dispensam o uso da força, elas adestram os indivíduos de acordo com as necessidades do poder.

“Prática discursiva” é um conceito utilizado por Foucault (1995) como sendo um conjunto de regras sociais e históricas que regulam a atividade enunciativa. Fairclough (2001) apropria-se do conceito, percebendo-o como o conjunto dos processos de produção, distribuição e consumo dos textos. As condições e os recursos são decorrentes das estruturas e das convenções sociais, dos modos compartilhados pelos sujeitos sociais.

Não há como pensar no discurso de maneira estática, sem movimento. Os textos (orais ou escritos) podem trazer mudanças em nosso conhecimento (crenças, atitudes, valores, etc.). Podem também produzir "efeitos causais", gerando guerras, destruição por armas nucleares, perda de emprego, etc. Os textos podem ainda contribuir para mudanças na sociedade. Seus efeitos incluem mudanças no mundo material, como, por exemplo, mudanças na arquitetura urbana, nas atitudes das pessoas, nas relações sociais e no mundo material (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Para a ACD, a ideologia estabelece e sustenta relações de dominação. Fairclough (2001) diz que a ideologia tem existência material, constitui sujeitos e funciona pela constituição e pelo posicionamento das pessoas como sujeitos sociais. O mais importante é que essa constituição e esse posicionamento se dão no interior de várias organizações e instituições sociais, como educação, família, religião ou direito, que funcionam como dimensões ideológicas do Estado. Althusser (1971; 1992) chamou essas instituições de aparelhos ideológicos do Estado.

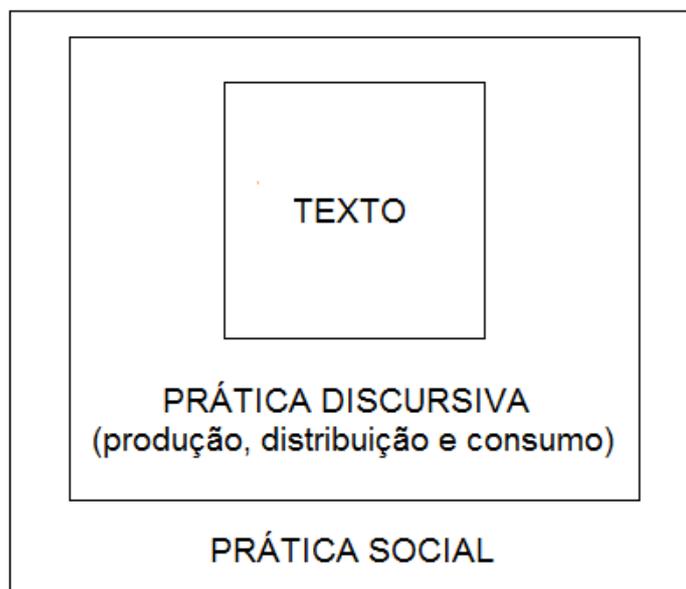
A ACD mapeia as relações entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade porque concebe a linguagem como prática social e o contexto como

elemento crucial. As análises de texto sempre dependem do método. Chouliaraki e Fairclough (1999) dão os passos sobre como se aplicar a ACD:

- (a) percepção do problema (como relações de poder);
- (b) identificação de obstáculos (elementos das práticas sociais) para que o problema seja superado;
- (c) identificação da função do problema na prática;
- (d) indicação dos possíveis modos de ultrapassarmos os obstáculos;
- (e) reflexão sobre a análise.

Inicialmente, Fairclough (2001) propôs o modelo tridimensional de análise de texto: análise textual, análise da prática discursiva e análise da prática social (FIGURA 2):

**Figura 2:** Concepção tridimensional do discurso



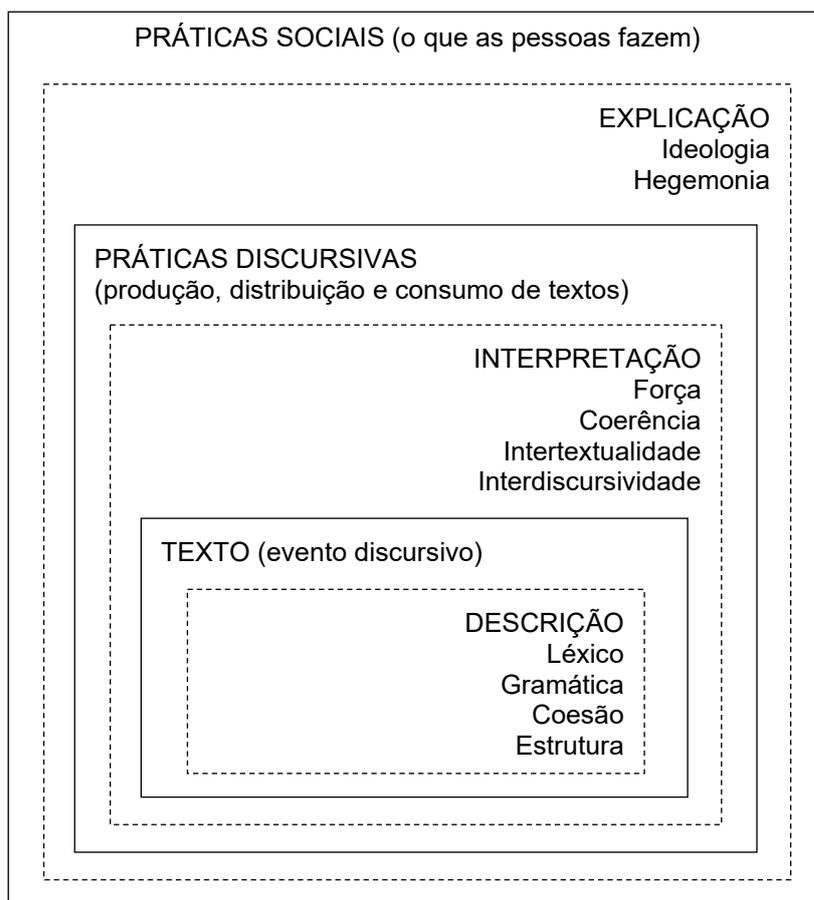
**Fonte:** Fairclough (2001)

Posteriormente, Fairclough (2003) simplificou o modelo tridimensional para modelo bidimensional, sendo que as dimensões discurso e texto migraram, nesse modelo, para dentro da análise social, e a análise é iniciada pelo social,

A Figura 3 apresenta uma adaptação proposta por Meurer (2005, p. 95), na qual se inclui a noção de "explicação" à dimensão da prática social e, conforme

Lustosa (2013, p. 47), se esboça "de uma maneira didática, o modelo tridimensional de discurso", destacando tópicos de análise:

**Figura 3:** Concepção tridimensional do discurso



**Fonte:** Meurer (2005)

A Análise do Discurso como Crítica Social (HERZOG, 2016, p.162-169) enumera diretrizes gerais à ACD:

- Encontrar objetos de pesquisa apropriados e perguntas de pesquisa;
- Explorar o objeto;
- Elaboração de um corpus e de um método;
- Análise descritiva;
- Análise interpretativa;
- Reflexão sobre macro análise social;

- A relação de normas e estrutura social;
- Contribuição para a mudança social.

Herzog (2016) insere a ACD dentro de outros métodos para poder chegar a uma contribuição para a mudança social. A análise do discurso (passo 1) requer uma teoria reflexiva (passo 2) e uma análise de infraestrutura material e simbólica (passo 3) para tornar-se uma crítica com a capacidade de contribuir para a mudança social (passo 4).

Segundo BATISTA JR. *et al.* (2018), as construções reflexivas orientadas para a sustentação das relações de dominação podem ser denominadas ideologias. Fairclough (2001, p. 117) ressalta que: "As ideologias nas práticas discursivas são mais eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de senso comum". As ideologias, no entanto, não são tidas como imposições unilaterais ou de reprodução de uma ideologia universal ou dominante. Ao contrário, por seu caráter transformacional, a análise de discurso crítica aponta para a luta ideológica como dimensão da prática discursiva. Desse modo, conforme destaca Ramalho (2010), ao desnaturalizar de forma consciente o senso comum, há a possibilidade de nulificar ou coibir seu funcionamento ideológico.

A proposta de Fairclough (2001) é realizar uma análise consistente em termos de sustentação argumentativa, com evidências em análise de práticas, e construir um novo sentido para as ideologias naturalizadas, dessa forma desvelando manifestações de poder. A demonstração desses traços acontece por meio da constatação de aspectos semióticos e dialéticos nas diferentes formas de existir da ideologia, situando-as em uma estrutura de poder.

A hegemonia é um conceito resgatado de Gramsci (1971) e trata da tentativa de universalização do particular, com o objetivo de atingir e manter o poder. Fairclough (2001, p. 122) define a hegemonia como "a liderança, tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade". Para além da dominação de classes, a hegemonia refere-se a alianças e a integrações, experimentadas através de concessões, sendo estabelecida, portanto, muito mais por consenso do que por coerção.

Uma dimensão de análise ressaltada nos processos de interpretação textual é a intertextualidade. Para Reisigl e Wodak (2009, p. 90), a intertextualidade

corresponde à articulação dos textos entre si e pode ocorrer das seguintes formas: pela referência explícita a tópico ou ator principal; por meio de referências a mesmos eventos; por alusões e evocações; pela transferência de argumentos de um texto a outro; e assim por diante. Para Fairclough (2003), intertextualidade de um texto é a presença de elementos de outros textos nele e, então, potencialmente, de outras vozes além da voz do autor, que podem estar relacionados (discutidos, assumidos, rejeitados) de várias maneiras.

A ACD tem como um de seus pilares a percepção de que os elementos das práticas sociais são relacionais e dialéticos. As práticas articulam de modo relacional seus elementos. Contudo, cada prática se articula a outras práticas. Esse é o aspecto relacional, os elementos e as redes de práticas influenciam-se, de modo a fazer circular um conjunto de conhecimentos e crenças/valores/desejos que, compartilhados, formam as ordens do discurso. Nesse movimento, cada elemento influencia e é influenciado pelos demais elementos, compondo um organismo, uma instabilidade que não reduz nenhum de seus elementos. Essa mútua influência constitui o aspecto dialético (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Em Fairclough (2001), são elencadas categorias de análise como: coerência, coesão, controle interacional, metáfora, transitividade, tema, polidez, modalidade, avaliação, relações semânticas, relações gramaticais, equivalências e diferenças, representação de eventos sociais, gênero discursivo, intertextualidade, significado das palavras, representação dos atores sociais e interdiscursividade. Fairclough (2003) destaca que as práticas sociais articulam conjuntamente os seguintes elementos sociais discursivos e não-discursivos: "Ação e interação; relações sociais; pessoas (com crenças, atitudes, histórias etc.); o mundo material; discurso" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

A análise do gênero discursivo se localiza no primeiro estágio de análise: buscar os aspectos semióticos do problema a ser estudado, vinculados às ações das pessoas em práticas sociais (BATISTA JR. *et al.*, 2018). Fairclough (2003) salienta o processo de mudança associado aos gêneros: "... um fator em mudança de gêneros é o desenvolvimento em tecnologias de comunicação: o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação caminha junto com o desenvolvimento de novos gêneros" (FAIRCLOUGH, 2003, p. 77).

A escolha lexical tem relevância em estudos discursivos, tornando produtiva a análise de determinadas palavras socialmente destacadas (FAIRCLOUGH, 2001). Determinados itens lexicais atuam com uma extensão de sentido dicionarizada ou não, exemplo: "engavetar", ou recebem uma conotação metafórica ("sanguessugas"), ou ainda são criação nova ("mensalão"). Percebe-se, assim, o processo dinâmico nas relações sociais (intensificado pela mídia, por exemplo), que rompe barreiras de dicionários e atende demandas linguístico-discursivas prementes, de acordo com interesses específicos.

Para identificar e analisar discursos como representação/construção de aspectos da vida social, Fairclough (2003; 2009) sugere levar em conta o grau de repetição de determinado discurso, bem como uma relativa estabilidade ao longo do tempo e sua identificação/correlação com determinados grupos de pessoas.

Qualquer texto é constituído de diferentes discursos. Mesmo aqueles que, aparentemente, apresentam um único discurso, guardam relação implícita com um outro, inclusive com discursos antagônicos. Eles existem nas relações das práticas sociais e dessa maneira coexistem, em uma perspectiva analítica, no campo discursivo-interdiscurso (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

O fatalismo, definido como a situação "inevitável", com enfraquecimento do poder estatal, são parte do projeto neoliberal de formação de blocos econômicos. Desqualificar políticos que poderiam combater o sistema também é uma das formas de manipulação ideológica de "expurgo do outro". Assim, a "constatação" de um quadro ruim leva a população ao conformismo e à falta de agência para a mudança (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

A mídia tem papel central na maioria dos países capitalistas na modernidade tardia. Nela deságuam expectativas e demandas que movimentam a sociedade. Por ela, perpassam interesses de grupos em disputa por poder político, econômico ou social. Tal conjuntura caracteriza essas sociedades como midiacêntricas, ou seja, como aquelas em que a mídia tem relevância central na construção do consenso sociopolítico (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Mais que nunca, o discurso tem papel cada vez mais relevante em meios onde antes prevalecia tão-somente a força do dinheiro ou das armas. Fairclough (1995) observa que a linguagem contemporânea usada na mídia se move entre dois pares

de tensão. Um deles é a tensão entre informação e entretenimento. Outro polo de tensão dá-se entre público e privado. Fairclough (2003) também observa que há uma intensificação do hibridismo na mídia e que fato e ficção, notícia e entretenimento, mesclam-se muitas vezes.

Os meios de massa, aliados à internet, particularmente às redes sociais, tornam-se um cenário de disputa de sentidos e de construção de consenso social. Para além da informação e de suas versões, dos dados e de sua interpretação e do entretenimento veiculado pela mídia, imagem e prestígio social são elaborados e reelaborados e têm impacto no processo social. O que vale para governantes e parlamentares, vale também para igrejas e ONGs, partidos e associações, elites e minorias (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Ao desenhar a análise de discurso textualmente orientada – ADTO, Fairclough (2003) propõe um método para investigar a instância discursiva das práticas sociais. Por meio de categorias específicas, os analistas poderiam investigar o momento discursivo em três níveis:

- (a) no nível do evento - o gênero;
- (b) no nível das práticas o discurso;
- (c) no nível das estruturas - o estilo.

Academicamente, a ACD representa um desafio para si mesma em cada análise em que é aplicada, pois precisa ser constantemente revisitada. A denominação de "crítica" deve torná-la continuamente autorreflexiva (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

### **3.2 A LINGUAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL**

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), tem sido descrita como uma abordagem semântico-funcional (significado e uso) da língua que demonstra como as pessoas a usam em diferentes contextos, e como ela é estruturada para o uso como um sistema semiótico (EGGINS, 2004).

Para Halliday e Matthiessen (2004), a língua é usada para dar sentido a nossa experiência e para interagir com outras pessoas. Sendo assim, a gramática deve se

relacionar também com o que ocorre fora da língua: com os acontecimentos e condições do mundo e com os processos sociais nos quais estamos envolvidos. A linguística sistêmica se interessa também por essa relação entre a língua e o contexto (EGGINS,2004). De alguma forma, o contexto está no texto: o texto carrega consigo, como parte dele, aspectos do contexto no qual é produzido e, provavelmente, do contexto no qual pode ser considerado adequado.

A perspectiva sistêmica busca compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico que a língua constitui como um todo. Dessa forma, a gramática de determinada língua é uma rede de sistemas e não um registro de estruturas. Na visão funcionalista, a estrutura é entendida como parte fundamental da descrição, mas interpretada como a forma exterior assumida pelas escolhas sistêmicas, e não a característica que define a língua. O significado reside, então, nos padrões sistêmicos de escolha (HALLIDAY& MATTHIESSEN, 2004).

A noção de escolha é, portanto, central na visão funcionalista da língua. Sendo assim, um texto é o resultado de uma seleção feita pelo falante a partir do potencial de opções disponíveis no sistema linguístico. Ressalte-se o caráter intencional dessas escolhas, ainda que eventualmente inconscientes, considerando-se que o uso da língua parte sempre de uma razão motivadora (EGGINS, 2004).

A LSF identifica três dimensões fundamentais que exercem impacto significativo e previsível no uso da língua. Essas três dimensões, os registros variáveis de modo (organização simbólica da língua), teor (papel das relações pessoais e sociais) e campo (tipo de ação social), são usadas para explicar nossa compreensão intuitiva segundo a qual não utilizamos a língua da mesma maneira para escrever e para falar (variação de modo), para nos dirigirmos a nosso(a) chefe e para falar com nosso namorado(a) (variação de teor) e para discutir linguística e para conversar sobre cinema (variação de campo).

Além do contexto situacional, descrito pela teoria do registro, o contexto de cultura também deve ser acionado na análise proposta pela LSF. O conceito de gênero ressalta o impacto do contexto de cultura na linguagem, explorando a estrutura institucionalizada como maneira de alcançar objetivos por meio da linguagem (EGGINS, 2004). Se, por um lado, algumas vezes é possível alcançar nossos objetivos por meio apenas de uma pequena troca linguística (como quando

perguntamos a hora para um estranho na rua), por outro, a maioria das interações linguísticas requer movimentos linguísticos muito mais complexos.

Considerando que a língua tem por objetivo satisfazer as necessidades humanas e, por isso, é organizada de maneira funcional e sistêmica, Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que ela é estruturada para produzir três principais tipos de significado simultaneamente. Dessa forma, o sistema semiótico consiste nas metafunções:

i) ideacional que constrói a experiência humana, tendo em vista que não há faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado. A metafunção ideacional é subdividida em dois componentes, o experiencial e o lógico;

ii) interpessoal, que se refere à linguagem como ação, já que ela ordena nossas relações pessoais e sociais com as outras pessoas; e

iii) textual, que permite a construção de sequências de discurso, a organização do fluxo discursivo e a criação da coesão e da continuidade ao longo do texto.

Está claro que as três metafunções não atuam de maneira isolada ou independente na língua, mas interagem entre si com o intuito mais amplo de construir o significado do texto. Além disso, as metafunções relacionam-se diretamente com a estrutura léxico gramatical do texto, o que, conseqüentemente, vai influenciar na estrutura da oração de maneira mais específica. Passemos agora a uma explicação mais detalhada sobre cada uma das metafunções propostas por Halliday e Matthiessen (2004).

Fairclough (2003) destaca o caráter multifuncional dos textos cujos significados de Ação, Representação e Identificação são análogos às metafunções propostas por Halliday (1978). A Representação corresponde à Metafunção Ideacional; a Ação e a Identificação correspondem à Metafunção Interpessoal. Fairclough (2003) não distingue uma metafunção textual separada, na verdade, ele a incorpora à Ação.

Modalização é o uso de operadores modais no texto: ênfase (repetição, etc.), uso de adjuntos adverbiais (ex.: mente desesperadamente), etc. A utilização de recursos modalizadores (FOWLER, 1994 [1986]) que expressam o ponto de vista do falante em relação ao seu enunciado. Dessa forma, os textos serão analisados à luz da Metafunção Interpessoal.

A representação dos Atores Sociais em destaque foi analisada adotando-se como ferramenta também o modelo proposto Van Leeuwen (2008 [1996]), que apresenta uma descrição sociossemântica detalhada das maneiras por meio das quais é possível representar um Ator Social em determinado discurso. Esse sistema parte de duas categorias gerais: a exclusão e a inclusão dos atores no discurso.

Os Atores Sociais são excluídos quando os agentes dos processos descritos não são explicitados e são incluídos quando podem ser personalizados ou impersonalizados; se personalizados, determinados ou indeterminados. Quando determinados, podem ser categorizados quanto à funcionalização ou quanto à identificação. Eles podem ainda ser genericizados ou especificados. Quando especificados, podem ser categorizados por individualização ou por assimilação. Os Atores Sociais podem ser referidos ainda por meio da avaliação.

O processo de inclusão dos Atores Sociais no discurso pode estar relacionado também à análise de papéis ativos e passivos desempenhados pelos Atores Sociais. Na LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) são considerados papéis ativos: atores em processos materiais, comportante em processos comportamentais, experienciador em processos mentais, dizente em processos verbais e portador em processos relacionais atributivos. E são considerados papéis passivos: meta ou beneficiário em processos materiais, fenômeno em processos mentais, receptor em processos verbais ou ainda por meio da circunstancialização ou da possessivação do participante.

O Sistema de Avaliatividade, que ressalta a natureza interativa do discurso, é utilizado para negociar relações sociais ou interpessoais com o objetivo de dizer ao leitor ou ouvinte como nos sentimos em relação às pessoas e coisas (MARTIN; ROSE, 2003). O Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e Rose (2003), refere-se também às maneiras de se apresentar um discurso no texto. São três os principais tipos de atitudes: expressamos emoções e sentimentos, julgamos o caráter ou avaliamos coisas. Essas atitudes podem ser categorizadas nos seguintes subsistemas:

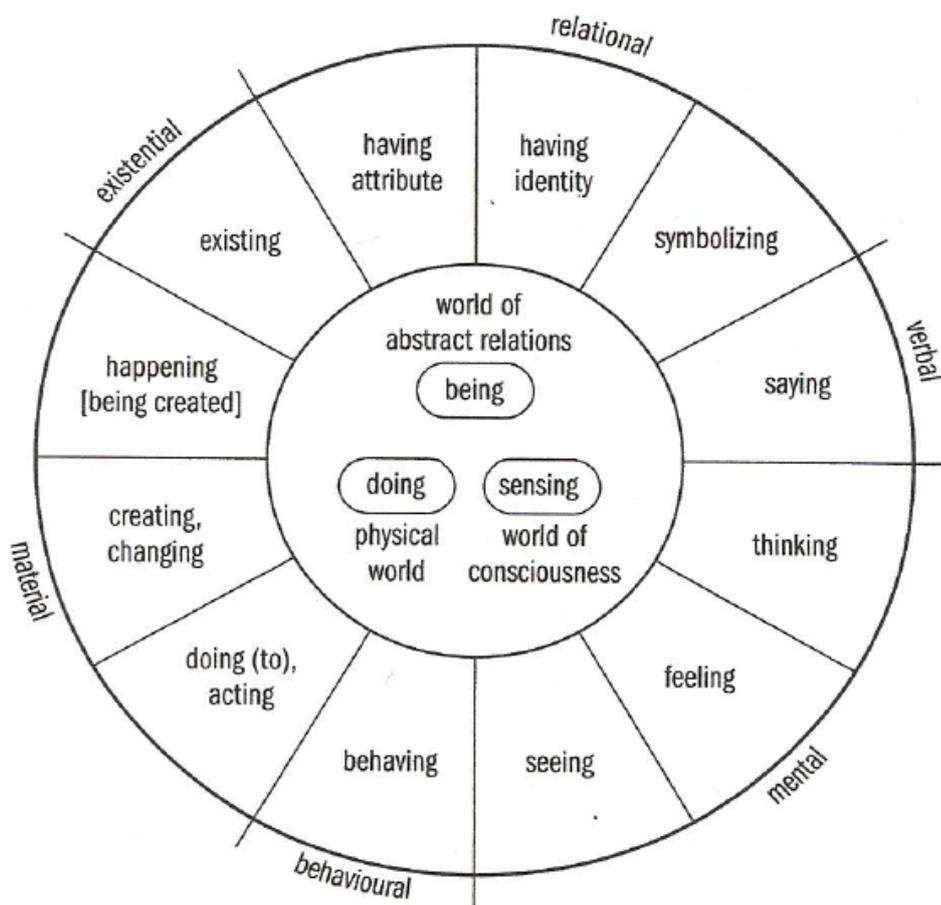
- i) Afeto: recursos utilizados para expressar emoções e sentimentos;
- ii) Julgamento: recursos utilizados para julgar o caráter;
- iii) Apreciação: recursos utilizados para atribuir valor às coisas.

Essas atitudes, por sua vez, são expressas em determinada Gradação e Engajamento. Dessa forma, ao fazermos uma avaliação, optamos também pelo seu nível de amplificação, se maior ou menor, bem como indicamos a sua fonte.

Com o Sistema de Avaliatividade é possível identificar algumas recorrências linguísticas presentes no gênero discursivo jornalístico opinativo editorial, que nos ajudam a compreender sua composição e, por conseguinte, revelam pistas importantes para alcançarmos nosso objetivo central, qual seja, verificar como é construída a opinião nesse gênero.

O Sistema de Transitividade proposto por Halliday e Matthiessen (2004) constrói o mundo da experiência a partir de um conjunto de Tipos de Processos. Dessa forma, a Metafunção Ideacional - ou Experiencial - se relaciona com a realidade presente em determinado texto, ela relaciona o texto e o mundo real. Cada tipo de processo, realizado por meio de grupos verbais, possui seu esquema para construir determinado domínio da experiência como uma figura de um tipo específico. Para os autores, os principais tipos de processos de transitividade são o material, o mental e o relacional, mas ressaltam que há outras categorias localizadas nos limites entre eles. No limite entre os processos material e mental está o processo comportamental; no limite entre os processos mental e relacional está o processo verbal; e, por fim, no limite entre os processos relacional e material está o processo existencial. Nenhum processo está acima dos demais, por isso eles foram representados no círculo da Figura 4:

**Figura 4:** A gramática da Experiência e tipos de processos



**Fonte:** Halliday & Matthiessen (2004)

Nossa experiência é construída a partir de uma estrutura bastante simples que consiste de apenas três componentes: a) um processo (grupo verbal); b) os participantes envolvidos no processo (grupos nominais); e c) as circunstâncias associadas ao processo (sintagmas preposicionados, grupos adverbiais e alguns grupos nominais). O Processo é o elemento central da estrutura e os Participantes estão diretamente envolvidos com ele, sendo que os Participantes variam de acordo com o tipo de Processo presente na oração. E os componentes Circunstanciais ampliam essa estrutura de alguma forma: temporalmente, espacialmente, causalmente etc. A Circunstâncias não estão diretamente envolvidas com o Processo e seu status na configuração é mais periférico (OLIVEIRA, 2013).

O Sistema de Transitividade, baseado na Metafunção Ideacional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) pode ser útil para investigar os processos utilizados no discurso e também como são empregados os termos na construção da opinião.

Considerando-se que o número de ocorrências de dado processo está diretamente relacionado à composição do sentido em determinado discurso e que, portanto, contribui para a construção da opinião ali veiculada, é relevante verificar o número de ocorrências de cada processo nos textos em análise e propor uma análise de alguns deles (OLIVEIRA, 2013).

Passemos agora a uma breve explicação de cada um dos Processos apresentados (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004), bem como dos Participantes que cada um envolve:

i) Processo Material: descreve a ação e o acontecer no mundo material. Essa ação pode envolver um Ator (quem pratica a ação); uma Meta (Participante a quem a ação é direcionada); uma Extensão (continuação do Processo) ou um Beneficiário (aquele que se beneficiado Processo). Esse tipo de processo é responsável por planos de ação e de acontecimento;

ii) Processo Mental: refere-se à nossa experiência no mundo da nossa própria consciência (cognição, percepção, emoção, desejo). Os Participantes envolvidos nesse processo são o Experienciador (aquele que pensa, percebe, sente, deseja) e o Fenômeno (aquilo que é pensado, percebido, sentido, desejado). Esse tipo de processo revela experiências sensoriais, tais como a percepção (ex.: ver, ouvir, perceber), a cognição (ex.: pensar, saber, compreender) e a afeição (ex.: gostar, amar, odiar);

iii) Processo Relacional: para definir, caracterizar e identificar por meio de qualidades, posse ou circunstâncias e, dessa forma, construir experiências do mundo e de nossa consciência. Os Processos Relacionais estabelecem, portanto, relações de natureza estática e são divididos em dois grupos: os Atributivos, cujos participantes são o Portador e o Atributo; e os Identificativos, cujos participantes são o Valor e a Característica. No Processo Relacional Atributivo (pertencimento de classe), uma qualidade, classificação ou descrição (Atributo) é relacionada a um Participante (Portador). No Processo Relacional Identificativo (identidade), os Participantes são o Valor (o que é identificado) e a Característica (elemento usado como identidade em meio a um grupo);

iv) Processo Comportamental: tipicamente humano, refere-se a comportamentos fisiológicos e psicológicos. Esse processo, em geral, envolve apenas

um Participante, o Comportante (um ser consciente), mas pode envolver também um Fenômeno ou uma Extensão (uma reafirmação do processo);

v) Processo Verbal: refere-se à ação verbal, ou seja, compõe as orações do dizer, expressam formas de dizer. O Processo Verbal geralmente envolve quatro Participantes: o Dizente (o responsável pelo processo verbal, ainda que não seja humano, como nas fábulas), o Receptor (a quem o processo verbal é direcionado) a Verbiagem (o que é dito) e o Alvo (objeto da ação verbal). O participante Dizente pode ser consciente ou não, como uma instituição ou um jornal que, no entanto, é constituído por seres conscientes que estão por trás dessa instituição ou daquele jornal, veremos exemplos desse tipo. A Verbiagem pode ser apresentada por meio do Discurso Direto ou do Discurso Indireto;

vi) Processo Existencial: refere-se a algo que existe. O único Participante obrigatório nesse processo é o Existente, que pode ser um fenômeno de qualquer tipo. Em geral, são acompanhados de elementos circunstanciais. Sua função básica é construir a existência de algo ou mostrar que algo acontece, portanto, podem ocorrer no início do texto ou em algum momento no qual for ocorrer alguma mudança de etapa.

Explicitados os métodos de análise, a presente pesquisa avançará para a explanação da aplicação dos métodos no caso em estudo.

### **3.3 A APLICAÇÃO DA ACD PARA A ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA IMPRENSA DIGITAL NA COBERTURA DA ACUSAÇÃO CONTRA LULA NA OPERAÇÃO LAVA JATO**

Diante dos fatos ocorridos em meados de 2016 na política brasileira, com um ambiente favorável a golpes ao governo, às instituições democráticas e à própria Democracia, com ampla cobertura da mídia sobre esses acontecimentos, justifica a necessidade de analisar o papel da imprensa no processo de manipulação de opinião. Para ilustrar como ocorreu a manipulação de opinião durante a cobertura das mídias digitais no caso da Lava Jato contra Lula, foram analisadas todas as notícias publicadas na internet, pelos 10 maiores portais de notícias online da época (INTERVOZES, 2017), envolvendo a repercussão do episódio da denúncia do

Ministério Público Federal contra Lula, até a aceitação da denúncia do MPF pela Justiça Federal. Dessa forma, a pesquisa inclui as notícias publicadas desde a data de 14 de setembro de 2016 (data da denúncia do MPF contra Lula) até a data de 21 de setembro de 2016 (um dia após a aceitação da denúncia pela Justiça Federal).

Após a delimitação do escopo e do período das notícias a serem pesquisadas, passa-se à fase de coleta de dados. Para a coleta, foi utilizado o site de buscas Google, bem como a ferramenta de busca dentro de cada um dos sites, realizando-se busca textual, com a utilização de filtros de datas nas ferramentas de busca do site, selecionando-se as datas de 14 a 21 de setembro de 2016. Nessa configuração, foram realizadas 3 buscas, a fim de se abranger todas as possibilidades de palavras necessárias para produzir as notícias ligadas aos fatos selecionados. As 3 buscas serão pelos termos: “Lava Jato”; “Deltan Dallagnol”; “Sérgio Moro”. Opta-se por desconsiderar o uso da busca pelos termos: “Luiz Inácio Lula da Silva”, uma vez que a busca, no Google, somente por esse termo retornou 286 resultados, muitos deles relacionados a outros diversos outros assuntos não relacionados a essa pesquisa; e “Ministério Público Federal”, uma vez que a busca, no Google, somente por esse termo retornou 297 resultados, também abrangendo muitos assuntos não relacionados à pesquisa.

Após a coleta dos dados, passa-se ao tratamento e organização dos dados para a análise. Os arquivos serão fichados, cada um recebendo identificação por um número, para facilitar a organização e categorização.

Organizados os dados, inicia-se a análise dentro dos arquivos, que é a análise propriamente dita. Primeiramente, o método da ACD trata da necessidade de elencar os elementos textuais que serão analisados. Assim, os documentos no formato de notícia normalmente possuem os seguintes elementos: título, subtítulo, imagens e textos. Para cada um deles, foi analisada a presença do uso de discurso voltado à manipulação de opinião.

O foco da pesquisa foi não apenas analisar as imagens, os termos e as palavras utilizadas (incluindo itens lexicais dicionarizados ou não, conotação metafórica, ou ainda criação de novos termos), mas também identificar as práticas e os modelos que os autores dessas reportagens costumam utilizar, na intenção de defender fins pessoais, corporativos, ou ideológicos envolvidos. Com relação aos elementos textuais, são analisados os modos gerais de operação da ideologia elencados por

Thompson (2002): Legitimação; Dissimulação; Unificação; Fragmentação e Reificação.

A análise é descritiva e interpretativa, conforme prevê a abordagem da ACD como Crítica Social (HERZOG, 2016: 162-169), que utiliza perguntas de pesquisa e faz uma análise reflexiva da contribuição dos textos para a mudança social.

Tendo sido definida a manipulação de opinião como o problema para análise, a ACD prevê uma etapa de reflexão sobre a análise, em que se pretende verificar a tentativa, na produção dos textos analisados, para produzir práticas discursivas que influenciem ou criem práticas sociais (Fairclough, 2003), investigando os elementos da análise textual em três níveis de abstração: (a) eventos sociais (texto); (b) práticas sociais (ordens de discurso); (c) estruturas sociais (linguagem).

As práticas sociais devem ser entendidas como um nível intermediário entre as estruturas sociais, mais abstratas e duráveis, e os eventos sociais, mais concretos e pontuais (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

A prática social contempla diversas dimensões, tais como orientação econômica, política, cultural e ideológica, nas quais o discurso pode estar imbricado. A dimensão da prática social considera as noções de ideologia e hegemonia (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

Na análise dos eventos sociais, o texto é analisado em conformidade com quatro itens Fairclough (2003):

- (a) vocabulário: *wording*, lexicalização, significação;
- (b) gramática: forma como as palavras são combinadas em orações e em frases;
- (c) coesão: ligação entre orações e frases;
- (d) estrutura textual: arquitetura dos textos e seus modos de organização.

A análise também aborda a adaptação proposta por Meurer (2005: 95), na qual se inclui a noção de "explicação" à dimensão da prática social, e o modelo tridimensional de discurso (MEURER, 2005). Na análise das práticas sociais, as práticas discursivas (ou ordens do discurso, ou ainda produção, distribuição e consumo do texto e contexto) são analisadas em três itens Fairclough (2003):

- Tipos de atos de fala, ou força ilocucionária: se promessa, se pedido, se ameaça;

- Coerência: harmonia entre fatos e ideias;

- Intertextualidade: constituição de um texto com base em uma configuração de tipos de textos ou convenções discursivas e interdiscursividade.

Na análise das estruturas sociais, as práticas sociais (o que as pessoas fazem) são analisadas segundo dois conceitos, cuja combinação é útil para investigar a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural Fairclough (2003):

(a) ideologia: sentidos, pressuposições e metáforas;

(b) hegemonia: dominação por alianças, incorporação de grupos subordinados e geração de consentimento (discurso do fatalismo, inclusive); orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas.

Com esses passos em mente, fazem-se as perguntas que nortearão a escolha das categorias de análise. Essa escolha é apenas preliminar porque a escolha das categorias a serem utilizadas depende sempre dos textos analisados e das perguntas a que o pesquisador quer responder com sua investigação. Algumas perguntas sugeridas são (BATISTA JR. *et al.*, 2018):

(a) quais são os gêneros presentes no texto?

(b) que intertextualidades (outros textos) ou interdiscursividades (outros discursos) o texto apresenta?

(c) que presunções (opiniões, juízos, pretensões, suposições) o texto faz?

(d) que relações semânticas (causa-consequência; problema-solução; coordenações, subordinações) predominam no texto?

(e) como os atores sociais são representados (ativos ou passivos), como eles se comprometem com aquilo que asseveram, que juízos de valor emitem?

Esses passos resumidos da ACD é que permitem investigar e revelar como a linguagem atua na vida social. Revelá-lo é o que possibilita expor a universalização e a naturalização de discursos e de interesses particulares e a vinculação de textos particulares a ideologias específicas (BATISTA JR. *et al.*, 2018).

A análise reflexiva analisa a eventual tentativa de produzir ideologias com status de "senso comum": representações de elementos da realidade, concebidas em diversas dimensões e formas nas práticas discursivas e que podem contribuir para instaurar, sustentar ou transformar relações sociais de poder, dominação e exploração (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse sentido, Fairclough (2003; 2009) sugere levar em conta, também, o grau de repetição de determinado discurso.

### **3.4 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS**

Coletados os dados, após tratamento, foram analisados seguindo os passos descritos por Meurer (2005), em 3 fases: análise do texto, análise das práticas discursivas, análise das práticas sociais. Também, os textos foram analisados de acordo com o método da LSF, para verificar a presença dos elementos dos sistemas de Avaliatividade e de Transitividade na construção de sentidos dos textos, considerando-os em sua totalidade.

A análise do texto iniciou-se pela análise da estrutura. Os textos no formato de notícia seguem a seguinte estrutura padronizada contendo: títulos, subtítulos, o texto em si e as imagens. Em alguns casos, é interessante analisar a presença de links para outras notícias relacionadas. A análise do texto também envolve a análise da coesão e do vocabulário utilizado. Para a análise do texto, foi realizada a contagem e classificação das palavras que compõem os processos da LSF, no arquivo único que reúne todas as notícias analisadas.

A contagem e a análise das palavras pela LSF visam qualificar e quantificar a intensidade do uso de cada uma delas. No caso em questão, há dois lados opostos, que são o lado da acusação (MPF) e o lado da defesa de Lula, e a quantificação das palavras empregadas pode indicar o equilíbrio, ou desequilíbrio, do espaço de mídia concedido a cada uma das partes, sendo que o que se espera de uma mídia isenta é a concessão de espaço em igual medida aos indivíduos representantes dois lados.

Também, a identificação e a contagem das palavras permitem analisar que tipo de impressão os autores pretendem passar aos leitores. No caso em análise, a questão central é a manipulação das imagens de Lula e de Deltan Dallagnol. A análise das imagens utilizadas reforça o uso das imagens de Lula e Dallagnol para promover

essa manipulação, e permitem inferir sobre qual o sentido buscado nessa manipulação e quais sensações os autores buscam causar nos leitores, por meio da seleção das imagens e do uso de recursos para tratamento das imagens. Também, é possível analisar a associação de imagens aos textos, investigando a possível tentativa dos autores de atribuir determinado significado às imagens.

A análise das práticas discursivas visa identificar a utilização de práticas institucionalizadas para exercício do poder das mídias, principalmente voltadas para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação das massas, potencializadas pelo emprego de ideologias para tentar formar um senso comum, buscando, por fim, influenciar ou criar práticas sociais, que são o ponto final da análise.

As práticas sociais serão aqui entendidas como causa e efeito, pois influenciam a elaboração dos textos, e também constituem o desejo, pelos autores, pela obtenção de efeitos e impactos sociais. Nesse ponto da análise, são comparados os fatos apresentados nas notícias analisadas com registros de outros fatos, daquela época ou de diferentes épocas, que não foram relatados nessas notícias, mas que deveriam ter sido considerados. Assim, esse é o momento em que se analisam outras fontes que contrapõem as ideias relatadas nas notícias da amostra, para se obter maior compreensão da realidade daquele período analisado, da realidade do conflito social em que se inserem, e então se pode fazer a análise sobre a veracidade ou falsidade dessas notícias de forma geral.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesse Capítulo, são apresentados os resultados da aplicação do método de pesquisa sobre os dados coletados, conforme descrito no Capítulo 3.

### **4.1 A ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA IMPRENSA DIGITAL NA COBERTURA DA ACUSAÇÃO DE LULA NA OPERAÇÃO LAVA JATO**

A análise aborda os fatos da política brasileira ocorridos em 2016, em um ambiente político altamente conflituoso, com base na ampla cobertura da imprensa no episódio específico da denúncia contra Lula pela Lava Jato. Para verificar elementos que indiquem a possível manipulação de opinião durante a cobertura das mídias digitais no caso da Lava Jato contra Lula, serão analisadas todas as notícias publicadas na internet, pelos 10 maiores portais de notícias online, envolvendo a repercussão do episódio da denúncia do Ministério Público Federal contra Lula, até a aceitação da denúncia do MPF pela Justiça Federal. Dessa forma, a pesquisa inclui as notícias publicadas desde a data de 14 de setembro de 2016 (data da denúncia do MPF contra Lula) até a data de 21 de setembro de 2016 (um dia após a aceitação da denúncia pela Justiça Federal).

### **4.2 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS**

Após delimitação do escopo e do período das notícias a serem pesquisadas, passa-se à fase de coleta de dados. Para a coleta, será utilizado o site de buscas Google, realizando-se busca textual, com a utilização de filtros de datas nas ferramentas de busca do site, selecionando-se as datas de 14 a 21 de setembro de 2016. Nessa configuração, serão realizadas buscas, na tentativa de se obter uma amostra o mais completa e homogênea possível, das notícias disponíveis relacionadas aos fatos de interesse. As buscas serão por termos chave, tais como: "Lava Jato"; "Deltan Dallagnol"; "Sérgio Moro", " lula lava jato" e "powerpoint Deltan Dallagnol".

Tendo em vista que a presente pesquisa pretende analisar o discurso presente nas publicações dos maiores canais de imprensa do País, serão consideradas apenas as notícias veiculadas pelos maiores conglomerados de notícias da internet, conforme definição do Relatório *Media Ownership Monitor Brasil 2017* (INTERVOZES, 2017), que é o relatório mais próximo à data dos acontecimentos abordados nessa pesquisa que permite definir quais foram os conglomerados mais influentes na época.

Após a coleta, é necessário realizar o tratamento desses dados para possibilitar a análise, o que envolve reunir todas as notícias coletadas em um arquivo único de texto com imagens, e realizar a exclusão, nesse arquivo, de conteúdos publicitários contendo textos e imagens não relacionadas às notícias.

As notícias encontradas foram salvas em uma pasta única para eliminar resultados duplicados. Após isso, foi feita a seleção das notícias veiculadas apenas pelos 10 maiores conglomerados de notícias online do ano de 2017 (INTERVOZES, 2017). Ao final, do processo de busca e seleção, a amostra final obtida contém 103 notícias, publicadas no período de 14 a 21 de setembro de 2016, que constituem o *corpus* para análise. Considera-se que a amostra é suficiente retratar a atuação dos maiores veículos de imprensa na cobertura do episódio da denúncia a Lula na Lava Jato, pelo MPF, assim como a cobertura do episódio da aceitação da denúncia pela Justiça Federal.

As 103 notícias que constituem o corpus de análise da pesquisa foram catalogadas e numeradas em uma planilha. Dentre os 10 maiores conglomerados apontados no Relatório *Media Ownership Monitor Brasil 2017* (INTERVOZES, 2017), foi possível encontrar notícias de apenas 8 deles. Os portais IG e O Antagonista não retornaram resultados na busca. As notícias coletadas e selecionadas para a amostra foram reunidas em um único arquivo de texto e imagens, o qual foi utilizado para a análise.

#### **4.3 ANÁLISE DOS DADOS**

Seguindo os passos da análise pelo modelo tridimensional do discurso descrito por Meurer (2005), passou-se ao início da análise do discurso das notícias, pela análise lexical. Inicialmente, foi feita a contagem das palavras dos textos das notícias,

com o uso da ferramenta online disponível no site da internet *Count Words Free* (<https://countwordsfree.com/>).

A contagem de palavras dos títulos retornou, como os 10 termos com maior frequência (TABELA 1):

**Tabela 1:** Os 10 termos com maior frequência nos títulos das notícias da amostra

Ordem por frequência	Termo	Ocorrências
1	Lula	77
2	lava jato	32
3	contra	17
4	denúncia	15
5	corrupção	11
6	comandante máximo	9
7	para	8
8	esquema	7
9	temos	7
10	convicção	6

**Fonte:** o autor

A contagem de palavras dos subtítulos retornou, como os 10 termos com maior frequência (Tabela 2):

**Tabela 2:** Os 10 termos com maior frequência nos subtítulos das notícias da amostra

Ordem por frequência	termo	Ocorrências
1	ex-presidente	32
2	lula	25
3	para	22
4	denúncia	17
5	lava jato	16
6	dinheiro	14
7	contra	13
8	lavagem	12
9	petista	11
10	corrupção	10

**Fonte:** o autor

Com relação aos títulos e subtítulos, foram identificados aspectos relevantes ao Sistema de Transitividade. Os Processos Materiais em destaque foram denunciar (pela repetição da palavra “denúncia”) e “lavar dinheiro” (com a repetição da expressão “lavagem de dinheiro”). O processo Mental em destaque foi possui convicção (repetição do termo “convicção”). Sobre o Sistema de Avaliação, podem ser destacadas as ideias de julgamento com a repetição do termo “corrupção”, nas denúncias “contra” Lula, ou o “comandante máximo”, ou petista(s). A modalização está presente no adjunto “máximo” na expressão “comandante máximo”.

Na maioria das notícias, Lula foi referenciado nos títulos e subtítulos como “comandante máximo” de esquema de corrupção ou de organização criminosa, sendo chamado principalmente pelo próprio nome ou pelo termo “ex-presidente”.

Alguns títulos chamam a atenção pois não descrevem situações, mas criam situações e definições, expondo de forma clara o posicionamento político contrário a Lula, adotado pelos veículos de mídia, nos seguintes títulos:

- “A convicção das provas”;
- “A frase inventada pelos farsantes confirma que Lula ainda acha que os brasileiros são um bando de idiotas”;
- “Da denúncia contra Lula como “comandante da propinocracia”, só fica a dúvida: qual slide levar no peito?”;
- “O derretimento do mito de Lula”;
- “Exagerado é o esquema criminoso que saqueou o Brasil”;
- Lula dá nova cara à Bancada da Chupeta”;
- “Lula discursa como vítima da Lava Jato”;
- “Lula e a Lava Jato: prenda-me, se for capaz”;
- “Página de Lula no Facebook: internautas ironizam ex-presidente”;
- “Para Lula, político ladrão é melhor que procuradores e juízes concursados”.

Em outros títulos, a imprensa forçou a criação de personagens para juiz Sérgio Moro e do então procurador Deltan Dallagnol, como nos exemplos:

- “Religioso, surfista e chefe da Lava-Jato: quem é Deltan Dallagnol”;

- “Rodrigo Lombardi será Sergio Moro em filme sobre a Lava Jato”.

Após a análise dos títulos e subtítulos, foi realizada a contagem geral dos Processos da Análise de Transitividade da LSF, no corpo dos textos da totalidade das 103 notícias da amostra. Os resultados mais relevantes para a pesquisa foram encontrados na análise dos processos materiais (TABELA 3), mentais (TABELA 4), e comportamentais (TABELA 5). Também foram listados e documentados os processos relacionais, verbais e existenciais (APÊNDICES 1, 2 e 3).

A reprodução em massa de notícias com termos que associam o nome de Lula a diversos crimes, escândalos, condutas ilegais e investigações criminais, vai ao encontro do Princípio da Exageração (ampliação) e desfiguração de Goebbels, conforme expõe DOOB (1950): exagerar as más notícias até desfigurá-las transformando um delito em mil delitos criando assim um clima de profunda insegurança e temor.

**Tabela 3:** Processos materiais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS MATERIAIS		
	Processo	Ocorrências
1	denunciar	583
2	cometer corrupção	315
3	cometer crime	262
4	provar	194
5	apresentar	166
6	acusar	163
7	investigar	162
8	lavar dinheiro	159
9	pagar	151
10	receber ou oferecer propina	145
11	comandar	125
12	poder	110
13	receber	107
14	defender	105
15	contratar	96
16	pedir	90
17	reformular	81
18	prender	58
19	armazenar	53
20	comprar	53
21	usar	47

continuação...

PROCESSOS MATERIAIS		
22	espetáculo	43
23	decidir	39
24	condenar	34
25	iludir	34
26	pronunciar	29
27	chefiar	28
28	publicar	28
29	delatar	27
30	declarar	26
31	dever	26
32	ocultar	26
33	apontar	25
34	coordenar	25
35	perseguir	25
36	votar	25
37	desviar	23
38	apoiar	22
39	criticar	22
40	identificar	22
41	iniciar	22
42	processar	22
43	reproduzir	22
44	sustentar	21
45	divulgar	20
46	enriquecer	20
47	perpetuar	20
48	adquirir	19
49	imputar	19
50	comunicar	18
51	liderar	18
52	repudiar	18
53	justificar	17
54	atribuir	16
55	ofertar	16
56	mentir	15
57	tentar	15

**Fonte:** o autor

A contagem dos principais Processos Materiais de Transitividade da LSF permite obter algumas conclusões sobre a atuação da imprensa no caso. A primeira conclusão da análise é que a esmagadora maioria das palavras empregadas foram

no sentido de associar a imagem de Lula a diversos crimes, escândalos, condutas ilegais e investigações criminais: denunciar, cometer corrupção, cometer crime, acusar, investigar, lavar dinheiro, receber ou oferecer propina, prender, condenar, chefiar (esquema de corrupção), ocultar (patrimônio), desviar (dinheiro), enriquecer, perpetuar (exercício do poder), imputar, mentir. Por outro lado, se verificou uma frequência menor para Processos Materiais que se referem à defesa de Lula: provar, defender, espetáculo, iludir, perseguir, apoiar, justificar.

**Tabela 4:** Processos mentais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS MENTAIS		
	Processo	Ocorrências
1	ter convicção	65
2	Saber	55
3	Querer	41
4	Ler	26
5	prestar atenção	21
6	ter conhecimento	19
7	Dissimular	19
8	Repudiar	18
9	Mentir	15
10	Duvidar	14
11	Errar	12
12	Esquecer	11
13	Negar	11
14	Demonstrar	10
15	Achar	9
16	Analisar	9
17	Concluir	9
18	Entender	9

**Fonte:** o autor

Os processos mentais presentes nas publicações permitem a produção de significados ideacionais pelos autores, em relação aos atores envolvidos nas notícias. Por meio desses processos, é possível inferir que o que os atores pensam sobre os crimes relatados, sobre as provas, e sobre as circunstâncias das investigações da Lava Jato. O processo “ter convicção” foi o mais frequente quando os autores se referiram a Deltan Dallagnol, mas também houve o processo “errar” associado a dúvidas quanto à apresentação da denúncia contra Lula, bem como “esquecer” de

apresentar provas. Já o processo “saber” foi aplicado aos diversos atores (partes da acusação, da defesa ou a população em geral), em diferentes situações, assim como os processos “querer”, “ter conhecimento” (ou “conhecer) e “duvidar”. Os advogados de defesa de Lula usaram em massa o processo “repudiar” em resposta às denúncias. O processo “mentir” foi utilizado pelas partes acusadora e acusada como troca de acusações. Especificamente à Lula, foram atribuídos os processos “dissimular e “negar”.

**Tabela 5:** Processos comportamentais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS COMPORTAMENTAIS		
	Processo	Ocorrências
1	respeitar (ou desrespeitar)	27
2	Perseguir	25
3	desesperadamente	9
4	Reprovar	9

**Fonte:** o autor

O processo comportamental “respeitar” (ou desrespeitar) fez referência a diversos atores e situações nos textos. A defesa de Lula utilizou os processos “perseguir” e “desesperadamente” para alertar sobre a perseguição política pelos acusadores contra Lula, e “reprovar” foi reproduzido na frase “reprovável espetáculo judicial-midiático”, dita pela defesa de Lula.

Foi realizada, também a contagem geral dos termos da Análise de Avaliatividade e Modalização da LSF, no corpo dos textos da totalidade das 103 notícias da amostra, conforme consta nas Tabelas 6 e 7:

**Tabela 6:** Termos do Sistema de Avaliatividade mais frequentes nas notícias

AVALIAÇÃO		
	Termo	Ocorrências
1	ex-presidente	474
2	corrupção	315
3	crime(s)	262
4	propina(s)	146
5	petista(s)	127
6	comandante	126
7	valor	78

continuação...

AVALIAÇÃO		
8	proprietário	53
9	acusado(s)	44
10	ilícito (a, os, as)	42
11	preso	38
12	ilusionismo	34
13	incompatível	34
14	truque	32
15	investigados(as)	31
16	alvo	28
17	chefe	28
18	dono	28
19	Interesse	24
20	Inocência	21
21	condenado	20
22	líder	18
23	deplorável	16
24	Dignidade	15
25	golpe	15
26	responsável	15
27	vítima	15
28	escândalo	14
29	réus	14
30	farsa	13
31	corrompida	12
32	Indevidas	12
33	ladrão	12
34	perseguido	11
35	Falsidade	11
36	Devassa	10
37	Quadrilha	10

**Fonte:** o autor

Com relação à Avaliatividade, foram utilizados diversos adjetivos para se referir a Lula, tais como: ex-presidente, comandante, petista, acusado, preso, investigado, chefe, dono, alvo, condenado, líder, responsável, vítima, réu, ladrão, perseguido. Assim como ocorreu com os Processos Materiais, o sistema de Avaliatividade nas notícias associa a imagem de Lula a diversos crimes, escândalos, condutas ilegais e investigações criminais, como se nota no uso dos termos: corrupção, crime(s),

propina(s), ilícito (a, os, as), incompatível, escândalo, corrompida, Indevidas, quadrilha.

Na Tabela 7, são elencados os termos de modalização, usados para dar ênfase, que se mostraram mais frequentes nas notícias:

**Tabela 7:** Termos de modalização mais frequentes nas notícias

Modalização:		
	Termo	Ocorrências
1	mais	319
2	máximo	84
3	centro	25
4	cabais	17
5	possível	17
6	veementemente	12

**Fonte:** o autor

Com relação ao uso de ideologias, foi verificado o uso de neologismos com uma frequência relevante, para os termos: mensalão, petrolão, propinocracia e verborragia. A contagem das palavras dos textos permite concluir que não foram majoritariamente usados termos ofensivos ou pejorativos, em massa, para atacar Lula e o PT, mas constaram termos com menor frequência, como, por exemplo, ladrão (12 ocorrências) e sujo (9 ocorrências). Notou-se que foram utilizadas algumas metáforas para se referir a Lula, como “maestro de orquestra criminosa” e “culpa no cartório”.

Uma dimensão de análise ressaltada nos processos de interpretação textual é a intertextualidade. Para Reisigl e Wodak (2009, p. 90), a intertextualidade corresponde à articulação dos textos entre si, pela referência explícita a tópico ou ator principal (claramente temos Lula como centro das notícias), ou por meio de referências a mesmos eventos: na Tabela 8, as 103 notícias da amostra foram divididas com relação ao evento principal abordado em cada notícia:

**Tabela 8:** Eventos principais abordados nas notícias da amostra

EVENTO	Quantidade
Denúncia contra Lula pelo MPF	39
Discurso de Lula após acusação pelo MPF	15
Memes do powerpoint de Dallagnol	10

	continuação...
EVENTO	Quantidade
Frase "não temos provas mas temos convicção"	6
Representação da Defesa de Lula	6
O caso do Tríplex	5
Outras Ações da Lava Jato	5
Crítica à Lava Jato	4
Outras investigações contra Lula	4
Repercussão da denúncia do MPF contra Lula	3
Outros assuntos sobre Lula	2
MBL contra Lula	2
Exaltação a personagens da Lava Jato	2

**Fonte:** o autor

Com relação à análise dos atores sociais (FAIRCLOUGH, 2003) nas notícias em análise, de um lado, temos o personagem Lula, e, em lado oposto, Deltan Dallagnol, havendo também destaque a Sérgio Moro. Com relação às imagens de Lula publicadas nas notícias, houve uma predominância massiva de fotos de Lula preocupado, desgastado, cansado, chorando ou esbravejando. Também, foram utilizadas edições em algumas fotos, transmitindo uma imagem de um Lula que já sente o impacto da investigação da Lava Jato, já se colocando como o principal alvo da Operação, praticamente condenado.

Pode-se concluir, pela análise das fotos de Lula publicadas, que os portais de notícias deram ênfase a uma imagem de Lula preocupado, pensativo, cansado, desequilibrado, desgastado, acuado, desesperado, abatido, esgotado, acabado. As imagens utilizadas, associadas massivamente a palavras de acusação contra Lula, tiveram a intenção de causar no leitor a impressão de que Lula seria de fato o culpado das acusações, agindo como se já estivesse derrotado e sem saída, como se a condenação fosse uma situação "inevitável", configurando o uso do fatalismo, definido por Fairclough (2003), na análise de práticas sociais, como um meio de manipulação por dominação em busca de hegemonia.

Esse ato de desqualificar políticos que poderiam combater interesses de algumas elites é uma das formas de manipulação ideológica de "expurgo do outro", apontada por Batista Jr. *et al.* (2018), com a "constatação" de um quadro ruim que

leva a população ao conformismo e à falta de agência para a mudança de tal situação. A Figura 5 e o Anexo 1 mostram um Lula preocupado, acuado, cabisbaixo.

**Figura 5:** Lula preocupado, acuado



**Fonte:** <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/15/analise-denuncia-contralula-e-fragil-e-aumenta-pessao-sobre-a-lava-jato.htm>. Publicado em 15 set. 2016

Na Figura 6, a foto foi desalinhada para causar a sensação de desequilíbrio no leitor. A ideia é transmitir a sensação de incômodo, de desorganização, de caos:

**Figura 6:** Fotografia desalinhada causa sensação de incômodo (linhas desenhadas pelo autor)



**Fonte:** adaptado de <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/a-frase-inventada-pelos-farsantes-confirma-que-lula-ainda-acha-que-os-brasileiros-sao-um-bando-de-idiotas>. Publicado em 16 set. 2016

As imagens divulgadas do pronunciamento de Lula, logo após ele receber a notícia da sua acusação pelo MPF, foram categóricas na construção da imagem de uma pessoa fora de controle, raivosa, que esbraveja e chora. As imagens de Lula chorando foram amplamente utilizadas para comprometer a imagem de Lula e criticar suas ações e da defesa perante as acusações (FIGURA 7, ANEXOS 2 e 3). O verbo “chorar” e suas variações apareceram por 20 vezes nos textos. Em uma das matérias, apesar de ser afirmado que Lula “Atacou os inimigos de sempre, como de praxe, mas não esbravejou”, ao contrário do que mostram a Figura 8 e os Anexos 4 e 5:

**Figura 7:** Pronunciamento de Lula após denúncia do MPF. Lula chorando



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/politica/defesa-de-lula-faz-representacao-contra-procuradores-da-lava-jato-20119220>. Publicado em 15 set. 2016

**Figura 8:** Lula esbravejando em discurso após o recebimento da denúncia



**Fonte:** <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/lula-d%C3%A1-apoio-a-maduro-em-c%C3%BApula-de-pa%C3%ADses-n%C3%A3o-alinhados-1.212456>. Publicado em 18 set. 2016

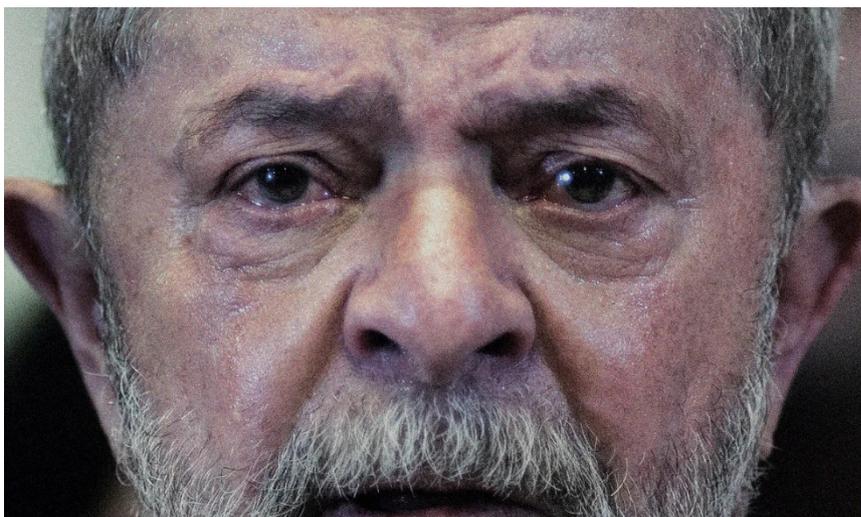
Outro recurso utilizado nas publicações das notícias foi o uso de filtros para alterar o aspecto da imagem, prejudicando a aparência de Lula. Nas Figuras 9 e 10, nota-se que a intenção é dar um ar sombrio, de uma pessoa doente, ou até com aspecto de morta. Quanto pior, melhor:

**Figura 9:** Fotografia editada em uma publicação (acima) e foto original, em outra publicação (abaixo). Foi utilizado filtro para descolorir a imagem, dando um tom mórbido



**Fonte:** <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/tenho-consciencia-tranquila-diz-lula-sobre-denuncia-do-mpf.html>. Publicado em 15 set. 2016; <https://veja.abril.com.br/politica/denunciado-lula-se-faz-de-vitima-e-nada-explica-sobre-acusacoes>. Publicado em 15 set. 2016

**Figura 10:** Fotografia editada para Lula parecer um cadáver



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/lula-e-a-lava-jato-prenda-me-se-for-capaz/>. Publicado em 16 set. 2016

As imagens publicadas de Deltan Dallagnol mostram um sujeito sério, racional, bem alinhado, eloquente (FIGURAS 11, 12, ANEXO 6). A intenção da imprensa digital foi a de criar a imagem de Deltan como uma pessoa séria, comprometida, convincente, determinado. A imagem de Dallagnol é associada a frases convincentes como “A Convicção das Provas”. Houve até mesmo uma matéria que tentou criar a imagem de Dallagnol religioso e descolado: “religioso e surfista” (FIGURA 13). Todos elementos disponíveis foram utilizados para se criar a imagem de um herói nacional defensor da justiça e do combate à corrupção. As imagens de Dallagnol publicadas pela imprensa digital são as possíveis, para causar o contraponto à imagem criada para Lula pela imprensa digital.

**Figura 11:** Deltan Dallagnol bem alinhado, de terno e gravata, fala com semblante tranquilo, com uma frieza racional



**Fonte:** <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37375468>. Publicado em 15 set. 2016

**Figura 12:** Dallagnol faz sua apresentação no MPF, como se estivesse dando uma aula



**Fonte:** <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/14/lava-jato-aponta-lula-como-o-comandante-maximo-do-esquema-de-corrupcao.htm>. Publicado em 14 set. 2016

**Figura 13:** Uso do apelo religioso para manipular a opinião pública na construção da imagem de um líder conservador



**Fonte:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/religioso-surfista-e-chefe-da-lava-jato-quem-e-deltan-dallagnol-7484296.html>. Publicado em 17 set. 2016

Já Sérgio Moro aparece em uma foto como um agente secreto, que age precisando se esconder do perigoso inimigo (FIGURA 14). Sérgio Moro seria retratado como herói nacional em filme de cinema, em que seria interpretado pelo ator Rodrigo Lombardi (FIGURA 15). O filme, no entanto, acabou sendo cancelado.

**Figura 14:** O juiz Sérgio Moro disfarçado, como se fosse um agente secreto



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/moro-nem-eu-sei-aonde-a-lava-jato-vai-chegar/>. Publicado em 19 set. 2016

**Figura 15:** A construção da imagem do herói. Ator Rodrigo Lombardi cotado para interpretar Sérgio Moro em filme de cinema



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/cultura/rodrigo-lombardi-sera-sergio-moro-em-filme-sobre-a-lava-jato>. Publicado em 14 set. 2016. Publicado em 14 set. 2016

A análise sob a ótica das Teorias dos Efeitos Negativos e da Mobilização (PATTERSON, 1998 e 2000; MERVIN, 1998; NEGRINE, 1996, CAPELLA & JAMIESON, 1997; PUTNAM, 1995) permite concluir, a partir das notícias selecionadas, que a imprensa digital atribuiu os efeitos negativos a Lula, ao mesmo tempo que atribuiu a mobilização à Lava Jato. Os meios de comunicação interferiram de forma negativa nos assuntos sobre Lula, diminuindo a confiança e interferindo na participação política, criando mobilização política em torno dos personagens da Lava Jato Deltan Dallagnol e Sérgio Moro.

As revistas Época e Veja publicaram capas de revistas expondo muito claramente o posicionamento pró-Lava Jato e contra Lula. As imagens de Deltan Dallagnol seguiram o mesmo padrão de um sujeito sério e determinado (FIGURA 16), enquanto Lula aparece em ilustrações caricatas e depreciativas (FIGURAS 17 e 18). Os títulos das revistas também são criativos para persuadir os leitores e isentar a Lava Jato de qualquer suspeita, e condenar Lula veementemente, nos títulos:

- “A Convicção das Provas” (tentativa de afastar a falta de provas na acusação);
- “A República do Pixuleco” (intenção de associar a imagem de Lula à propina);
- “O Chefe e a Madame” (ataques à esposa de Lula nos casos do Tríplice e do sítio de Atibaia, largamente explorados pela mídia).

**Figura 16:** Em apoio a Dallagnol, revista *Época* cria a frase “A convicção das provas” como estratégia de convencimento, de persuasão



**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.  
Publicado em 16 set. 2016. Publicado em 16 set. 2016

O texto da matéria da revista *Época*, cuja ilustração da capa consta na Figura 16 (<https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>, publicado em 16 set. 2016), narra todo o histórico, não somente da Operação Lava Jato, mas ilustra um “Mapa das Operações de Combate à Corrupção da Era Petista”, citando todas as operações da Polícia Federal de combate à corrupção em andamento naquele momento. A mídia percebeu que o momento da acusação contra Lula pelo MPF era propício para investir no Princípio da Transferência de Goebbels (DOOB, 1950): potencializar um fato presente com um fato passado. A estratégia da Lava Jato e da imprensa de divulgar as investigações de combate à corrupção, uma

a uma, aos poucos ao longo dos anos, e, a cada nova investigação, relatar novamente o histórico das investigações anteriores, de forma que se noticia um fato e se acresce com um fato que tenha acontecido antes. A abertura de diversas investigações contra o PT, que se acumulam e não se encerram, pode ser vista como a operação da ideologia da Reificação de Thompson (2002), em que há a retratação de uma situação que é transitória (investigações) como permanente e natural, como se, enquanto houver governo do PT, haverá corrupção e investigações intermináveis.

**Figura 17:** Revista Veja investe no adjetivo “Pixuleco” para destruir a imagem de Lula



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/da-denuncia-contra-lula-como-8220-comandante-da-propinocracia-8221-so-fica-a-duvida-qual-slide-levar-no-peito>. Publicado em 14 set.

2016

**Figura 18:** Revista Veja cria charge para ridicularizar Lula



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/dez-anos-atras-expressao-8216-propinocracia-8217-apareceu-em-carta-de-leitor-a-veja>. Publicado em 16 set. 2016

As notícias exploraram massivamente casos envolvendo a família de Lula, principalmente a Dona Marisa, que foi muito citada em diversas matérias (FIGURAS 19, 20, 21, 22 e ANEXO 7):

**Figura 19:** Capa da revista Veja incriminando Lula e Marisa no caso do Tríplex



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/lula-e-marisa-denunciados-a-cozinha-do-8216-chefe-8217-e-a-hora-marcada-com-8216-madame-8217>. Publicado em 14 set. 2016

**Figura 20:** Exposição, na mídia, da imagem da família de Lula



**Fonte:** <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/a-vida-de-lula-e-familia-ha-38-anos>. Publicado em 16 set. 2016

**Figura 21:** Uso de imagem e texto na tentativa de criar a imagem de Lula como protegido pelo STF.  
A imagem de Marisa é utilizada com frequência pela mídia digital na cobertura da Lava Jato



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/exagerado-e-o-esquema-criminoso-que-saqueou-o-brasil>. Publicado em 17 set. 2016

**Figura 22:** Lula, como se ele estivesse preocupado com a acusação feita na frase do título da notícia. No título, a criação de adjetivos para atacar Lula e Marisa: “chefe” e “madame”



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/lula-e-marisa-denunciados-a-cozinha-do-8216-chefe-8217-e-a-hora-marcada-com-8216-madame-8217>. Publicado em 14 set. 2016

Outra matéria relata como Sérgio Moro é tratado como herói por onde passa e faz entrevista a Moro (FIGURA 23):

**Figura 23:** Mídia digital cria, em texto, a imagem de Sérgio Moro como um agente secreto, um herói

Na noite da terça-feira 13, poucas horas antes da denúncia dos procuradores contra o ex-presidente Lula, um movimento atípico de agentes da Polícia Federal quebrou a rotina num dos terminais de embarque do Aeroporto Internacional de Guarulhos. No saguão, policiais tentavam agir com discrição para não chamar atenção sobre a autoridade que protegiam — um homem de estatura mediana, de calça jeans, camiseta preta, sapatênis, óculos escuros e boné vermelho. Não fossem os óculos, passaria despercebido. “O senhor é quem eu estou pensando?”, perguntou o empresário Michel Kupferman, quase sussurrando, procurando enxergar um pouco mais atrás dos óculos. “Se é, parabéns.” Era. O juiz Sergio Moro, com sua timidez pétrea, confirmou com um sorriso contido. Antes de se afastar, o empresário, ainda falando baixo, continuou: “Estou indo embora do Brasil, mas vejo que as coisas aqui estão começando a mudar, e o senhor é o responsável por isso”.

O voo para os Estados Unidos, onde o juiz proferiria uma palestra, demoraria um pouco a sair. Sob a vigilância dos policiais, Moro aguardava a chamada ainda incógnito, bebericando uma taça de vinho tinto chileno, até que outro passageiro se aproximou. “Dá orgulho ver que existem pessoas como você. Eu fico até emocionado”, disse o também empresário Marcelo Di Giorgio. Não era exagero retórico. Antes de tentar engatilhar uma conversa mais longa com o juiz, Di Giorgio chorou de verdade. Depois disso, uma das recepcionistas da companhia aérea também se aproximou. Pediu uma selfie. Ao se ajeitar para a foto, o juiz tirou os óculos escuros e o boné. O disfarce tinha ido por água abaixo.

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/moro-nem-eu-sei-aonde-a-lava-jato-vai-chegar/>. Publicado em 19 set. 2016

Ainda, na notícia da Figura 23, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tem destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Comportamentais: orgulho, tímido, contido, incógnito, emocionar. Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 23, destacam-se os termos: parabéns, responsável, exagero, autoridade. Já a modalização está presente no trecho com o uso dos vocábulos: poucas, atípico, pétrea, também, mais, começando, de verdade, mais longa.

Outra matéria (FIGURA 24) narra detalhes da vida pessoal de Dallagnol, na tentativa de criar a imagem de um herói, religioso, surfista, entre outras características louváveis e elogios:

**Figura 24:** Notícia cria a imagem de Deltan Dallagnol como herói conservadorista: religioso, casado, pai de família, surfista e combatente contra a corrupção

Casado e pai de um casal de filhos, Dallagnol é "seguidor de Jesus", conforme descreve em seu Twitter. Com a família, frequenta a Igreja Batista do Bacacheri, em Curitiba. A partir dos cultos, levou sua palavra contra a corrupção, que ecoou por escolas, associações, clubes e o plenário do Congresso. Em junho, durante audiência com parlamentares, sentenciou:

– A corrupção é uma assassina sorrateira, invisível e de massa. Ela é uma serial killer que se disfarça de buracos de estradas, de falta de medicamentos, de crimes de rua e de pobreza.

Descrito por amigos como metódico, carinhoso e sossegado, Dallagnol muda o estilo quando sobe no skate ou pega uma prancha. Em 2014, no início da Lava-Jato, viajou para surfar na Indonésia. Desde

**Fonte:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/religioso-surfista-e-chefe-da-lava-jato-quem-e-deltan-dallagnol-7484296.html>. Publicado em 17 set. 2016

No trecho da notícia da Figura 24, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tem destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: descrever, pegar, viajar, surfar; dos Processos Relacionais: ser, frequentar, seguir, subir; Processos Verbais: ecoar, sentenciar, levar (a palavra); dos Processos Existenciais: mudar, disfarçar; e do Processo Comportamental: Sossegado.

Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 24, destacam-se os termos: casado, metódico, pai, seguidor de Jesus, carinhoso e sossegado, assassina, invisível e de massa, *serial killer*.

Outra conclusão importante a partir da análise do discurso das notícias diz respeito ao emprego de palavras com o objetivo de ligar o nome da família de Lula a crimes. Isso explica porque os casos das investigações sobre a propriedade do triplex do Guarujá e do sítio de Atibaia foram tão repetidamente noticiadas. Fica evidente que as notícias tiveram um viés para ligar o nome da então esposa de Lula, Marisa Letícia Lula da Silva, a crimes. Nas 103 notícias da amostra, o Termo "Marisa" foi citado 195 vezes. Esse número supera até mesmo as citações ao nome Dallagnol (187 citações), enquanto o nome Deltan foi citado por 131 vezes. Já o nome composto "Marisa Letícia" foi citado em 88 ocasiões. O adjetivo "esposa", em referência a Marisa Letícia, foi citado 64 vezes. O nome "Lulinha" teve 10 ocorrências nas notícias analisadas. Também constam os termos "família" (42 citações) e "familiares" (19 citações), para ligar o nome da família de Lula a crimes.

A exposição repetida do nome de Dona Marisa se encaixa na descrição do Princípio da Orquestração de Goebbels (DOOB, 1950): fazer ressonar os boatos até se transformarem em notícias sendo estas replicadas pela imprensa oficial. Também, essa tentativa de envolvimento da família de Lula na Operação Lava Jato se encaixa na descrição da estratégia de novelização (SILVA, 2017), na qual os assuntos de importância nacional são misturadas a um drama familiar, ao mesmo tempo em que se cria uma luta do bem contra o mal, entre mocinhos e bandidos. O emprego desse melodrama enquanto estilo (e não gênero) é utilizado para provocar empatia do público, aproximando a abordagem dos fatos reais com o realizado nas novelas. Essa ficcionalização pode gerar distorções nas descrições dos atores, conforme já descrito, e também dos fatos narrados, que serão analisados com maior profundidade nesse Capítulo da presente pesquisa. A produção da angústia nas imagens de Lula e na trama familiar montada pela mídia digital serviu como impulso para movimentar as massas, manipulando-as. Pode-se afirmar que houve a estetização das narrativas informativas para produzir um afeto estético, sensibilizar, e atingir mais o efeito de manipulação coletiva, como prevê Silva (2017) a respeito do uso desse estilo de discurso.

Foi dado largo destaque ao caso do apartamento Tríplice do Guarujá, reformado pela OAS, o qual, segundo as investigações, seria entregue à família de Lula. A exposição do caso com a divulgação de diversas fotos do imóvel (FIGURA 25 e ANEXOS 8, 9 e 10). Foi dado menor destaque, no período, ao caso do sítio de Atibaia, que supostamente seria da família de Lula (FIGURA 26). A imprensa utilizou frases de efeito para ligar Lula ao caso do sítio (FIGURA 27) na ocasião da prisão de Bumlai, durante as investigações da Lava Jato.

**Figura 25:** Fotografia da cobertura do Tríplices do Guarujá



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/politica/lava-jato-denuncia-lula-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro/>.  
Publicado em 14 set. 2016

**Figura 26:** Fotografia aérea do terreno do sítio de Atibaia



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/politica/lula-fatiou-petrobras-para-evitar-impeachment-no-mensalao-diz-delcidio-em-delacao-ao-mpf-20123850>. Publicado em 16 set. 2016

**Figura 27:** A matéria tenta ligar Lula às acusações contra os investigados da Lava Jato. Uso das expressões “amigo de Lula” e “O camarada”

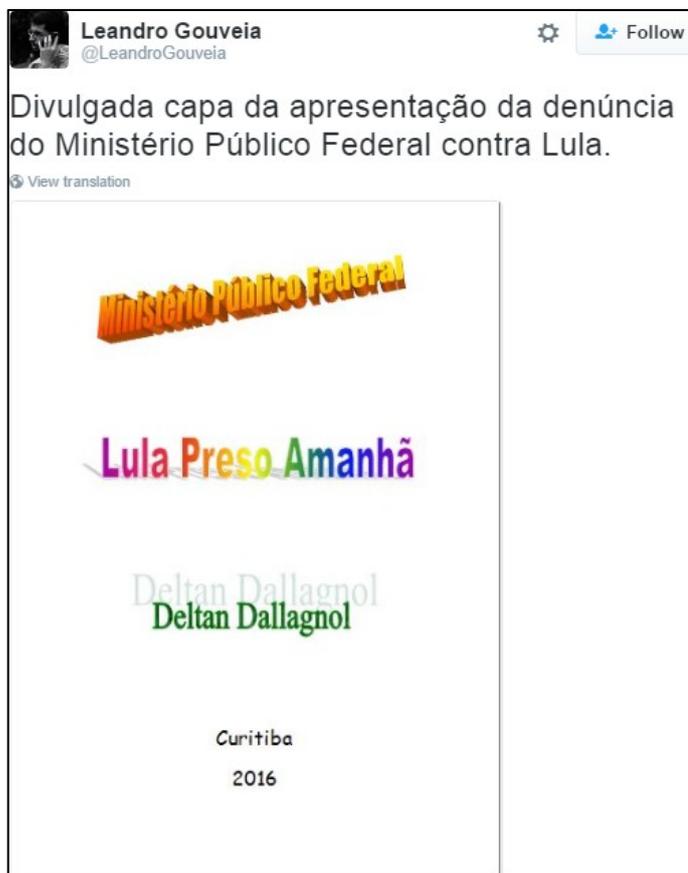


**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.

Publicado em 16 set. 2016. Publicado em 16 set. 2016

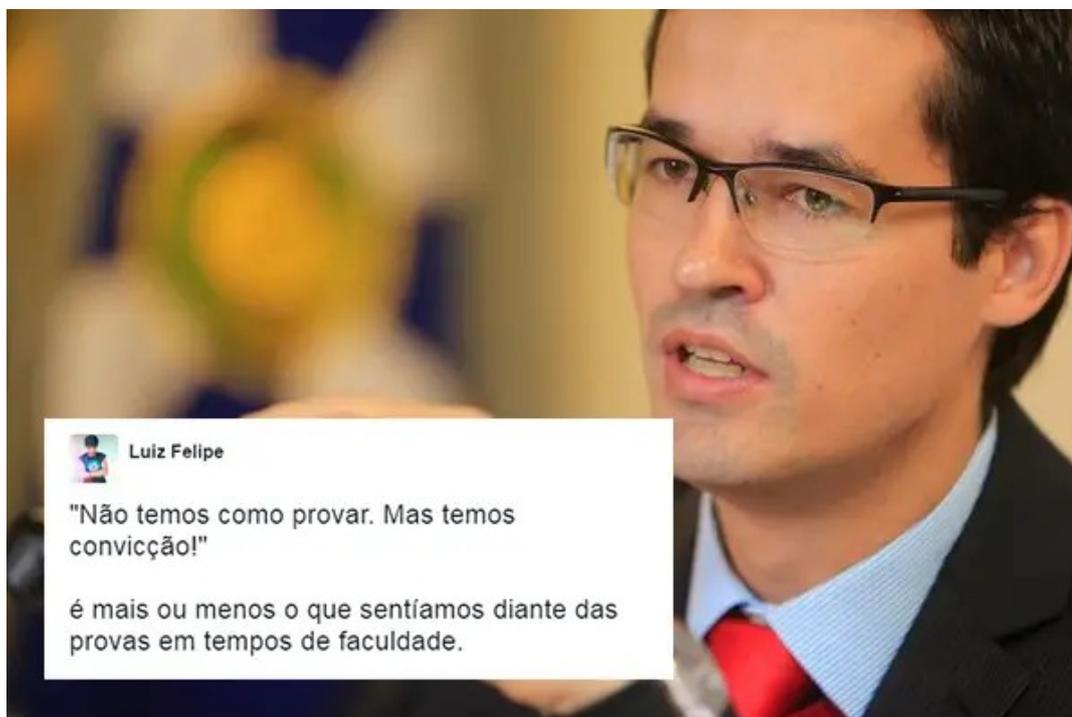
Poucas notícias questionaram a confiabilidade dos métodos empregados pela Lava Jato durante a acusação de Lula. Na maioria dos casos, ao invés disso, as críticas ficaram limitadas à publicação de matérias sobre os memes gerados na internet. Enquanto há a incitação de ódio contra Lula, as críticas a Deltan Dallagnol ganham uma leveza humorística, distraindo parte da população da gravidade e da análise mais profunda do caso (FIGURAS 28, 29, 30, ANEXOS 11 e 12).

**Figura 28:** Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online.  
Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet



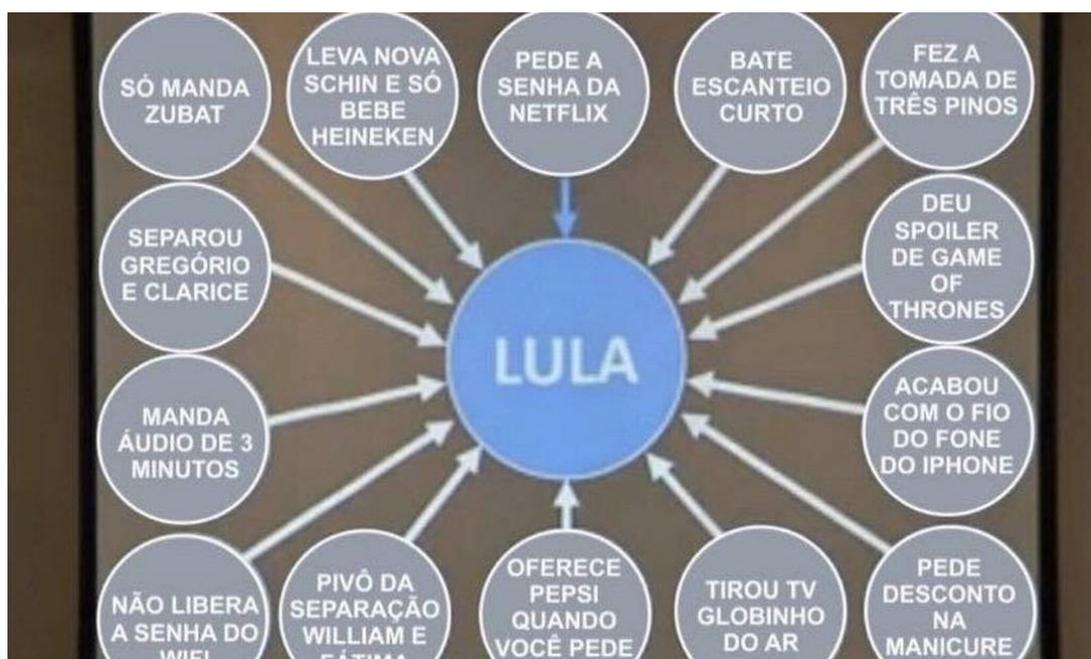
**Fonte:** <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/grafico-de-denuncia-contralula-vira-piada-nas-redes-sociais/>. Publicado em 14 set. 2016

**Figura 29:** Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet



**Fonte:** <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/a-frase-8220-nao-temos-provas-mas-temos-conviccao-8221-virou-meme-mas-foi-dita-pelo-procuradores-da-lava-jato>. Publicado em 15 set. 2016

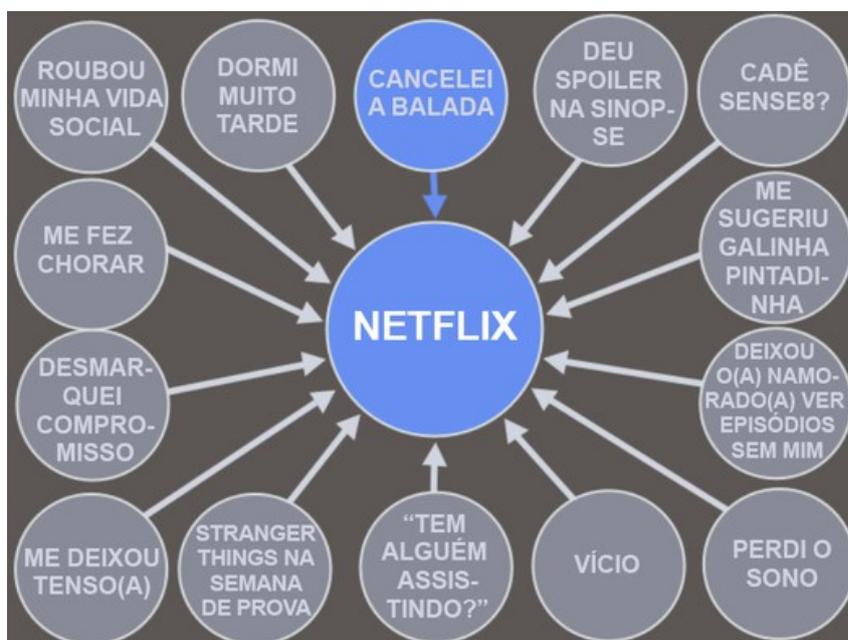
**Figura 30:** Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. O *powerpoint* usado por Dallagnol contra Lula vira piada na internet



**Fonte:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/powerpoint-sobre-denuncia-contralula-vira-meme-nas-redes-sociais-7461013.html>. Publicado em 14 set. 2016

Embarcando no clima de humor sobre o caso, o *Power point* utilizado por Deltan Dallagnol acabou virando peça publicitária de diversas marcas (FIGURA 31 e ANEXO 13):

**Figura 31:** Campanha publicitária da Netflix faz deboche ao powerpoint utilizado por Dallagnol para acusar Lula



**Fonte:** UOL, 2016. Publicado em 20 set. 2016

O amplo destaque aos memes e piadas sobre a apresentação da denúncia contra Lula pelo MPF se encaixa em algumas das estratégias de manipulação da mídia enumeradas por Chomsky (TIMSIT, 2002), a saber:

- Estratégia da Distração: os conteúdos com pouca profundidade estimulam o debate raso sobre o assunto complexo que é a acusação do MPF contra Lula;
- Estratégia de dirigir-se ao público como a criaturas de pouca idade: desestímulo ao debate sério e profundo, e estímulo à elaboração de piadas e brincadeiras, exibição de charges;

- Manter o público na ignorância e na mediocridade: para isso, a criação de piadas sobre o assunto ocorre ao mesmo tempo em que se busca ocultar informações realmente relevantes sobre os fatos e sobre a seriedade e imparcialidade das investigações pela Lava Jato.

Com relação à coesão textual, os autores das matérias optaram por repetir massivamente o uso do nome Lula e Luiz Inácio Lula da Silva, abrindo mão de utilizar elementos de substituição referencial, lexical e sequencial. Esse recurso tem por finalidade reforçar veementemente a ligação de Lula às acusações, como demonstrado na Figura 32. Também foram utilizados termos “defesa de Lula”, “amigo de Lula”, para repetir ainda mais o nome Lula nas matérias. Quando necessário o uso do recurso de referenciação, foi utilizado, na maioria das vezes, o termo “ex-presidente” para substituir o nome “Lula”. Ao contrário do que ocorre com o nome “Lula”, o termo “Lava Jato” não aparece de forma tão repetitiva nos textos, sendo substituído por “força-tarefa” ou “investigação”.

**Figura 32:** Exagero do uso do termo “Lula”, dispensando o uso de substituição por pronomes ou substantivos

De acordo com a ação penal apresentada pela força-tarefa, Lula “recebeu de forma direta, em benefício pessoal, valores oriundos do caixa geral de propinas da OAS com o PT” no total de R\$ 3,7 milhões. Para calcular qual foi o benefício de Lula, os procuradores consideraram o perdão de uma dívida equivalente a R\$ 1,1 milhão pela aquisição do triplex, que Lula não pagou porque só tinha desembolsado o equivalente a R\$ 340 mil por um apartamento menos valioso. Também entraram na conta as reformas no triplex, que custaram R\$ 926 mil, e a decoração do apartamento, que saiu por R\$ 350 mil. Nenhum outro proprietário teve tamanha honraria da empreiteira no condomínio Solaris. Lula desistiu da compra quando a existência do apartamento se tornou pública. E Lula também foi beneficiado pelo fato de a OAS ter desembolsado R\$ 1,3 milhão para manter objetos pessoais do ex-presidente em depósitos da transportadora Granero, entre janeiro de 2011 e janeiro de 2016.

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/lula-e-denunciado-pela-lava-jato.html>.

Publicado em 14 set. 2016

Ainda, no trecho da notícia da Figura 32, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tem destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: receber, beneficiar, considerar, adquirir, pagar, desembolsar, reformar.

Nas Figuras 33, 34 e 35, nota-se a apresentação de imagens de Lula, nas notícias, divorciadas do seu contexto. Na Figura 33, a imagem de Lula, chorando, é exposta abaixo do título: “Lula parou de pagar por tríplices quando a OAS assumiu obra”. Na Figura 34, a notícia é sobre a viagem de Lula ao Nordeste para apoiar candidatos do PT, porém, a foto mostra Lula esbravejando, o que não tem nada a ver com a notícia, nem com uma campanha política. Nessas notícias, ficou clara a intenção de parte da imprensa digital em “matar” Lula politicamente, com o uso da estratégia descrita por Doob (1950) como o Princípio da Vulgarização, que visa transformar tudo que Lula fazia em algo torpe e de má índole. Qualquer atuação política por parte de Lula seria ligada à intenção de continuar formando esquemas de corrupção.

Como recurso de coerência, notou-se o uso da associação direta das imagens de Lula a determinadas palavras e frases acusatórias de forma intencional. Por exemplo, na Figura 35, temos a foto de Lula chorando em cima do título: "Patrimônio de Lula cresce 360%...", gerando uma imagem de falsidade atribuída a Lula, transmitindo ao leitor a ideia de que ele chora enquanto enriquece com a corrupção. Aqui, com o uso de imagens fora do contexto das notícias, fica evidente que ocorre o que afirmou traquina (1993), a respeito do uso do chamado *newsmaking*, no que tange ao que se chama constrangimentos organizacionais e fragmentação da informação, sob um condicionamento na sua produção e no seu tratamento.

**Figura 33:** Associação entre acusações e a imagem de Lula chorando criam a impressão de falsidade a Lula diante das acusações



**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.

Publicado em 16 set. 2016. Publicado em 16 set. 2016

**Figura 34:** Fotografia desconexa com o título da notícia. Para o colunista, é absurdo o fato de Lula fazer campanha enquanto investigado pela Lava Jato

# Lula fará tour pelo Nordeste para apoiar candidatos do PT

Até o momento, já estão marcadas participações do petista em Fortaleza (CE) e no Recife (PE)

Por Igor Gadelha

19/09/2016 | 16h11 • Atualização: 10/11/2022 | 02h07

A photograph of Luiz Inácio Lula da Silva speaking at a podium. He is wearing a dark suit jacket over a dark turtleneck. He has a grey beard and is gesturing with his right hand while speaking into a microphone. The background is blurred, showing a large green number '5'.

**Fonte:** <https://www.estadao.com.br/brasil/lula-fara-tour-pelo-nordeste-para-apoiar-candidatos-do-pt/>.

Publicado em 19 set. 2016

**Figura 35:** Título desconexo da imagem como recurso de coerência no intuito de gerar a imagem de falsidade no discurso de Lula



**Fonte:**

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813766-patrimonio-de-lula-cresceu-360-desde-o-fim-do-segundo-mandato.shtml>. Publicado em 16 set.

2016

As montagens realizadas nas Figuras 33, 34 e 35 (acima) são exemplos do que Bürger (2012), descreveu como uma composição a partir de fragmentos da realidade, que diferencia a ficção da realidade, no sentido de que retira um objeto do seu sentido originário e reconecta-o com um contexto geral outro, que expõe em si os mecanismos de uma manipulação para produzir ilusão, enquanto tentativa de representação do real a partir da perspectiva de alguém. Também são exemplos do que Traquina (1993) expôs como sendo o *newsmaking*, o ato de fragmentar a informação, condicionando

o processo de produção de notícias que, apesar de sua flexibilidade, são apresentadas de forma divorciada do seu contexto.

Na análise das notícias, foram encontradas duas contradições centrais entre as narrativas das diferentes notícias, em relação aos fatos: i) Lula ter sido acusado, ou não, de ser chefe de esquema de corrupção; e ii) a existência ou inexistência de qualquer prova contra Lula na denúncia oferecida pelo MPF.

A contradição mais grave encontrada, por se tratar do núcleo do conteúdo das notícias, e devido ao possível impacto da manipulação de opinião, foi sobre o conteúdo da denúncia do MPF contra Lula. Houve relatos divergentes, nas diferentes notícias, sobre o fato de Lula ter sido denunciado, ou não, de ser o chefe dos esquemas de corrupção na Petrobras investigados pela Lava Jato. Notícias declaravam que sim, Lula havia sido de fato denunciado pela Lava Jato de ser “o chefe”, “o comandante” do esquema de corrupção da Petrobras (FIGURAS 36, 37, 38 e ANEXO 14). Na Figura 37, verifica-se a presença do discurso fatalista que constitui forma de ideologia voltada à manipulação, dominação e manutenção de hegemonia (FAIRCLOUGH, 2003), quando o autor da notícia) tenta dar o “ultimato” à carreira política de Lula, ao antecipar a “queda do maior político vivo do país”.

**Figura 36:** Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos)

A denúncia será encaminhada ao juiz federal **Sergio Moro**, que decidirá se há provas suficientes para abrir processo contra Lula por esses crimes. “A Operação Lava Jato acusa o senhor Luiz Inácio Lula da Silva de ser o comandante máximo do esquema de corrupção na Petrobras”, afirmou o coordenador da força-tarefa, Deltan Dallagnol. “O que se constatou foi o

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/lula-e-denunciado-pela-lava-jato.html>.

Publicado em 14 set. 2016

**Figura 37:** Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos)

antecedência. Numa sala repleta de jornalistas, procuradores e delegados, Dallagnol, o líder da **força-tarefa da Lava Jato**, subiu ao púlpito. Fez-se silêncio. Transmitia-se tudo ao vivo para o país inteiro. Ele foi claro e direto: “Hoje, o Ministério Público Federal acusa o senhor Luiz Inácio **Lula da Silva como o comandante máximo do esquema de corrupção** identificado na Lava Jato”. Eram palavras que anunciavam, a um só tempo, o auge do maior caso de corrupção da história do Brasil – e a queda do homem que ainda é o maior político vivo do país.

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.

Publicado em 16 set. 2016

Ainda, na notícia da Figura 37, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tem destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: liderar, acusar, comandar, identificar; Processos Verbais: silenciar, anunciar, transmitir; Processo Comportamental: cometer corrupção.

Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 37, destacam-se os termos: líder, claro, direto, comandante, vivo. Com relação à modalização, destacam-se os termos: só, repleta, maior, tudo, inteiro, máximo, ainda.

**Figura 38:** Uso de diferentes adjetivos para condenar Lula no esquema de corrupção da Petrobras (destaques nossos)

O coordenador da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba, Deltan Dallagnol, não economizou frases de efeito para descrever a posição de chefia do ex-presidente Luiz Inácio **Lula** da Silva no esquema de corrupção da Petrobras. “**Comandante máximo do esquema**” e “**verdadeiro maestro da orquestra criminoso**” foram algumas das tantas locuções adjetivas atribuídas a Lula durante a **coletiva que detalhou a denúncia** oferecida contra ele, sua mulher, e mais seis pessoas ao juiz Sergio Moro. Em uma longa explanação, Dallagnol imputou ao ex-presidente e ao seu partido, o PT, a coordenação não só do petróleo, mas da “propinocracia”, palavra criada por ele que significa “governo regido pela propina”. Por

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/politica/em-7-frases-quem-era-lula-segundo-o-mp/>. Publicado em 19 set. 2016

No texto da Figura 38, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), tem destaque, para a formação do sentido ao

discurso, a presença de metáfora: orquestra, maestro, reger; de neologismos (ideologia): petrolão, propinocracia; e dos Processos Materiais: economizar, chefear, denunciar, oferecer, coordenar, criar, imputar, atribuir. Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 38, destacam-se os termos: coordenador, chefia, ex-presidente, comandante, maestro, criminosa. Com relação à modalização, foram usados os termos: de efeito, máximo, verdadeiro, criminosa, longa.

Mesmo quando o núcleo da notícia era a aceitação da denúncia contra Lula apresentada pelo MPF, pelo então juiz Sérgio Moro, uma publicação utilizou recursos de coesão para chamar a atenção do leitor para reforçar que Lula teria sido acusado de ser chefe de esquema de corrupção, fazendo parecer que isso estava no pedido formal de indiciamento que foi aceito por Sérgio Moro (Figura 39):

**Figura 39:** Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras em denúncia aceita pelo juiz Sérgio Moro (destaques nossos)

Ao acusar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva de "comandante máximo" do esquema de corrupção na Petrobras, o coordenador da força-tarefa da Lava-Jato, Deltan Dallagnol, utilizou projeção de slides para listar 14 evidências que comprovariam o poder de mando do petista. Nesta terça-feira, a denúncia contra Lula foi aceita pelo juiz Sergio Moro.

**Fonte:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/em-infografico-veja-os-argumentos-do-mpf-no-powerpoint-contra-lula-7468378.html>. Publicado em 15 set. 2016

Outra notícia informou que “Lula é acusado por procuradores de liderar esquema de corrupção na Petrobras” e que “Para os procuradores, o petista liderou o esquema de corrupção na Petrobras”, e teria se valido de “propinocracia” para conseguir governabilidade”<sup>1</sup>.

A verdade, no entanto, é que Lula não foi denunciado por ser chefe dos esquemas de corrupção. Essa afirmação consta na denúncia, porém, o MPF não pediu a condenação de Lula por ser chefe de esquema de corrupção. O que ocorreu

<sup>1</sup>

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813395-denuncia-e-truque-de-ilusionismo-diz-defesa-de-lula.shtml>. Publicado em 14 set. 2016, acesso em 12 jun. 2024

nesse episódio foi que grande parte dos maiores canais da mídia apenas reproduziu um discurso manipulador de Deltan Dallagnol, sem explicar se o discurso era condizente com os pedidos de condenação.

A segunda divergência central com relação à cobertura do caso, pela mídia digital, consiste na existência ou não de provas sobre os crimes citados na acusação do MPF contra Lula. Algumas notícias afirmaram categoricamente que o MPF possuía provas de que Lula era comandante de esquema de corrupção (FIGURA 40). No trecho da Figura 41, o autor da notícia utilizou, inclusive, o termo “evidências” como se fosse sinônimo de “provas”, atribuindo significado incorreto a esses vocábulos.

**Figura 40:** Notícia distorce a fala de Dallagnol e afirma que o Procurador teria dito que o MPF possui provas de que Lula seria o “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras (destaques nossos)

O procurador Deltan Dallagnol afirmou que o Ministério Público reuniu provas que indicam que Lula era o "comandante máximo do esquema de corrupção identificado na Lava Jato". Segundo o procurador, Lula recebeu R\$ 3,7 milhões em propinas, pagas de forma dissimulada.

**Fonte:** <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/defesa-de-lula-comenta-denuncia-contr-ex-presidente-e-mais-sete.html>. Publicado em 14 set. 2016

Sobre a polêmica em torno da inexistência de provas na acusação do MPF contra Lula, virou meme a frase “Não temos provas, mas temos convicção”. A frase foi uma piada inventada por internautas quando Dallagnol acusou Lula de ser comandante do esquema de corrupção, mas não apresentou provas. Na Figura 41, o colunista acusa Lula de, entre outras coisas, ser estimulador do ambiente tenso e polarizado do País. Sobre as “provas”, em entrevista (FIGURA 42), Dallagnol disse que havia provas que, “analisadas como num quebra-cabeça”, que “geram convicção” de que Lula estaria no centro do esquema de corrupção.

No entanto, é papel da imprensa não somente ecoar discursos proferidos pelos envolvidos nos acontecimentos. De acordo com Dewey (2004), à imprensa caberia a função de agente promotora de discussão, cultivando na comunidade certas habilidades vitais, tais quais ouvir, compreender, debater as diferentes alternativas e argumentar sobre o que está sendo proposto. As pessoas podem confiar nessas notícias somente porque confiam no veículo de imprensa que as divulga, em virtude

dos chamados “contrato de autenticidade” e “contrato de seriedade” conferidos à imprensa, definidos por Charaudeau (1983). No entanto, nas notícias analisadas, não se nota, na grande maioria delas, o compromisso com o jornalismo investigativo, ou o compromisso com a busca da verdade dos fatos.

Além do mais, as contradições quanto às narrativas sobre a acusação e as provas contra Lula, pode-se afirmar que ocorreu a manipulação na forma definida por Van Dijk (2008), como a criação de um fato, de um argumento ficcional - não-realidade, que pressupõe a interação de sentimentos, emoções e afetividade necessárias à abstração do conteúdo por parte do público. Ao mesmo tempo, ocorreu, na cobertura do caso, o que se chama de Princípio da Novelização (SILVA, 2017), uma vez que foi verificada a distorção da narrativa dos fatos a respeito da acusação e das supostas provas contra Lula. Nota-se que, nesse caso, que O real sofreu constante artificialização, os indícios foram apresentados como parte importante da trama, sem a necessidade da comprovação final, pois as insinuações foram o objetivo permanente, já que o tema corrupção, por si só, gera engajamento e apelo emocional. Em que pese não haver provas contra Lula, até mesmo a necessidade de apresentar evidências foi deixada de lado, uma vez que o termo “evidências” apareceu somente 28 vezes nos textos.

**Figura 41:** Sobre as provas contra Lula, colunista incorre em erro conceitual ao equalizar os conceitos distintos provas e evidências (destaques nossos)

O ambiente tenso e polarizado do país, coisa que Lula e seus aliados estimulam, em que há desprezo pelas verdades factuais, permitiu também que prosperasse rapidamente, nas redes sociais, uma frase falsa atribuída aos procuradores. “Não temos provas, temos convicções” virou meme. Nem Dallagnol nem os demais procuradores disseram algo perto disso. Mas não interessa. Sites petistas espalharam a frase como prova de que não havia evidências contra Lula. Falavam em “golpe continuado” contra o PT – uma conspiração das elites para derrubar Dilma, tirar Lula das eleições de 2018 e conspurcar o legado social dos governos petistas. O próprio Lula, no dia seguinte à denúncia, usou a frase inventada como se fosse verdadeira.

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.

Publicado em 16 set. 2016. Publicado em 16 set. 2016

Na notícia da Figura 41, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), têm destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: polarizar, estimular, atribuir, conspirar,

derrubar, tirar, denunciar, conspurcar; Processos Relacionais: ter, usar; Processos Verbais: disseram, espalharam, falavam; Processos Mentais: desprezar, interessar, inventar, Processos Existenciais: virar, haver.

Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 41, destaca-se o termo “petistas”. No uso da Modalização, estão presentes os termos: tenso, polarizado, coisa, falsa, perto, continuado, inventada.

**Figura 42:** Dallagnol não afirmou diretamente haver provas, mas fez malabarismo: juntar um “quebra-cabeça” de informações dispersas para tentar usar como provas (destaques nossos)

Num terceiro momento, o procurador Henrique Pozzobon fala que não existe “prova cabal” de que Lula seria “proprietário no papel” de um apartamento no Guarujá usado, de acordo com os investigadores, para ocultar o pagamento de propina.

Num primeiro momento, Dallagnol fala em “convicção”: “*Provas são pedaços da realidade, que geram convicção sobre um determinado fato ou hipótese. Todas essas informações e todas essas provas analisadas como num quebra-cabeça permitem formar, seguramente, a figura de Lula no comando do esquema criminoso identificado na Lava-Jato*” — [clique aqui](#) para ver a transcrição dos discursos dos procuradores.

**Fonte:** <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/a-frase-8220-nao-temos-provas-mas-temos-conviccao-8221-virou-meme-mas-foi-dita-pelo-procuradores-da-lava-jato>. Publicado em 15 set. 2016

No trecho da notícia da Figura 42, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), têm destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos seguintes termos: Processos Materiais: ocultar, formar, comandar, identificar. No sistema de Avaliatividade, temos o uso dos termos: proprietário, criminoso; sobre a Modalização, usou-se os termos: cabal, no papel, todas, seguramente.

Mas, se Dallagnol não buscou afirmar com todas as letras que havia provas contra Lula, e colocar isso na acusação formal oferecida à Justiça Federal, a imprensa fez o favor de afirmar isso por ele, distorcendo o que foi dito pelo Procurador da Lava Jato (FIGURA 43):

**Figura 43:** Notícia afirma haver provas do MPF contra Lula, mesmo com relutância dos Procuradores do próprio MPF em afirmar isso (destaque nosso)

**A denúncia**

Na quarta-feira (14), o MPF denunciou Lula, a mulher dele, Marisa Leticia, e mais seis pessoas no âmbito da Operação Lava Jato. Dallagnol afirmou que, **segundo provas do MPF**, Lula era o "comandante máximo do esquema de corrupção identificado na Lava Jato". [VEJA A ÍNTEGRA DA DENÚNCIA](#)

**Fonte:** <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/09/afinal-procurador-da-lava-jato-disse-nao-temos-prova-temos-conviccao.html>. Publicado em 15 set. 2016

Ao acusar Lula de ser o “comandante máximo” de esquema de corrupção sem encaminhar a denúncia formal, e ao argumentar haver provas contra Lula mesmo sem conseguir apresentá-las, pode-se afirmar que Deltan Dallagnol se valeu do cargo público - que, teoricamente, revestiria suas ações por interesse público - para expor tese com sua opinião pessoal. É o que previa Habermas (1997), quando afirmou que a esfera pública, dominada pelos meios de comunicação de massa, torna-se um cenário de manipulação da busca por legitimidade. E essa manipulação contou com o uso de neologismos (ex.: propinocracia) e metáforas (ex.: “maestro de orquestra criminosa”, “o general”), sendo esses recursos reconhecidamente definidos como manipulativos por uso de ideologias (FAIRCLOUGH, 2003). Sem apresentar provas contra Lula, os fatos contra ele parecem ser inventados, como define Van Dijk (2008), numa manipulação que é a criação de um fato, de um argumento ficcional - não-realidade, com a interação de sentimentos, emoções e afetividade necessárias à abstração do conteúdo por parte do público.

A institucionalização de interesses privados em condenar Lula vai ao encontro do que defendeu Foucault (1987), quando afirmou que o poder é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas. A mídia digital, ao conceder pouco espaço a quem questionasse os métodos da Lava Jato, e também à defesa de Lula, preferiu dar maior destaque ao pequeno grupo de procuradores do MPF que acusava Lula com veemência. Essa prática pode ser vista, também, como o uso do Princípio do Verossímil (DOOB, 1950), um dos 11 princípios da propaganda de Goebbels, em que se ouvem especialistas, mas aqueles que são contra o inimigo escolhido. A falta de interesse geral da mídia digital em questionar a existência das provas contra Lula e expor as fragilidades das investigações da Lava Jato se encaixam na estratégia descrita por Chomsky como “Manter o público na ignorância e na mediocridade” (TIMSIT, 2002).

Enquanto a maioria das notícias buscavam dar ênfase a Lula e ao fato de ele ser suspeito de cometer crimes e ser alvo de investigações e denúncias, uma matéria (Figura 60) buscou explicar as falhas da condução das investigações pelos Procuradores do MPF, e abordou as duas falhas centrais, que foram: i) fazer acusação verbal de Lula ser chefe de esquema de corrupção, sem levar a acusação a termo na denúncia formal, e ii) a ausência da apresentação de provas das acusações. E essa era a única forma de mostrar a realidade dos fatos. A matéria (FIGURA 41) afirma que a apresentação da denúncia contra Lula pelo procurador Deltan Dallagnol “foi considerada um desastre pelos aliados do petista e também pelos adversários”. A matéria (FIGURA 41) continua explicando a ausência de provas formais contra Lula, ao contrário das afirmações feitas por Dallagnol em sua entrevista, e expõe a preocupação a respeito da Lava Jato ter interesses políticos de tirar Lula das eleições presidenciais de 2018. O autor da notícia (<https://revistaforum.com.br/brasil/2016/9/15/ate-reinaldo-azevedo-critica-denuncia-contralula-constrange-os-meios-juridicos-17410.html>, publicado em 15 set. 2016) afirma, também, que as acusações feitas por Dallagnol na sua apresentação, sem reunir provas e sem indiciar formalmente Lula por chefiar esquema de corrupção, serve apenas para “inflamar a opinião pública, mas constrange, na mesma medida, os meios jurídicos”.

Em outra matéria, na Figura 44, o autor admite a ausência de provas na denúncia oferecida pelo MPF contra Lula:

**Figura 44:** Notícia narra fielmente os fatos: por algum motivo, o MPF se antecipou e denunciou antes de se formarem provas para a acusação (destaques do autor)

**vibra; PGR fica apreensiva. Isso responde?** *“Companheirada” acha que está demonstrada a perseguição política; staff de Janot considera a operação desastrada.* Se alguém quer saber a medida do acerto ou do erro da coletiva liderada por Deltan Dallagnol, então fique com esta: a cúpula do PT vibrou com o acontecido. Os comandantes do partido avaliam que, segundo eles, sem provas para demonstrar que Lula é o dono do triplex, os procuradores resolveram investir numa questão maior: acusá-lo de ser o chefe do petrolão. Ocorre que, como observou a defesa do ex-presidente, não se fez essa acusação formal, não se apresentou essa denúncia. E por que não? Um deles responde: “Porque não há prova disso também”. Rui Falcão e outros dirigentes do PT avaliam que a entrevista coletiva dos procuradores reforçou a tese de que Lula é vítima de uma perseguição política e que tudo não passa de um complô para inabilitá-lo a disputar a Presidência da República em 2018. A defesa de Lula e o PT sempre contaram com o momento em que se faria a acusação formal a Lula: é ele o que se chamava antigamente o “chefe de quadrilha”, uma tipificação que desapareceu. Achavam que isso seria feito bem mais adiante. Não contavam que os procuradores fossem, na análise deles, colocar o carro adiante dos bois.

**Fonte:** <https://revistaforum.com.br/brasil/2016/9/15/ate-reinaldo-azevedo-critica-denuncia-contra-lula-constrange-os-meios-juridicos-17410.html>. Publicado em 15 set. 2016

Na notícia da Figura 44, temos o uso da metáfora: colocar o carro adiante dos bois, e do neologismo (que sinaliza uso de ideologia): petrolão. Por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), têm destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: perseguir, acertar, errar, liderar, investir, acusar, denunciar, inabilitar, disputar; Processos Verbais: apresentar, demonstrar, responder, reforçar; Processos Mentais: achar, considerar, querer, saber, vibrar, avaliar, observar, resolver, contar (com); Processos Existenciais: ficar, acontecer, ser, ocorrer, fazer, haver, desaparecer.

Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 44, destacam-se os termos: apreensiva, companheirada, chefe, vítima, complô. No uso de Modalização, temos: desastrada, maior, formal, bem mais.

**Figura 45:** Mesmo defendendo a atuação de Deltan Dallagnol, o autor admite a ausência de provas (destaque nosso)

O segundo erro cometido por Dallagnol, e admitido por ele a colegas, foi retórico. Ao recorrer a expressões duras para caracterizar a participação de Lula no esquema, como “general”, “arquiteto” e “comandante máximo”, o procurador criou no público a expectativa de que haveria provas irretorquíveis sobre o papel de chefe desempenhado pelo ex-presidente no esquema. Não havia. Não há – ainda e oficialmente. Presumiu-se que haveria novas

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.  
Publicado em 16 set. 2016

Sobre a intenção de tirar Lula das eleições de 2018, outra notícia<sup>2</sup> informou que ele poderia ficar fora, também, das eleições de 2022: “... se Lula se tornar réu, for condenado em primeira instância, recorrer e for condenado também pela segunda instância, ele se tornará inelegível por oito anos, segundo a legislação eleitoral, estando preso ou não”. Outra matéria trouxe a percepção dos especialistas internacionais que fizeram críticas à Lava Jato, afirmando: “‘Fosso’ entre acusação e prova põe em xeque futuro da Lava Jato, diz jornal dos EUA” (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37375468>, acessado em 12 abr. 2024).

Diversas notícias deixaram de lado a imparcialidade ao narrar as acusações contra Lula sem dar espaço aos argumentos da defesa de Lula, ou, resumindo em apenas um parágrafo a informação de que a defesa negou as acusações, mas sem expor os argumentos da defesa. No entanto, algumas notícias incluíram o pronunciamento por completo da Defesa de Lula, na qual o seu advogado Christiano Zanin afirmou que os procuradores do MPF: “cometeram, na nossa opinião, um grave desvio funcional. Realizaram uma coletiva, com recursos públicos, apenas para enxovalhar a honra e reputação do ex-presidente Lula e da Dona Marisa”. (<https://oglobo.globo.com/politica/defesa-de-lula-faz-representacao-contraprocuradores-da-lava-jato-20119220>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024).

A parcialidade de grandes conglomerados contra Lula ficou evidente em diversos trechos das matérias. Várias notícias publicadas trouxeram duras críticas ao pronunciamento de Lula após a denúncia. Em uma delas, sobre o discurso que Lula fez após saber das acusações do MPF, o autor da matéria escreve que Lula “continua

---

<sup>2</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/15/denunciado-pelo-mpf-lula-pode-ser-candidato-em-2018.htm>. Publicado em 15 set. 2016.

bom de palanque” (FIGURA 43), utiliza o termo “ludibrie”, se referindo ao pronunciamento de Lula, em uma análise enviesada da atuação política de Lula. Ainda, o autor expõe opinião pessoal de que Dallagnol e Moro “não fazem política”. Outra notícia afirmou que Lula foi apontado como chefe de “megaesquema” de corrupção, que mentiu e que ele não se defendeu das acusações no pronunciamento, e que atacou o MP e a imprensa (FIGURA 46):

**Figura 46:** Notícia faz defesa à Lava Jato. Para persuadir o leitor, traz o argumento de que, nas instâncias envolvidas com o Judiciário, os Servidores “não fazem política” (destaques nossos)

No contra-ataque à denúncia, Lula mostrou que continua bom de palanque. O problema dele é que esse caso, entre outros da Lava Jato, não será resolvido com votos, mas nos Tribunais. E não há João Santana que ludibrie os meninos de Curitiba, o juiz Sergio Moro e as demais instâncias do Judiciário. Eles trabalham com fatos e lógica – não fazem política, ao contrário do que parece crer Lula. E os fatos depõem fortemente contra ele.

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.  
Publicado em 16 set. 2016

**Figura 47:** Notícia faz duras acusações a Lula e críticas ao seu discurso após a denúncia do MPF (destaques nossos)

Apontado pelo Ministério Público Federal como **chefe do megaesquema de corrupção** desvendado pela Operação Lava Jato, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva discursou nesta quinta-feira cercado de aliados: e, ainda que tenha falado por mais de uma hora, não emitiu uma explicação para as graves denúncias que pesam contra ele. Lula abriu o pronunciamento dizendo que não falava como político, mas como cidadão indignado. Mentiu. Sua fala foi apenas política: **sobraram ataques ao MP e à imprensa**. O petista também reforçou a intenção de se lançar candidato em 2018: “A história mal começou. Alguns pensam que terminou. E ainda vou viver muito. Por isso estou me preparando”.

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/politica/denunciado-lula-se-faz-de-vitima-e-nada-explica-sobre-acusacoes>. Publicado em 15 set. 2016

No trecho da Figura 47, notamos a associação entre 2 Princípios da Propaganda de Goebbels (DOOB, 1950): i) Princípio da Simplificação e do Inimigo Único: Lula e ii) Princípio do Contágio. Nessa associação, Lula (o “chefe do megaesquema de corrupção”) faria um discurso que é dirigido, segundo a matéria da Figura 47, apenas aos seus “aliados” (petistas). O famoso powerpoint apresentado por Dallagnol (FIGURA 48) é didático quanto ao uso do Princípio da Simplificação e do Inimigo Único: todos os problemas da corrupção do País têm Lula no centro.

Ainda, na notícia da Figura 47, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), têm destaque, para a formação do sentido ao discurso, a presença dos Processos Materiais: desvendar, cercar, explicar, abrir, mentir, atacar, preparar; Processos Verbais: apontar, discursar, falar, emitir, pronunciar, dizer, falar, reforçar; Processo Comportamental: indignado. Com relação à Modalização (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 47, destacam-se os termos: mega(esquema), graves, pesam, mal, muito.

No texto da Figura 47, está presente o uso do Princípio da Transposição (DOOB, 1950): trasladar todos os males sociais a este inimigo, com as acusações, pelo autor, de que Lula e seus aliados são os estimuladores da polarização do País. Trata-se de acusar o inimigo de tudo que for possível, mesmo sem provas. Em outro texto, cobrindo o caso do Tríplex, Lula é responsabilizado até por deixar a piscina do Tríplex ser foco de reprodução do “mosquito *aedes aegypti*, vetor de doenças como dengue, *chikungunya* e *zika* vírus” (<https://veja.abril.com.br/brasil/denuncia-contra-lula-por-dentro-do-triplex>, publicado em 14 set. 2016, acesso em 12 abr. 2024). O Petismo foi apontado pela grande mídia digital como sinônimo de corrupção (315 ocorrências nos textos), mensalão (73 ocorrências nos textos) e petrolão (72 ocorrências nos textos). Essa polarização e a criação de bolhas estimulada pela mídia visam evitar o contágio pela ideologia do inimigo.

Quanto à apresentação da denúncia, o power point de Dallagnol (FIGURA 48), colocando Lula no centro das acusações, podemos afirmar que a manipulação de opinião ocorreu com o uso da estratégia definida por Noam Chomsky (TIMSIT, 2002) como “Criar problemas e depois oferecer soluções”: a mídia endossou os ideais dos Procuradores da Lava Jato de que o problema do país é Lula no centro de toda a corrupção da política brasileira, e a solução geral para os problemas do País - oferecida pela Lava Jato e endossada pela grande mídia digital - era prender Lula.

**Figura 48:** A estratégia do inimigo único. Lula no centro da corrupção



**Fonte:** <https://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/09/15/conheca-o-powerpoint-usado-pelo-ministerio-publico-contra-lula/>. Publicado em 15 set. 2016

Também houve blogs e notícias em grandes conglomerados, declaradamente opositores de Lula, que fizeram uso de linguagem coloquial e figurada para atacar Lula. No mesmo blog, foi inflamada a polarização política, por meio do uso do discurso de “nós contra eles”, no qual Lula e os petistas seriam um grupo de “golpistas” (FIGURAS 49 e 50):

**Figura 49:** A Veja publica texto no estilo blog, repleto de opiniões pessoais do colunista contra Lula (destaques nossos)

- Você aí esperando uma mera denúncia circunscrita a triplex e guarda-móveis, e Deltan veio com o rolo compressor inteiro. Coisa linda.
- Deltan questiona que autoridade teriam tesoureiros do PT para pedir propina em nome do partido a empresas com contrato com governo. Só Lula!
- Recordar é viver: o tesoureiro petista João Vacarri Neto na capa da VEJA sobre “A República do Pixuleco”, que virou propinocracia.



The image shows the cover of the magazine 'Veja'. The main headline is 'A REPÚBLICA DO PIXULECO' in large, bold, black letters. Below it, in smaller text, it says 'A LAVA-JATO CHEGA À ESPLÂNDIDA DOS MINISTÉRIOS'. The cover features a black and white portrait of an elderly man with a white beard, identified as João Vacarri Neto. The magazine's logo 'veja' is prominently displayed in red and white. At the top, there is a small article preview: 'VEJA TRAZIU E ADAPTOU A CALCULADORA AMERICANA QUE REVOLUCIONA O CONTROLE DE CALORIAS'.

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/da-denuncia-contra-lula-como-8220-comandante-da-propinocracia-8221-so-fica-a-duvida-qual-slide-levar-no-peito>. Publicado em 14 set. 2016

**Figura 50:** Veja publica texto no estilo blog que promove a polarização e o discurso do “nós contra eles” acusando os petistas de “golpistas” (destaques nossos)

- Gostei da parte sobre “o fato de Lula ter enriquecido ilícitamente” também provar que Lula estava no centro do esquema.
- Deltan: “Provas demonstram que Lula conspirou contra a operação” Lava Jato. E depois nós é que somos os “golpistas”...
- Meme nas redes sociais: “Quero uma G.”

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/da-denuncia-contra-lula-como-8220-comandante-da-propinocracia-8221-so-fica-a-duvida-qual-slide-levar-no-peito>. Publicado em 14 set. 2016

Nos trechos das Figuras 49 e 50, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), podemos destacar, para produção do sentido, a presença dos Processos Materiais: denunciar, questionar, pedir, enriquecer, provar, demonstrar, conspirar. Com relação ao Sistema de Avaliatividade

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), destacam-se os termos: petista, linda, ilicitamente e golpista.

Em outra matéria, foi inflamada a polarização política, por meio do uso do discurso de “nós contra eles”, no qual Lula e os petistas tratam os brasileiros como “um bando de idiotas” (<https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/a-frase-inventada-pelos-farsantes-confirma-que-lula-ainda-acha-que-os-brasileiros-sao-um-bando-de-idiotas>, publicado em 16 set. 2016, acesso em 12 abr. 2024). No mesmo texto, também está presente a Estratégia de “Reforçar a auto culpabilidade”, enumerada por Chomsky (TIMSIT, 2002), afirmando que aqueles que defendam Lula sejam parte de “um bando de idiotas”, seguidores de “sacerdotes corruptos” (FIGURA 51). A utilização das metáforas “escapar da gaiola” e “sacerdotes corruptos” (FIGURA 51) configuram modo de operação da ideologia, definida por Thompson (2002), como o modo de Unificação, pela construção de identidades coletivas (todos contra Lula, o corrupto).

**Figura 51:** Texto promove a polarização e o discurso do “nós contra eles” com o uso do termo “um bando de idiotas”, “discípulos” e “sacerdotes corruptos” (destaques nossos)

Lula não vai demorar a entender que os brasileiros já não toleram ser tratados como um bando de idiotas. Se escapar da gaiola e arriscar-se a disputar as eleições presidenciais de 2018, o Mestre vai descobrir que o número de discípulos ficou menor que o ajuntamento de sacerdotes corruptos.

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/a-frase-inventada-pelos-farsantes-confirma-que-lula-ainda-acha-que-os-brasileiros-sao-um-bando-de-idiotas>. Publicado em 16 set. 2016

Em uma das matérias, os Procuradores do MPF e Sérgio Moro são colocados acima de qualquer suspeita, uma vez que não fariam política: “os meninos de Curitiba, o juiz Sergio Moro e as demais instâncias do Judiciário. Eles trabalham com fatos e lógica – não fazem política, ao contrário do que parece crer Lula. E os fatos depõem fortemente contra ele”. Esse fato foi desmentido alguns anos mais tarde, quando Deltan Dallagnol e Sérgio Moro, no embalo da fama obtida com a Lava Jato, se lançaram como candidatos e foram eleitos.

Nota-se que, com relação aos requisitos básicos para a imparcialidade da atividade jornalística, conforme as rotinas ritualizadas descritas por Tuchman (1999),

que a imprensa digital brasileira ignorou a imparcialidade, deixando clara a demonstração de intenção em defender interesses hegemônicos, utilizando o seu poder de impor a recepção das notícias da forma pretendida (BOURDIEU, 1977). Como destacou Fairclough (2001), a hegemonia refere-se a alianças e a integrações, experimentadas através de concessões, sendo estabelecida, portanto, muito mais por consenso do que por coerção. Na aliança entre a mídia hegemônica e a Lava Jato, grande parte da imprensa buscou formar consenso para blindar qualquer excesso autoritário cometido Lava Jato. Essa aliança distribuiu claramente esses papéis: a Lava Jato ficou com a parte do exercício da coerção contra Lula e os petistas, enquanto a mídia hegemônica buscava garantir o consenso de grande parte da população sobre a necessidade de prender Lula, produzindo a concessão popular necessária para a ausência de revolta popular contra o cometimento de violência e abuso de poder aplicados pela Lava Jato contra Lula.

Em algumas notícias, há a tentativa de tratar, da forma mais eufemística possível, a gravidade do erro processual do MPF de acusar Lula sem provas. Apesar de deixar claro a falta de provas, a notícia aborda o fato com uma tentativa de contornar o problema, tratando o erro como problema de “retórica”, uma vez que não poderia haver dúvidas de que Lula fosse culpado (FIGURAS 52 e 53). Esse eufemismo para encobrir erros e falhas da investigação é o que Thompson (2002) descreve como operação da ideologia da Dissimulação, em que as práticas de dominação, no caso, a necessidade de um grupo de condenar Lula, mesmo sem provas, foi ocultada, negada.

**Figura 52:** Notícia trata a ausência de provas da acusação como simples questão de “retórica” (destaques nossos)

Na semana passada, os procuradores da força-tarefa da Lava-Jato formalizaram denúncia de corrupção passiva e lavagem de dinheiro contra o ex-presidente. A isso se resume a denúncia, mas ela veio embalada numa **retórica** segundo a qual Lula era o “comandante máximo” da organização criminosa, o chefe da quadrilha que assaltou os cofres da Petrobras, o general que usava propinas para subornar parlamentares e comprar partidos, o fundador da “propinocracia”, o homem que aceitava dinheiro e pequenos luxos em troca de favores. **Nisso tudo, a retórica tomou o lugar das provas.**

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/em-veja-desta-semana-o-derretimento-do-mito-de-lula>.

Publicado em 16 set. 2016

No trecho da notícia da Figura 52, por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), podemos destacar a presença dos Processos Materiais: formalizar, usar, comprar, trocar, subornar, assaltar, denunciar, aceitar. Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 52, destacam-se os termos: ex-presidente, comandante, criminosa, chefe, general, fundador. Nesse texto, também foi reproduzida a neologia “propinocracia”.

**Figura 53:** Em apoio à Lava Jato, ao comentar sobre as falhas da acusação, colunista afirma que não há “perseguição política ao ex-presidente” (destaques nossos)

As investigações, é claro, não são perfeitas. Longe disso. Reservadamente, Dallagnol e seus colegas avaliam que cometeram dois erros na coletiva. O primeiro, ao não serem claros sobre a necessidade técnica de apontar Lula como chefe da organização criminosa. Não se tratou de um capricho ou, muito menos, de perseguição política ao ex-presidente. Tratou-se de uma necessidade técnica diante do fato de que, segundo as evidências disponíveis, a OAS reformou e deu o triplex a Lula como

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.  
Publicado em 16 set. 2016

No texto da Figura 53, fica claro o uso do princípio da propaganda de Goebbels (DOOB, 1950) chamado de Princípio do Silêncio: a tentativa de ocultar erros e falhas da Operação Lava Jato, bem como dissuadir a ideia de parcialidade e perseguição política contra Lula. Há, também, nesse discurso, o que Thompson (2002) descreve como operação da ideologia da Dissimulação, em que as práticas de dominação, de hegemonia, de uma classe contrária aos petistas são ocultadas, negadas ou obscurecidas. Ao mesmo tempo, nota-se uso da operação da ideologia da Legitimação (THOMPSON, 2002), pois há uma tentativa de legitimar acusações sem provas.

Apesar do eufemismo de alguns jornalistas sobre o caso, a verdade é que o fato é bem mais grave, tanto que o STJ divulgou nota em seu site, no dia 10 de agosto de 2022, informando que o então Procurador Deltan Dallagnol foi condenado a indenizar Lula em R\$ 75.000,00, em virtude de se utilizar do cargo público para fazer acusações sem provas e que não fizeram parte do pedido de condenação. Consta na nota publicada pelo STJ (2022):

“Em março, ao julgar recurso de Lula, os ministros consideraram que o ex-procurador extrapolou os limites de suas funções ao utilizar qualificações desabonadoras da honra e da imagem do ex-presidente, além de empregar linguagem não técnica na entrevista. Na condenação, a turma levou em consideração, ainda, que Dallagnol imputou ao ex-presidente fatos que não constavam da denúncia explicada durante a coletiva.” (STJ, 2022, s.p.).

Algumas notícias, ao mesmo tempo que criticavam o pronunciamento de Lula sobre a denúncia, foram bastante ufanistas em relação à Lava Jato e à Dallagnol, como no trecho (FIGURA 50): “Dallagnol, de 36 anos, não estava ao microfone por acaso. Estudioso e metódico, destacou-se muito cedo na carreira, já em Curitiba, pela precisão técnica que empregava nos casos de lavagem de dinheiro”. Na mesma matéria, o autor enfatiza que a Lava Jato mudou a República, que poderia significar uma “refundação da República”, ou, ao menos, “uma nova fase”. O texto enaltece a Lava Jato, Deltan Dallagnol e Sérgio Moro em um longo texto:

**Figura 54:** Texto com conteúdo ideológico em apoio à Lava Jato (destaques nossos)

recursos. A frustração com os fracassos o levou à Universidade Harvard, onde estudou os métodos e as leis americanas de combate à corrupção. Especializou-se na chamada prova indireta: precisamente o tipo de prova que leva à cadeia os chefes de organizações criminosas complexas – o tipo de prova que apresentou naquela quarta-feira, na coletiva em Curitiba. De Harvard ao Brasil, topou integrar a força-tarefa da Lava Jato. O país havia mudado, as leis haviam melhorado, havia uma nova geração, também no Judiciário, como o juiz Sergio Moro, que poderia fazer as coisas de forma diferente. Havia, portanto, a chance de ganhar casos no mérito – nas provas – em vez de perdê-los inelutavelmente nas filigranas jurídicas. O momento que o país vive, que permitiu os dois anos e meio de Lava Jato e a continuidade do trabalho de Dallagnol e seus colegas, equivale, se não a uma refundação da República, ao menos a uma nova fase. Os desdobramentos políticos e criminais do trabalho da força-tarefa ainda vão longe. Há muita investigação a ser feita no caso da Petrobras, especialmente na produção de provas contra o topo da organização criminosa do petrolão. Mas há muitas outras. Em Brasília, a Operação Acrônimo se aproxima da corrupção no BNDES – na semana passada, a Polícia Federal descobriu que a Odebrecht pagou propina para conseguir empréstimos internacionais. No Rio de Janeiro, procuradores destrincham a participação do PMDB no eletrolão – o irmão do petrolão, que transcorreu na Eletrobras. Em Brasília e no Rio, investigam também a corrupção nos fundos de pensão. Ainda é incerto o desfecho desse avançar inexorável de grandes investigações, sobretudo se resultará em mais instabilidade política e econômica. Mas uma coisa é certa: a República não será mais a mesma.

**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>.

Publicado em 16 set. 2016

Na Figura 54, temos o uso de metáfora “refundação da República”; e os neologismos: “petrolão” e “eletrolão”. Por meio da análise do Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), podemos destacar a presença dos

Processos Materiais: combater, ganhar, perder, permitir, produzir (provas), pagar, conseguir, investigar, avançar; Processos Relacionais: se aproximar, integrar; Processos Mentais: estudar, destrinchar, descobrir, topiar; Processos Existenciais: levar a, mudar, havia, vive, ser feita, transcorrer; Processo Comportamental: frustração.

Com relação ao Sistema de Avaliatividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), no trecho da Figura 54, destacam-se os termos: fracassos, chefes, criminosas, complexas, melhorado, nova geração, diferente, mérito, nova, topo, criminosa, grandes (investigações), certa, a mesma. A Modalização está presente nos termos: precisamente, inelutavelmente, ao menos, ainda, muita(s), especialmente, inexorável (avançar), sobretudo, mais.

Na Figura 54, temos a publicação, em um dos maiores portais de notícias online do país, a expressão, em estado puro, da ideologia do movimento Tradicionalista descrito por Teitelbaum (2020). Nessa notícia (Figura 54), cria-se uma narrativa em que o Poder Judiciário é inepto no combate à corrupção, uma vez que sempre inocentaria quem tiver “poder e dinheiro”, fazendo haver apenas a impunidade. No entanto, as leis teriam “melhorado” permitindo à Lava Jato começar a condenar os corruptos. Em outro trecho, o mesmo texto narra uma trajetória de Dallagnol como vítima do sistema corrupto:

“Dallagnol aprendeu perdendo. Como os colegas, frustrou-se com o triunfo continuado da chicana e da nulidade – o triunfo da impunidade. Perdiam os casos não porque os acusados fossem inocentes. Perdiam porque o sistema – a lei e a interpretação de juízes sobre ela – era feito para que perdessem, desde que o suspeito tivesse poder e dinheiro. “Meu trabalho é marcado por cicatrizes dos casos que não deram em nada. É o trauma de todos os procuradores”, disse recentemente a amigos.” (<https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>. Publicado em 16 set. 2016).

O Discurso fatalista proferido nessa notícia<sup>3</sup> aponta a Lava Jato como a saída possível para o combate à corrupção. Segundo essa narrativa, historicamente, reina a impunidade aos corruptos. Conforme afirmou Fairclough (2003), o discurso fatalista

---

<sup>3</sup> <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>. Publicado em 16 set. 2016.

constitui forma de ideologia voltada à manipulação, dominação e manutenção de hegemonia. Fica claro, também, o *antiestablishment* na publicação da notícia, por meio da rejeição a qualquer autoridade estabelecida, como o Poder Judiciário tradicional, sendo necessária uma “refundação” que supostamente seria promovida unicamente pela Lava Jato. Pouco importa, nessa narrativa, o poder destrutivo dos abusos de autoridade cometidos durante a Operação Lava Jato, pois seria necessária a destruição do poder vigente para promover efetivamente essa “refundação da República”. Nesse discurso, também está contida a Estratégia de Diferir (adiar), enumerada por Chomsky (TIMSIT, 2002), pois a Lava Jato estaria melhorando o país, não necessariamente de forma imediata, tanto que não são demonstrados benefícios imediatos, mas futuros (uma nova geração, ou uma refundação da República, transmitem uma ideia de um longo processo).

O enredo criado pela imprensa digital durante a cobertura da denúncia do MPF contra Lula envolveu a cobertura detalhada e minuciosa de cada caso investigado pela Lava Jato, além de outros fatos, personagens e discussões, que aumentaram a visibilidade de Lula e a quantidade de matérias em meio à denúncia pela Lava Jato. Esses fatos não compõem o núcleo da trama, são fatos secundários divulgados pela mídia, mas que merecem ser relatados nessa pesquisa. Nas 103 notícias analisadas na presente pesquisa, a proporção que os casos do tríplex e do sítio de Atibaia ganharam na mídia pode ser definida como exagerada, uma vez que a Operação Lava Jato tinha foco na Petrobras<sup>4</sup>, que envolve valores financeiros muito maiores, mas, mesmo assim, os casos mais divulgados na semana de denúncia da Lava Jato foram não aqueles que envolvem a Petrobras, mas que envolvem a empresa OAS, o tríplex e o sítio de Atibaia. O nome da empresa OAS foi citado 353 vezes, enquanto a Petrobras foi citada 209 vezes. Notou-se, também, que a imprensa começa a dar destaque a movimentos contrários a Lula e à esquerda, como o MBL (13 citações).

Outros temas abordados foram as reações dos internautas, com frases de apoio à Lava Jato, ou de apoio a Lula, e memes sobre o *powerpoint* utilizado pela denúncia apresentada por Dallagnol; a cobertura do caso do Tríplex do Guarujá; as investigações sobre os pagamentos milionários à empresa de palestras LILS, os pagamentos e doações ao Instituto Lula, e desse Instituto às empresas com

---

<sup>4</sup> <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>. Publicado em 16 set. 2016

participação societária do filho de Lula; as investigações sobre o Petrolão, envolvendo o superfaturamento de contratos e o pagamento de propinas pelas empreiteiras; o caso das “tralhas do Lula”, sobre o pagamento de aluguel, pela OAS, para a armazenagem dos pertences de Lula e presentes que ele recebeu enquanto era presidente; o caso da Bancoop, que teria quebrado após supostamente desviar dinheiro de associados para os cofres do PT; a delação premiada de Delcídio do Amaral, acusando Lula e Dilma; em meio à crise de Lula contra Lava Jato, O Estadão dá espaço a Dória e suas acusações dirigidas à Lula (praticamente manifesta apoio a Dória) em meio à campanha eleitoral para a Prefeitura de São Paulo.

Nas Figuras 55 e 56, temos uma promoção do linchamento público de Lula, que configura a aplicação da estratégia da mídia, definida por Chomsky (TIMSIT, 2002), como “Impor modelos de comportamento medíocres”, ao divulgar e dar amplo destaque a essas postagens de internautas contra Lula. A *hashtag* #lulaacabou apareceu 27 vezes nos textos, e a #lulavergonhanacional aparece em 9 ocasiões, em uma tentativa, por parte da imprensa digital, de fazer crer que esse posicionamento fosse a opinião dominante dos internautas, o que também constitui a tentativa de criar um senso comum, conforme prevê Fairclough (2001, p. 117). Esse tipo de discurso também coincide com o Princípio de Unanimidade de Chomsky (TIMSIT, 2002): a busca de consenso, do sentimento de clamor popular contra o inimigo escolhido. A sensação que se busca é a da unanimidade, a de que “todo mundo pensa assim”. Aqui atinge-se o senso comum que opera a licença para exercer a “exceção” contra o inimigo, o “estado de exceção”. Uma vez que o exercício do poder autoritário requer aceitação popular, o meio de derrubar Lula e o PT é obter o consenso de que eles precisam ser condenados e banidos de vez da política.

**Figura 55:** Imagem faz parte de publicação de notícia que promove o linchamento público de Lula na internet

**Lula** ✓  
@Lula

**Página inicial**

- Sobre
- Fotos
- Curtidas
- Eventos
- Vídeos
- Publicações

**Criar uma Página**

**Douglas Alves** Ainda existem brasileiros que acreditam nesse Lula e no PT??? Acorda Brasil, deixem de ser enganados por esse partido que afundou o País!!!  
Curtir · Responder · 1.196 · 4 h · Editado  
↳ 54 Respostas · 20 min

**Ligy Saunders** Sô denunciado? Quero é que ele veja logo o sol nascer quadrado!  
#LulaLadrãoTeuLugarénaPrisão  
Curtir · Responder · 1.567 · 4 h  
↳ Ver respostas anteriores

**Luciano Soldera** As provas estão sendo expostas na Globo News nesse exato momento! Vai lá assistir desinformado.  
Curtir · Responder · 114 · 3 h  
↳ Ver mais respostas

**Lucas Ribeiro de Oliveira** Vai continuar com a mesma ladainha??? Seja homem e assumo seus erros, ninguém acredita mais nesse seu papinho e do PT!!!!  
Curtir · Responder · 1.222 · 4 h  
↳ 39 Respostas · 1 minuto

**Marcel Tannus** Lula fica tranquilo. Você é a alma mais honesta do Brasil. Kkk  
Curtir · Responder · 154 · 3 h  
↳ 20 Respostas · 29 min

**Danielle Mattos** Ministério público dessa vez desenhou pra esse povo que parece que sofreu lavagem cerebral entender.....mas parece que ainda tem acéfalos que não percebem o quanto o país foi roubado.....São bi que deveriam ser investidos para os brasileiros.  
Curtir · Responder · 175 · 2 h  
↳ 9 Respostas · 14 min

**Na página de Lula, muitas críticas ao ex-presidente da República (/)**

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/pagina-de-lula-no-facebook-internautas-ironizam-ex-presidente>.

Publicado em 14 set. 2016

**Figura 56:** Uma das principais mídias online do país dá espaço a perfil de “Inês Bolsonaro” fazendo piadas e atacando Lula



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/politica/grafico-que-explica-denuncia-contra-lula-vira-meme-20111081>. Publicado em 14 set. 2016

O Princípio da Orquestração de Goebbels (DOOB, 1950) está presente na cobertura da mídia digital da denúncia do MPF contra Lula pelo uso do maior número possível e da maior quantidade de fontes diferentes para a criação de neologismos (mensalão, petrolão, etc.) e o maior número possível de adjetivos (Lula foi citado como “comandante”, “comandante máximo”, o “grande general”, o “vértice das práticas criminosas”, o “arquiteto”, o “pixuleco”), uso de frases de efeito, símbolos associativos (por exemplo, os bonecos “pixulecos” com roupa de presidiário), a divulgação da referência aos petistas como a “bancada da chupeta”, os “petralhas”, enfim, verdadeiras campanhas publicitárias para massacrar a imagem pública de Lula e do PT. Aqui, novamente, vale até publicar as opiniões dos internautas, como no exemplo de tentar emplacar e viralizar as *hashtags* #lulaacabou e #lulavergonhanacional. Até o Movimento Brasil Livre (MBL) ganhou muita visibilidade na mídia realizando essa tarefa (a sigla MBL foi mencionada 12 vezes nos textos). Fazer ressonar os boatos, acusações sem provas, envolvendo na trama até mesmo a sua esposa Dona Marisa e seus filhos, até que os boatos se transformarem em notícias sendo estas massivamente replicadas. É parte dessa estratégia repetir a mentira muitas vezes até que seja vista como verdade.

Também esteve presente nas publicações da imprensa digital o uso do Princípio da Vulgarização de Goebbels (DOOB, 1950): parte da imprensa acusou Lula de ser defensor da corrupção. Quando Lula criticou servidores concursados e defendeu os políticos, a imprensa criou a frase: “Para Lula, político ladrão é melhor que procuradores e juízes concursados”<sup>5</sup>.

Na Figura 57, temos, novamente, o uso do Princípio da Exageração (ampliação) e desfiguração de Goebbels (DOOB, 1950): esse é um dos princípios mais violentos da manipulação midiática de Goebbels. A desfiguração da imagem de Lula foi demonstrada na análise das imagens publicadas nas matérias pela mídia digital, em que se tenta construir a imagem de Lula desesperado, aos prantos, desequilibrado, esgotado. A imagem de Lula chorando associada às acusações, e até mesmo usadas fora de contexto, foram um prato cheio para reforçar essa estratégia. Não foi o foco da presente pesquisa analisar revistas impressas, mas aqui cabe ilustrar a violência empregada pela revista Veja na construção de uma imagem desfigurada de Lula: na capa da Edição 2496, de setembro de 2016 (mesmo período das publicações eletrônicas analisadas nessa pesquisa), a Veja publicou a ilustração da cabeça decapitada de Lula sangrando (FIGURA 56). Em resposta, Lula afirmou em pronunciamento que “Se quiseram matar a jararaca, não bateram na cabeça. Bateram no rabo, e a jararaca está viva como sempre esteve”. A Veja publicou a resposta de Lula à própria Veja, continuando a guerra contra o então ex-presidente<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2016/09/16/para-lula-politico-ladrao-e-melhor-que-procuradores-e-juizes-concursados/>, publicado em 16 set. 2016, acesso em 14 jun. 2024

<sup>6</sup> <https://veja.abril.com.br/politica/lula-ataca-moro-e-chama-petistas-as-ruas-a-jararaca-esta-viva>, publicado em 4 mar. 2016

**Figura 57:** Capa da Edição 2496 da Veja. A cabeça decapitada de Lula é o ápice da violência da mídia na desfiguração da imagem de Lula



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2496>. Publicado em 16 set. 2016

A intertextualidade correspondente à articulação dos textos entre si, pela transferência de argumentos de um texto a outro (Reisig; Wodak, 2009, p. 90), fica clara diante o exposto pela Veja, edição online, que revela a perseguição a Lula por anos a fio pela Lava Jato, no trecho (BONIN, 2021): "Depois de passar anos a fio sofrendo com as revelações da Lava-Jato sobre a roubalheira no seu governo e no de sua sucessora Dilma Rousseff, Lula experimenta agora uma inusitada vingança". O texto discorre sobre a Operação Vaza-Jato, com a revelação de mensagens de Sergio Moro e dos procuradores da força-tarefa. Essa prática também pode ser vista como a aplicação do Princípio da Renovação de Goebbels (DOOB, 1950): tentativa, pela grande mídia digital, de ligar Lula a diversas acusações em diferentes investigações criminais, e também repetir diversas vezes as mesmas notícias em diferentes canais. A operação Lava Jato serviu para atacar fulminantemente Lula e o PT de forma ininterrupta, por anos a fio. Em diálogos da Operação Spoofing, há um trecho em que Sérgio Moro questiona os procuradores do MPF: "Não é muito tempo sem Operação?" (THE INTERCEPT BRASIL, 2019).

## 5 CONCLUSÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tese inicial que, durante o caso da primeira denúncia oferecida pela operação Lava Jato contra Lula, os grandes conglomerados da mídia digital se utilizaram de discursos extremistas voltados à manipulação da opinião pública em favor da denúncia contra o petista. De fato, foi verificado, em diversos textos, na cobertura da denúncia contra Lula pela Lava Jato, que a mídia digital ecoou discursos extremistas, como os discursos nazista e Tradicionalista, conforme descritos por DOOB (1950) e Teitelbaum (2020), com o uso de diversos modos de ataque contra um inimigo único (Lula), e discurso fatalista em torno da necessidade de, obrigatoriamente, destruir Lula e o PT para poder, supostamente, combater a corrupção.

Esses métodos foram utilizados para a construção de um senso comum em torno de um fato fictício: colocar Lula como comandante máximo da corrupção no País. Os fatos reais desmontariam essa narrativa, alguns anos mais tarde, com a anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato (STF, 2021). Toda essa manipulação midiática constitui um obstáculo à compreensão da realidade pela população, evitando assim a conscientização sobre qualquer conhecimento mais profundo sobre o que realmente acontecia: abuso de poder e manipulação de opinião generalizada. A análise das publicações reforça o que previu Lippmann (2008) sobre a criação, pelo Jornalismo, de um ambiente projetado, em detrimento da realidade concreta, e, também, com relação a uma fabricação de consentimento - o qual o tanto Lippmann (2008) quanto Habermas (1984) defendem que não deveria haver em uma democracia - de que a Lava Jato deveria concretizar a condenação e a prisão de Lula.

Não se pode concluir que os grandes conglomerados das mídias digitais sejam controlados por indivíduos nazistas ou fascistas. No entanto, fica claro que discursos extremistas foram publicados como uma estratégia oportunista por essas mídias em um período específico, no qual houve claro posicionamento contra o maior líder da esquerda brasileira naquele momento. Havia a intenção de evitar que Lula fosse eleito novamente em 2018, mas não necessariamente houve a intenção, pelos controladores dos grandes conglomerados da mídia digital, de eleger Bolsonaro.

Sendo a pós-verdade definida como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (OXFORD, 2016), pode-se afirmar que a forma como a mídia criou as notícias para provocar emoções pré-definidas nos leitores. Em específico, pode-se afirmar que a mídia alimentou a geração de ódio e medo contra Lula, tanto nos textos, quanto nas imagens e na associação deliberada de textos e imagens. É o que Charaudeau (2016) chamou de visada de informação, para “fazer-saber”. A respeito da manipulação discursiva da opinião pública, conforme defende Charaudeau (2016), pode-se afirmar que o discurso manipulatório na cobertura da Lava Jato incluiu, nas suas publicações, as quatro características fundamentais: 1) o manipulador não revela seus propósitos reais (condenar Lula mesmo sem que haja provas), assumindo a aparência de estar agindo em benefício do manipulado (combater a corrupção); 2) o manipulador lança mão de uma posição de legitimidade, que é dada pelo contexto: Sérgio Moro e Deltan Dallagnol ocupam um lugar de prestígio, socialmente reconhecidos como autoridades legitimadas institucionalmente, ainda que cometendo abusos; 3) o manipulador constrói para si uma imagem capaz de paralisar a opinião do manipulado, quer por meio da ameaça de viver sob o comando de bandidos corruptos, quer através da sedução de uma “refundação da República”; 4) o manipulador dramatiza o seu discurso de modo a inquietar o manipulado, podendo chegar a aterrorizá-lo, uma vez que a corrupção tem alto apelo emocional, podendo ser usada para gerar medo e ódio.

O problema central dessa pesquisa foi investigar, no caso específico estudado por esta tese, quais foram as formas e estratégias utilizadas pelos principais conglomerados da mídia digital brasileira para tentar influenciar, interferir e manipular a opinião pública. Para isso, foram elencados objetivos gerais, específicos, um método de trabalho e uma hipótese de trabalho para investigar e obter as conclusões. Foram detectados usos de diferentes estratégias e formas de manipulação da opinião pública por essas mídias digitais, sendo possível obter detalhamento pontual sobre essas estratégias e formas de manipulação, conforme descrito a seguir.

Como objetivo geral, buscou-se, na pesquisa, explicar as estratégias e as formas empregadas pela mídia digital para realizar a manipulação de opinião, e avaliar a atuação das mídias digitais na democracia brasileira. Foram atingidos os objetivos específicos da pesquisa:

1. Aplicar um método de análise de discurso para analisar a presença de elementos de manipulação de opinião e de discurso de ideologia nas publicações dos maiores conglomerados de notícias da internet durante a cobertura da Operação Lava Jato;
2. Compreender as estratégias empregadas pelos grandes conglomerados da mídia digital para realizar a manipulação de opinião em relação a assuntos políticos, o que diz respeito à forma como lidam com o processo democrático;
3. Investigar, identificar e analisar as diferentes formas de discursos extremistas que foram produzidos e disseminados pelos grandes conglomerados de mídia digital durante o período de oferecimento da primeira denúncia contra Lula pela Operação Lava Jato.

Com relação ao Objetivo Específico 1, os dados coletados permitiram uma profunda análise sobre os elementos de manipulação de opinião e discursos de ideologia extremista adotados pelos grandes conglomerados da mídia digital na cobertura da denúncia contra Lula na Lava Jato.

A respeito do Objetivo Específico 2, pode-se afirmar que essas mídias adotaram estratégias de discursos extremistas. Pode-se concluir, também, a partir da Análise Crítica do Discurso aplicada ao caso em estudo, que os grandes conglomerados das mídias digitais utilizaram, com muita intensidade, estratégias de manipulação tais quais a desinformação, a pós-verdade e o discurso de ódio como principais meios de manipulação de opinião, pautada em uma disputa de poder pela hegemonia e dominação das massas, com forte apelo emocional, visando gerar engajamento popular à Lava Jato, justificando abusos e quebra dos direitos de defesa de Lula, petistas e condenando moralmente seus apoiadores e eleitores, quebrando assim o processo democrático. Pode-se afirmar que a aceitação popular pela condenação de Lula e dos petistas era necessária, como projeto de poder, para uma elite específica que domina as mídias e tem interesses particulares em tomar o poder à força, mas uma força tornada legitimada, para definir os rumos da política brasileira.

Sobre o Objetivo Específico 3, foi demonstrado que os grandes conglomerados da mídia digital selecionaram imagens, palavras, frases sensacionalistas, ideologias extremistas, métodos de editoração tendenciosos, repetição em grande escala, interdiscursividade e uso de discurso de pós-verdade, para gerar desinformação e

ódio contra Lula e o PT, e também gerar um senso comum em torno do discurso fatalista de que Lula deveria ser preso para que o país pudesse melhorar, o que seria passo necessário para a também necessária "refundação da república". O uso de discurso manipulador com forte apelo emocional, incluiu o uso de ficcionalização e novelização.

A hipótese de trabalho da presente pesquisa foi que discursos de ódio e pós-verdade, disseminados pelos principais conglomerados da mídia digital do Brasil, teriam sido utilizados como estratégia na tentativa de influenciar e manipular a população, no contexto político brasileiro estudado por esta pesquisa. Essa hipótese se mostrou plausível, podendo-se afirmar seguramente que a mídia digital tem influenciado as decisões políticas relacionadas à derrubada dos governos de esquerda no Brasil, difundindo discurso de ódio e pós-verdade, facilmente assimiladas pelo apelo emotivo, o que gera manipulação de opinião e aceitação pelo público, o que pode levar a rompimentos com o processo democrático. O combate à corrupção é tema que possui grande apelo emocional na população brasileira, sendo tema de fácil manipulação, conforme foi demonstrado nessa pesquisa.

O foco da presente pesquisa não foi investigar *fake news*. Embora as notícias abordadas não possam ser classificadas como *fake news*, pode-se concluir que a mídia digital produziu o que se chama de pós-verdade, quando forçou a associação positiva entre dois fatos questionáveis, tratando ambos como verdadeiros: i) que Lula havia sido denunciado por supostamente ser chefe de esquema de corrupção, e ii) que havia provas na denúncia oferecida pelo MPF. De fato, Lula foi denunciado, mas não indiciado por supostamente ser "chefe de esquema de corrupção". A mentira fabricada pelo MPF e endossada pela mídia foi afirmar que Lula foi acusado, levando a crer que houvesse sido indiciado, e, ainda, associar esse fato à suposta existência de provas, às quais nem Dallagnol conseguiu afirmar que possuía, sem precisar recorrer a malabarismo para isso.

Conclui-se, também, que a mídia abriu mão do papel de imparcialidade em virtude da busca por objetivos hegemônicos, com a predominância do uso de discurso indireto com predominância da exposição de opinião dos jornalistas, claramente convenientes aos interesses dos meios de comunicação. Notou-se a tentativa da imposição de uma cultura política anti-esquerda, de acordo com as concepções de Geertz (1978) e de Hall (1997), com a produção de sentido/significado em torno da

necessidade de varrer Lula e o PT da política brasileira expressiu também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica “definir a realidade”.

A grande mídia digital citou valores financeiros recuperados pelas Operações anticorrupção para gerar engajamento popular, porém, sempre de forma absoluta, sem considerar valores relativos, que fariam os valores citados parecerem irrisórios, como alertou Jessé de Souza (2017), evitando, também, alertar sobre possíveis efeitos colaterais da destruição causada pelo combate irresponsável à corrupção (essa frase pode soar estranho, mas foi demonstrada a destruição de empresas e de empregos, de instituições inteiras, quando deveria se punir apenas as pessoas corruptas). Dessa forma, defender que o combate à corrupção deve ser efetivado custe o que custar, mesmo que destruísse o ambiente político, a democracia, as grandes empresas e o emprego de milhares de trabalhadores, contribuiu para agravar a crise política e econômica enfrentada nos anos seguintes à prisão de Lula.

Se o exercício de poder antidemocrático requer aceitação popular, então, os resultados permitem afirmar que a grande mídia acabou promovendo a aceitação popular de que Lula era culpado e que deveria ser preso (mesmo sem provas cabais), endossando um ataque pelo Ministério Público Federal e pela Justiça Federal à democracia, com resultado direto nas eleições presidenciais de 2018. A análise das notícias nessa pesquisa permite concluir com clareza que houve a tentativa, por parte da grande mídia digital, de criar uma realidade alternativa, com Lula condenado e com a troca do poder político, transferido do PT para os seus opositores.

A grande imprensa digital evitou abordar, no caso da Operação Lava Jato, qualquer discussão sobre a disputa de poder que envolve a relação entre o poder público estatal e particulares, sendo esses de dentro do país ou de fora. A discussão ficou limitada ao poder centrado nas mãos de Lula, no entanto, é de interesse da Ciência Política o questionamento sobre o poder de fato está, ou não, nas mãos do poder público.

No caso estudado, ficou claro o problema do poder que alguns grupos particulares têm sobre o governo e sobre os políticos. Para além das notícias, o que a mídia não abordou foi a questão do poder que as instituições privadas (capitalistas) de diversos ramos têm e de que forma elas impõem esse poder sobre os políticos e governantes eleitos. O que se comprovou nas investigações pela Polícia Federal e

MPF, sobre o caso do Tríplice, foi que a OAS estava preparando o apartamento para oferecer como propina, mas não houve a aceitação definitiva com a entrega desse apartamento a um agente criminoso. Houve a tentativa desesperada de fazer a população crer que Lula havia recebido esse imóvel como tal pagamento.

Nesse discurso, a democracia perdeu uma boa oportunidade para a discussão de uma questão importante, que é o poder econômico privado sendo usado para dominar e subverter o poder político estatal. O político eleito tem autonomia para governar recusando o pagamento de propinas e denunciando o oferecimento de propinas? Qual o custo que um político tem, em sua de governabilidade, quando recusa o pagamento de propinas? Quando a OAS ofereceu propina e não houve a efetiva entrega do imóvel a Lula, se iniciou uma guerra contra Lula. A imprensa, ao colocar a Lava Jato como o modelo a ser seguido pelo Poder Judiciário no combate exemplar à corrupção, também, perdeu a oportunidade de discutir que modelo seria o ideal, uma vez que a Lava Jato claramente não pode ser esse modelo a ser seguido.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ALBUQUERQUE, Afonso. As três faces do quarto poder. XVIII Encontro da Compós. **Anais** [...]. PUC-MG. Belo Horizonte, MG. 2009.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1992 (1971).
- ALVARENGA, Darlan. **Impacto da Lava Jato no PIB pode passar de R\$140 bilhões, diz estudo**. G1 Economia. Publicado em 11 ago. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/impacto-da-lava-jato-no-pib-pode-passar-de-r-140-bilhoes-diz-estudo.html>>. Acesso em 01 fev. 2022.
- ALVES, Lyandra da S. Lava Jato: Instrumento utilizado pela mídia para defender os interesses da elite. **Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU**, v. 4 n. 1. 2019.
- AMARAL, Marina. **A nova roupa da direita**. Publicado em 26 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795/>>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- ANSA. **Mesmo preso, Lula lidera intenções de voto, diz Datafolha**. Publicado em 22 ago. 2018. Disponível em <<https://istoe.com.br/mesmo-presos-lula-lidera-intencoes-de-voto-diz-datafolha/>>. Acesso em 17 out. 2021.
- ARÃO, Cristian. As Redes Sociais e a Psicologia das Massas: A Internet como Terreno e Veículo do Ódio e do Medo. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. Brasília, v.8, n.3, p.181-206, dez. 2020.
- ARENDT, Hannah. **Origem do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo-São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública: Concepções e Usos na América Latina. **DADOS: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p. 703-728, 2004.
- AVRITZER, Leonardo; DE CARVALHO, Priscila D. **Crises na Democracia: Legitimidade, participação e inclusão**. Arraes Editores. Belo Horizonte, 2021.
- AYRES PINTO, Danielle J.; MORAES, Isabela. As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit. **Revista de Estudos Sociais**, n. 74, p. 71-82. 2020.
- BATISTA JR., José. R. L.; SATO, Denise. T. B.; MELO, Iran. F. **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da Política**. Tradução: Marcus Penchel. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1999.

BELLO, Enzo; CAPELA, Gustavo; KELLER Rene J. Operação Lava Jato: ideologia, narrativa e (re)articulação da hegemonia. **Revista Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1645-1678, 2021.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre/RS: Editora Zouk, 2012.

BENKLER, Yochai. **The Wealth of Networks**. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONIN, Robson. **A lenta vingança de Lula contra Moro e os procuradores da Lava-Jato**. Publicado em 01 mar. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/radar/a-lenta-vinganca-de-lula-contramoro-e-os-procuradores-da-lava-jato>>. Acesso em 20 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. **Les Temps Modernes**, v. 318, 1973.

\_\_\_\_\_. *L'économie des échanges linguistiques*. In: **Langue Française**, Paris, n. 34. 1977.

BÜRGER, Peter. **Teoria da Vanguarda**. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAPPELLA, Joseph; JAMIESON, Kathleen. **Spiral of cynicism: the press and the public good**. Oxford, Oxford University Press, 1997.

CARVALHO, Frederico L. **Junho de 2013: sinais do futuro que já começou**. Disponível em: <<https://uninomade.net/junho-2013-sinais-do-futuro-que-ja-comecou/>>. Publicado em 25 de jun. 2018. Acesso em 27 jul. 2024.

CASTELLS, Manuel. *Communication, Power and Counter-power in the Network Society*. **International Journal of Communication**, 1, p. 238-266, 2007.

CAVALCANTI, Hylda. **Moro recua, reconhece grampo ilegal, mas diz que isso é 'fator irrelevante'**. Publicado em 17/03/2016. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/moro-recua-e-reconhece-ilegalidade-de-grampo-mas-diz-que-isso-e-2018fator-irrelevante2019-7537/>>. Acesso em 12 mai. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Langage et discours – éléments de semiolinguistique**. Paris: Hachette, 1983.

\_\_\_\_\_. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda Política e Manipulação**. Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse In Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: *Edinburgh University Press*, 1999.

CUÉ, Carlos E. **Sérgio Moro**: “Na Lava Jato, a opinião pública protegeu a Justiça das pressões”. Publicado em 04/04/2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/politica/1491330324\\_778413.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/04/politica/1491330324_778413.html)>. Acesso em 17 out. 2021.

DEWEY, John. *La opinion pública y sus problemas*. Madrid: *Ediciones Morata*, 2004.

DOOB, Leonard W. *Goebbels' Principles of Propaganda*. *Public Opinion Quarterly*, 14(3), p. 419–442, 1950.

DUARTE, Letícia. “**Destruição é a agenda do Tradicionalismo**”, a ideologia por trás de Bolsonaro e Trump. Publicado em 12 dez. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-12/benjamin-teitelbaum-destruicao-e-a-agenda-do-tradicionalismo-a-ideologia-por-tras-de-bolsonaro-e-trump.html>>. Acesso em 17 out. 2021.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. New York, London: *Continuum*, 2004.

ENGELMANN, Fabiano; PILAU, Lucas. S. B. Usos Políticos do “Combate à Corrupção”: uma agenda de pesquisa. In: **Justiça e Poder Político**: elites jurídicas, internacionalização e luta anticorrupção, p. 15-32. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2021.

ENTMAN, Robert M. *Democracy Without Citizens: Media and the Decay of American Politics*. Oxford, *Oxford University Press*, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. London: *Longman*, 1989.

\_\_\_\_\_. *Media Discourse*. *Edward Arnold*. London, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Tradução: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. *The Dialectics of Discourse*. *Textus*. XIV. 2: 231-242, 2001.

\_\_\_\_\_. *Analysing Discourse*. *Textual Analysis for Social Research*. London-New York: *Routledge*. 2003.

FARKAS, Johan. *Disguised Propaganda on Social Media: Addressing Democratic Dangers and Solutions*. *Brown Journal of World Affairs*, 25 (1): p. 1-16, 2018.

FEIJÓ, Glauco V. ADC, ACN e fontes orais: algumas reflexões sobre interdisciplinaridade e ideologia. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 15(2), p. 8-25. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7556/6246>>. Acesso em 01 fev. 2023

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, p. 148-149, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOWLER, Roger. **Crítica linguística**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994 [1986].

GAÚCHA ZH. **Inspirados em Porto Alegre, protestos em série contra reajustes na tarifa de ônibus se espalham pelo país**. Publicado em 15 jun. 2013. Disponível em: ><https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/06/inspirados-em-porto-alegre-protestos-em-serie-contra-reajustes-na-tarifa-de-onibus-se-espalham-pelo-pais-4171189.html#:~:text=%2D%20Em%20Porto%20Alegre%2C%20as%20manifesta%C3%A7%C3%B5es,medida%20acabou%20engrossando%20os%20protestos.>> Acesso em 27 jul. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIBSON, Rachel K; MARGOLIS, Michael; RESNICK, David e WARD, Stephen J. *Election Campaigning on the WWW in the USA and UK: A Comparative Analysis*. **Party Politics**, 9 (1): 47-75. 2003.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Selections from the Prison Notebooks**. Org. e trad.: Q. Hou. Gth. New York: International Publishers, 1971.

\_\_\_\_\_. **Concepção dialética da história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 3ª ed., 1978.

HABERMAS, Jürgen. Opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. **Historia y Crítica de la Opinión Pública: la transformación estructural de la vida pública**. Barcelona: G. Gili, 1981.

\_\_\_\_\_. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Tradução de Flávio Beno. Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Facticidad y Validez**. Madrid: Ed. Trotta, 1998.

\_\_\_\_\_. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Biblioteca Tempo Universitário; n. 76. Série Estudos alemães, 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Education, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15. Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HAZARD, Paul. **La crise de la conscience européenne**. Paris: Fayard, 1935.

HERZOG, Benno. **Discourse Analysis as Social Critique: Discursive and Non-Discursive Realities in Critical Social Research**. Palgrave Macmillan. Valencia, 2016.

HINDMAN, Matthew. **The Myth of Digital Democracy**. New Jersey: Princeton University Press, 2009.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOLHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

INTERVOZES. **Media Ownership Monitor Brazil 2017**. Disponível em: <<https://brazil.mom-gmr.org/br/>>. Acesso em 13.05.2024.

IPEA, 2010. **Pré-sal representaria lucro de US\$ 10 trilhões para o País**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/4792-pre-sal-representaria-lucro-de-us-10-trilhoes-para-o-pais>. Publicado em 25 jun. 2010. Acesso em 05 jun. 2024.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

JUDT, Tony. A reabilitação da Europa. In: \_\_\_\_\_. **Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945**. Tradução José Roberto O'Shea. Objetiva: Rio de Janeiro, 2008.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie. **A política no banco dos réus: a Operação Lava Jato e a erosão da democracia no Brasil**. Autêntica Editora. 1ª ed. Belo Horizonte, 2022.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 2006.

LASSWELL, Harold. *The Structure and Function of Communication in Society*. In: L. Bryson (Ed.). **The Communication of Ideas**. New York: Institute for Religious and Social Studies, 1948.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *How Democracies Die*. New York: Crown, 2018.

LIMA, Átila de M. A Criação da Pós-Verdade e de Processos de Manipulação das Massas como Expressão de Cortes Epistemológicos da Realidade e da Miséria da Razão. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 363-374, out. 2020.

LIMA, José A. Cinco Famílias controlam 50 dos principais veículos de mídia do país, indica relatório. **Carta Capital**. São Paulo, v. 31, 2017.

LINEBARGER, Paul M. A. **Guerra Psicológica**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1962.

LIPPMANN, Walter. *The Phantom Public*. New Jersey: Transaction Publishers, 2007.

\_\_\_\_\_. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUSTOSA, Solange de C. **Brasilidade no cinema nacional**: problematizando os processos de identidade. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MACHADO, Luana B. **Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira**: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL). Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUCRS, 2017. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7476>>. Acesso em 21 abr. 2024.

MAIA, R. Deliberação e mídia. In R. C. M. Maia (ed.). **Mídia e deliberação**, p. 93-110. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MARTIN, J. R.; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London, New York: Continuum, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

MERVIN, David. *The news media and Democracy in the United States*. In: RANDALL, Vicky (org.). **Democratization and the Media**. London/Portland: Frank Cass, 1998.

MESQUITA, José. **Como os jornais e as redes sociais atuaram na retomada do poder pela direita**. Publicado em 16 mai. 2018. Disponível em: <<https://mesquita.blog.br/como-os-jornais-e-as-redes-sociais-atuaram-na-retomada-do-poder-pela-direita>>. Acesso em 29 nov. 2022.

MEURER, J. L.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

MIGUEL, Luiz F. Mídia e manipulação política no Brasil: a Rede Globo e as eleições presidenciais de 1989 à 1998. **Comunicação & Política**. n. s., v. XI, n. 2, p. 119-137, 1998.

MIGUEL, Luiz F. Os meios de comunicação e a prática política. **Revista Lua Nova**, n. 55-56, 2003.

MONTESQUIEU, Charles de S. **O Espírito das Leis**. Tradução de Cristina Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAIS, Jennifer A. **Cultura Política e Capital Social: os efeitos do uso da internet na socialização de jovens no Sul do Brasil**. Tese de Doutorado em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

MOROZOV, Evgeny. **Think again: the internet**. Publicado em 26 abr. 2010. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2010/04/26/think-again-the-internet/>>. Acesso em 11 abr. 2024.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NEGRINE, Ralph. **The Communication of Politics**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Abril cultural. São Paulo, 1974.

NORRIS, Pippa. **A Virtuous Circle: political communications in post-industrial democracies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

NOZAKI, William V. **Poder econômico e corrupção para além da Operação Lava Jato**. Publicado em 6 ago. 2019. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/poder-economico-e-corrupcao-para-alem-da-operacao-lava-jato/>>. Acesso em 14 mar. 2024.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e corrupção: o caso da Petrobras e a Operação Lava Jato. Texto para Discussão. **INEEP**, ano 3, n. 16, abr. 2020. Disponível em: <[https://ineep.org.br/wp-content/uploads/2020/06/td\\_capitalismo-e-corrupcao\\_n-16\\_nozaki\\_vf1.pdf](https://ineep.org.br/wp-content/uploads/2020/06/td_capitalismo-e-corrupcao_n-16_nozaki_vf1.pdf)>. Acesso em 01 fev. 2023.

OLIVEIRA, Daniele. **A opinião veiculada no discurso da revista Caros Amigos: uma análise à luz da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, Regiane. **'Vaza Jato'**, a investigação que obrigou a imprensa brasileira a se olhar no espelho. Publicado em 23 out. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-23/vaza-jato-a-investigacao-que-obrigou-a-imprensa-brasileira-se-olhar-no-espelho.html>>. Acesso em 27 jul. 2024.

OXFORD. **Word of the Year 2016**. Disponível em: <<https://global.oup.com/academic/content/word-of-the->

year/?cc=br&lang=en&#:~:text=After%20much%20discussion%2C%20debate%2C%20and,to%20emotion%20and%20personal%20belief.%22>. Acesso em 30 jul. 2022.

PATTERSON, Thomas. *Time and News: the media's limitations as an instrument of Democracy*. *International Political Science Review*, v. 19, n. 1, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Mass Media Election: how Americans choose their President*. New York: Praeger, 2000.

PICCININ, Fabiana. Produção de Notícias em Dois Mundos: o *newsmaking* no telejornalismo português e brasileiro. *Revista Sessões do Imaginário - Cinema | Ciberultura | Tecnologias da Imagem*. v. 10 n. 13, 2005.

PUTNAM, Robert. *Tuning In, Tuning Out: the strange disappearance of social capital in America*. *PS – Political Science and Politics*, XXVIII, v. 4, 1995.

\_\_\_\_\_. *Solo en la Bolera. Colapso y surgimiento de la comunidad norte-americana*. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio. In SATO, Denise T. B.; e BATISTA JR., José R. L. **Contribuições da análise de discurso crítica no Brasil: uma homenagem a Izabel Magalhães**. Campinas: Pontes, 2014.

RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica da Publicidade**. Um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil. Covilhã: Labcom Livros, 2010.

REISIGL, Martin. *Discourse and Discrimination: Rhetorics of Racism and Antisemitism*. Nova York: Routledge, 2001.

REISIGL, Martin; WODAK, Ruth. *The Discourse-Historical Approach (DHA)*. In: WODAK, Ruth; MEYER, M. *Methods of Critical Discourse Analysis*. Londres: Sage, 2009.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. **Oligopólios de mídia controlados por poucas famílias**. A Repórteres sem Fronteiras e o Intervezes lançam o Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil. Publicado em 31 out. 2017. Disponível em: <<https://rsf.org/pt-br/oligop%C3%B3lios-de-m%C3%ADdia-controlados-por-poucas-fam%C3%ADlias-rep%C3%B3rteres-sem-fronteiras-e-o-intervezes-0>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RICHTER, André. **O ex-procurador da República Deltan Dallagnol chefou a força-tarefa da Operação Lava Jato em Curitiba entre 2014 e 2020**. Publicado em 17 mar. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-03/dez-anos-da-lava-jato-o-que-aconteceu-com-os-personagens-da-operacao>>. Acesso em 27 jul. 2024.

ROBINSON, Michael J. *Three faces of congressional media*. In: MANN, Thomas; ORNSTEIN, Norman (org.). *The new Congress*. Washington/DC: American Enterprise Institute, 1981.

ROLAND, Paul. **Uma Nova História de Hitler e dos Nazistas**. São Paulo, Mbooks. 2017.

SCHIFFRIN, Anya. *Desinformation and Democracy: The Internet Transformed Protest but Did Not Improve Democracy*. **Journal of International Affairs**, 71 (1): p. 117-126, 2017

SCHUDSON, Michael. *The power of the news*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

SCHWARTZ, B. **Direito Constitucional Americano**. Rio de Janeiro: Forense, 1966.

SHAW, Eugene. *Agenda-setting and mass communication theory*. **Gazette**, v. 25, n. 2, 1979. Disponível em: <<http://scholarship.law.nd.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1049&context=ndjlepp>>. Acesso em 11 mar. 2024.

SILVA, Carlos E. O Canto Das Sereias: o processo de manipular as massas através da dramatização televisiva da crise política brasileira de 2016. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 2, 2017.

SILVERSTONE, Roger. *El Consumo de la moderna tecnologia en el hogar y en la familia*. In: SILVERSTONE, Roger, HIRSCH, Eric. **Los efectos de la nueva comunicación**. Barcelona: Bosch, 1996.

SMITH, Justin E. H. *Irrationality: A History of the Dark Side of Reason*. Princeton University Press, 2019.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SPINELLI, Egle M; SANTOS, Jéssica. A. JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE: *fact-checking* como ferramenta de combate às *fake news*. **Revista Observatório**. Palmas, v. 4, n. 3, p. 759-782, mai. 2018.

STF. **STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato**. Publicado em 15 abr. 2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>>; Acesso em 26 jun. 2024.

STJ. **Quarta Turma confirma que Dallagnol terá de indenizar Lula em R\$ 75 mil por entrevista do PowerPoint**. Publicado em 10 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/10082022-Quarta-Turma-confirma-que-Dallagnol-tera-de-indenizar-Lula-em-R--75-mil-por-entrevista-do-PowerPoint.aspx>>. Acesso em 10 jun. 2024.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise. **Opinião Pública**, v. 25, nº 1, jan. - abr., p. 63-96. Campinas, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. R. *War for Eternity. Inside Bannon's Far-Right circle of Global Power Brokers*. Harper Collins Publishers Inc. New York, 2020.

THE INTERCEPT BRASIL. **Leia os diálogos de Sérgio Moro e Deltan Dallagnol que embasaram a reportagem do Intercept**. *The Intercept* Brasil. Publicado em 12

jun. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/12/chat-sergio-moro-deltan-dallagnol-lavajato/>>. Acesso em 20 jun. 2024.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Editora Vozes. Petrópolis, 2002

TIMSIT, Sylvain. **Le gouvernement mondial**. *Dailymotion*. Publicado em 13 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.dailymotion.com/video/x18fo9>>. Acesso em 01 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Stratégies de manipulation**. Disponível em <<http://www.syti.net/Manipulations.html>>. Acesso em 01 fev. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “Estórias”. Lisboa: Veja, 1993.

TUCHMAN, G. Contando “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1999.

UNESCO. **Journalism, press freedom and COVID-19**. *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)*. Paris, 2020.

VAN DIJK, Teun A. *Multidisciplinarity CDA: a Plea for Diversity*. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. (orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. Londres: Sage, p. 95-120. 2005.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Poder**. Tradução: J. Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.

VEJA. **Novos diálogos revelam que Moro orientava ilegalmente ações da Lava Jato**. Publicado em 5 jul. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/dialogos-veja-capa-intercept-moro-dallagnol>>. Acesso em 27 jul. 2024.

VIEIRA, Inacio. **Michel Temer diz que impeachment aconteceu porque Dilma rejeitou “Ponte para o Futuro”**. Publicado em 22 set. 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/09/22/michel-temer-diz-que-impeachment-aconteceu-porque-dilma-rejeitou-ponte-para-o-futuro/>>. Acesso em 15 fev. 2021.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice**. *New tools for critical discourse analysis*. Oxford: University Press, 2008 [1996].

VEJA. **Lula e a Lava Jato**: Prenda-me, se for capaz. Revista Veja, edição n. 2496, publicada em 21 set. 2016.

VOLOSHINOV, Velentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad.: S. Grillo; E. V. Américo. Editora 34. São Paulo, 2017.

WARDE, Walfrido. **O espetáculo da corrupção**: como um sistema corrupto e o modo de combatê-lo estão destruindo o país. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

WODAK, Ruth. **Disorders of Discourse**. New York: Longman, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Discourse-Historical Approach*. In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London. Sage, p. 63-94, 2005.

\_\_\_\_\_. *What CDA Is About - a Summary of its History, Important Concepts and its Developments*. In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London. Sage, p. 1-33, 2005.

WODAK, Ruth.; MEYER, Michael. (orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London. Sage. 2009.

WRIGHT, Charles. **Mass Communications: A Sociological Perspective**. Random House, New York, 1975.

<https://cbn.globoradio.globo.com/editorias/politica/2016/09/16/CONSELHO-DO-MINISTERIO-PUBLICO-NEGA-PEDIDO-DE-LULA-CONTRA-PROCURADORES-DA-LAVA-JATO.htm?v=classica>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/grafico-de-denuncia-contralula-vira-piada-nas-redes-sociais/>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/20/sucesso-do-powerpoint-do-lula-inspira-propagandas-de-netflix-a-catuaba.htm>. Publicado em 20 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/conviccao-das-provas-1.html>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/lula-e-denunciado-pela-lava-jato.html>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/09/epoca-negocios-lava-jato-pede-bloqueio-de-r-87-milhoes-de-lula-marisa-e-mais-seis-acusados.html>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/09/15/conheca-o-powerpoint-usado-pelo-ministerio-publico-contralula/>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 14 jun. 2024.

<https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/09/afinal-procurador-da-lava-jato-disse-nao-temos-prova-temos-conviccao.html>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/defesa-de-lula-comenta-denuncia-contr-ex-presidente-e-mais-sete.html>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/tenho-consciencia-tranquila-diz-lula-sobre-denuncia-do-mpf.html>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/em-infografico-veja-os-argumentos-do-mpf-no-powerpoint-contr-lula-7468378.html>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/powerpoint-sobre-denuncia-contr-lula-vira-meme-nas-redes-sociais-7461013.html>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/religioso-surfista-e-chefe-da-lava-jato-quem-e-deltan-dallagnol-7484296.html>. Publicado em 17 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2016/09/16/para-lula-politico-ladrao-e-melhor-que-procuradores-e-juizes-concursados/>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 14 jun. 2024.

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/14/lava-jato-aponta-lula-como-o-comandante-maximo-do-esquema-de-corrupcao.htm>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/15/analise-denuncia-contr-lula-e-fragil-e-aumenta-pessao-sobre-a-lava-jato.htm>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/15/denunciado-pelo-mpf-lula-pode-ser-candidato-em-2018.htm>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 27 jul. 2024.

<https://oglobo.globo.com/politica/defesa-de-lula-faz-representacao-contr-procuradores-da-lava-jato-20119220>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://oglobo.globo.com/politica/grafico-que-explica-denuncia-contralula-vira-meme-20111081>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://oglobo.globo.com/politica/lula-fatiou-petrobras-para-evitar-impeachment-nomensalao-diz-delcidio-em-delacao-ao-mpf-20123850>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://revistaforum.com.br/brasil/2016/9/15/ate-reinaldo-azevedo-critica-denuncia-contralula-constrange-os-meios-juridicos-17410.html>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/brasil/denuncia-contralula-por-dentro-do-triplex>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/brasil/em-veja-desta-semana-o-derretimento-do-mito-de-lula>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/brasil/lula-e-a-lava-jato-prenda-me-se-for-capaz/>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/brasil/moro-nem-eu-sei-aonde-a-lava-jato-vai-chegar/>. Publicado em 19 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/brasil/pagina-de-lula-no-facebook-internautas-ironizam-ex-presidente>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/a-frase-inventada-pelos-farsantes-confirma-que-lula-ainda-acha-que-os-brasileiros-sao-um-bando-de-idiotas>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/da-denuncia-contralula-como-8220-comandante-da-propinocracia-8221-so-fica-a-duvida-qual-slide-levar-no-peito>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/exagerado-e-o-esquema-criminoso-que-saqueou-o-brasil>. Publicado em 17 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/dez-anos-atras-expressao-8216-propinocracia-8217-apareceu-em-carta-de-leitor-a-veja>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/lula-e-marisa-denunciados-a-cozinha-do-8216-chefe-8217-e-a-hora-marcada-com-8216-madame-8217>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/cultura/rodrigo-lombardi-sera-sergio-moro-em-filme-sobre-a-lava-jato>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2496>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 14 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/politica/denunciado-lula-se-faz-de-vitima-e-nada-explica-sobre-acusacoes>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/politica/em-7-frases-quem-era-lula-segundo-o-mp/>. Publicado em 19 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/politica/lava-jato-denuncia-lula-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro/>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://veja.abril.com.br/politica/lula-ataca-moro-e-chama-petistas-as-ruas-a-jararaca-esta-viva>. Publicado em 4 mar. 2016. Acesso em 19 jun. 2024.

<https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/a-vida-de-lula-e-familia-ha-38-anos>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/a-frase-8220-nao-temos-provas-mas-temos-conviccao-8221-virou-meme-mas-foi-dita-pelo-procuradores-da-lava-jato>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37368434>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37375468>. Publicado em 15 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/lula-d%C3%A1-apoio-a-maduro-em-c%C3%BApula-de-pa%C3%ADses-n%C3%A3o-alinhados-1.212456>. Publicado em 18 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www.estadao.com.br/brasil/lula-fara-tour-pelo-nordeste-para-apoiar-candidatos-do-pt/>. Publicado em 19 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www1.folha.uol.com.br/asmais/2016/09/1814245-lula-como-comandante-maximo-de-corrupcao-e-mais-11-frases-estao-entre-as-melhores-da-semana.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813265-lula-e-denunciado-na-lava-jato-por-caso-do-triplex.shtml>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813395-denuncia-e-truque-de-ilusionismo-diz-defesa-de-lula.shtml>. Publicado em 14 set. 2016. Acesso em 12 jun. 2024.

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813766-patrimonio-de-lula-cresceu-360-desde-o-fim-do-segundo-mandato.shtml>. Publicado em 16 set. 2016. Acesso em 12 abr. 2024.

## APÊNDICES

### Apêndice 1: Processos relacionais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS RELACIONAIS		
	Processo	Ocorrências
1	ter	375
2	ser	354
3	Estar	239
4	fazer	139
5	ir	71
6	poder	60
7	deixar	44
8	ficar	34
9	passar	33
10	tentar	32
11	continuar	27
12	chegar	21
13	partir	21
14	manter	19
15	praticar	19
16	conseguir	13
17	participar	13
18	começar	12
19	levar	12
20	formar	11
21	voltar	11
22	acabar	10
23	andar	10
24	aparecer	10
25	revelar	10

Fonte: o autor

### Apêndice 2: Processos verbais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS VERBAIS		
	Processo	Ocorrências
1	dizer	253
2	afirmar	176
3	falar	66
4	discursar	53
5	palestrar	38
6	chamar	34
7	explicar	30

continuação...

PROCESSOS VERBAIS		
8	depor	24
9	responder	16
10	argumentar	12
11	Citar	10
12	mostrar	10

**Fonte:** o autor

**Apêndice 3:** Processos existenciais mais frequentes nas notícias

PROCESSOS EXISTENCIAIS		
	Processo	Ocorrências
1	haver	58
2	tornar	30
3	criar	26
4	ocorrer	19
5	virar	15
6	existir	11
7	faltar	10

**Fonte:** o autor

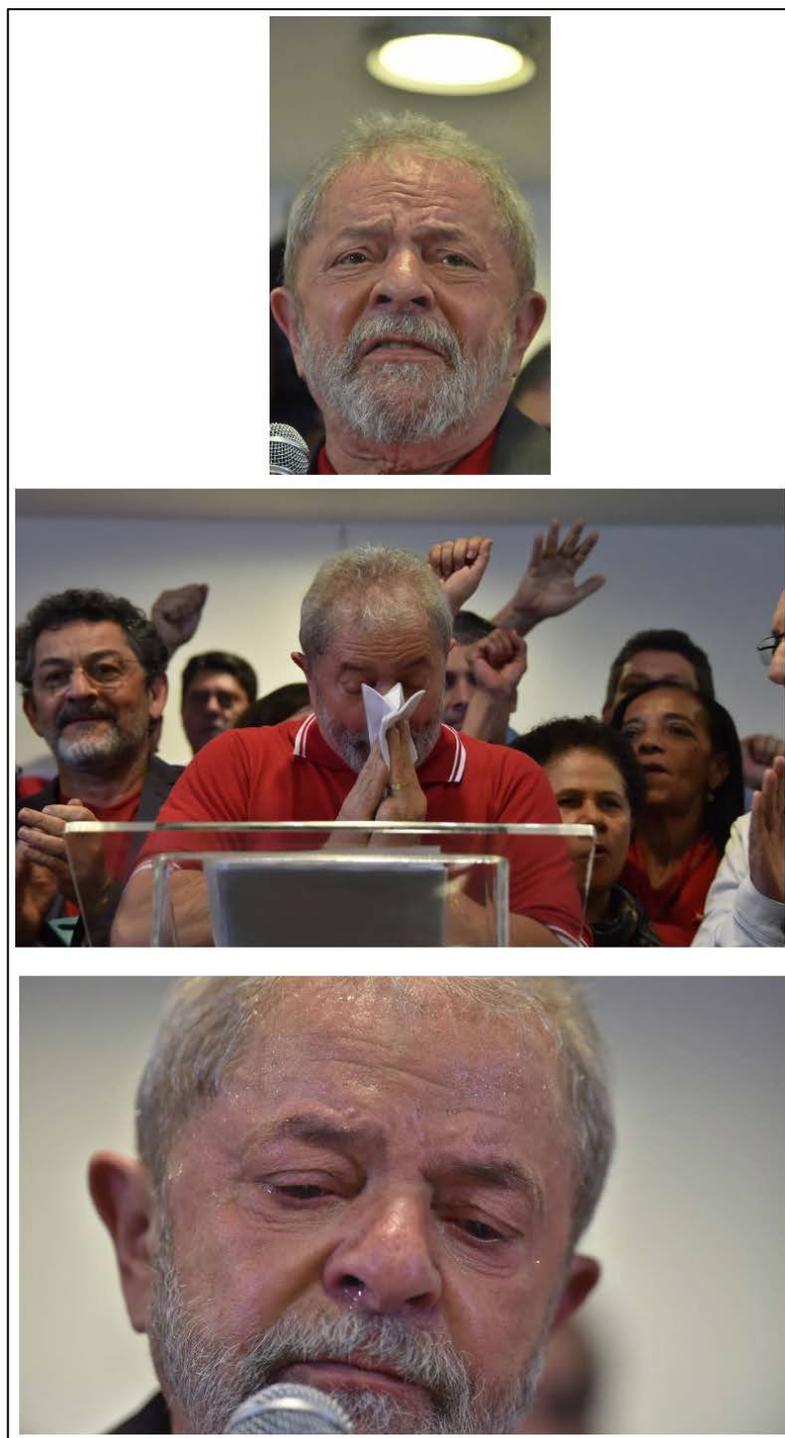
## ANEXOS

**Anexo 1:** Lula com semblante preocupado, reflexivo, cabisbaixo



**Fonte:** <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2016/09/lula-e-denunciado-pela-lava-jato.html>.  
Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 2:** Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula chorando



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/politica/defesa-de-lula-faz-representacao-contra-procuradores-da-lava-jato-20119220>. Publicado em 15 set. 2016

**Anexo 3:** Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula faz cara de choro



**Fonte:** <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/09/15/denunciado-pelo-mpf-lula-pode-ser-candidato-em-2018.htm>. Publicado em 15 set. 2016

**Anexo 4:** Pronunciamento de Lula após ser denunciado pelo MPF. Lula esbravejando



**Fonte:** <https://cbn.globo.com/editorias/politica/2016/09/16/CONSELHO-DO-MINISTERIO-PUBLICO-NEGA-PEDIDO-DE-LULA-CONTRA-PROCURADORES-DA-LAVA-JATO.htm?v=classica>.

Publicado em 16 set. 2016

**Anexo 5:** Lula em tom de desespero em discurso após recebimento da denúncia



**Fonte:** <https://oglobo.globo.com/politica/defesa-de-lula-faz-representacao-contra-procuradores-da-lava-jato-20119220>. Publicado em 15 set. 2016

**Anexo 6:** Deltan expõe seus argumentos, eloquente e gesticulando durante o discurso



**Fonte:** <https://www1.folha.uol.com.br/asmais/2016/09/1814245-lula-como-comandante-maximo-de-corrupcao-e-mais-11-frases-estao-entre-as-melhores-da-semana.shtml>. Publicado em 18 set. 2016

**Anexo 7:** Alta exposição, na mídia digital, da imagem de Dona Marisa



**Fonte:** <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/09/epoca-negocios-lava-jato-pede-bloqueio-de-r-87-milhoes-de-lula-marisa-e-mais-seis-acusados.html>. Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 8:** Fotografia do prédio do Guarujá onde a OAS teria reformado o Tríplex para a família de Lula



**Fonte:** <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37368434>. Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 9:** Fotografia da cobertura do Tríplex do Guarujá



**Fonte:**

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1813265-lula-e-denunciado-na-lava-jato-por-caso-do-triplex.shtml>. Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 10:** Fotografia da cobertura do triplex do Guarujá



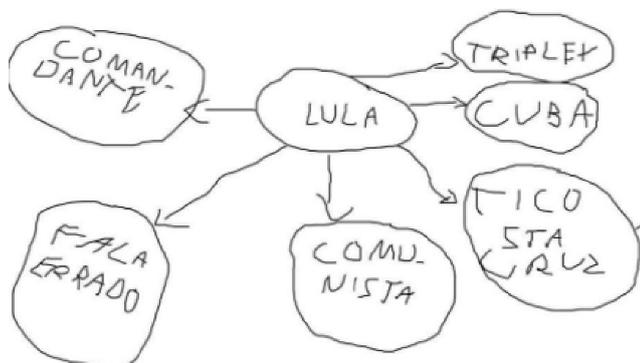
**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/brasil/denuncia-contralula-por-dentro-do-triplex>. Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 11:** Frase de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet



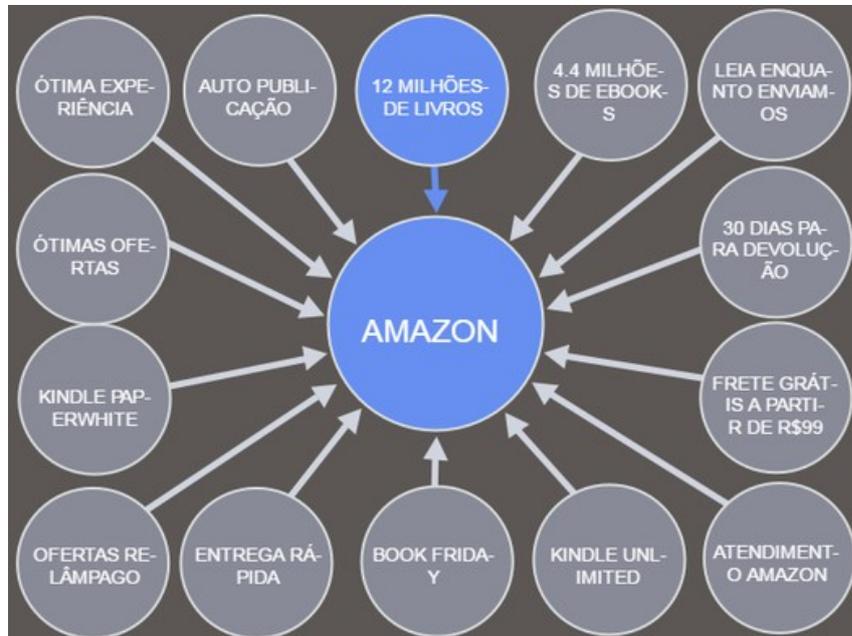
**Fonte:** <https://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/09/afinal-procurador-da-lava-jato-disse-nao-temos-prova-temos-conviccao.html>. Publicado em 15 set. 2016

**Anexo 12:** Ilustração de internauta publicada em notícia de uma das principais mídias online. Acusação de Dallagnol contra Lula vira piada na internet



**Fonte:** <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/09/powerpoint-sobre-denuncia-contralula-vira-meme-nas-redes-sociais-7461013.html>. Publicado em 14 set. 2016

**Anexo 13:** Campanha publicitária da Amazon faz deboche ao powerpoint utilizado por Dallagnol para acusar Lula



**Fonte:** <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/20/sucesso-do-powerpoint-do-lula-inspira-propagandas-de-netflix-a-catuaba.htm>. Publicado em 20 set. 2016

**Anexo 14:** Notícia afirma que Lula foi acusado de ser “comandante máximo” do esquema de corrupção na Petrobras

É possível que a força-tarefa da Lava Jato venha a cunhar no glossário da política nacional o termo ‘propinocracia’, o governo regido pela propina – sob as ordens do **‘comandante máximo’ Lula**, segundo a denúncia apresentada quarta-feira. O termo contudo não é novo. Em 2006, VEJA publicou na seção reservada às **cartas do leitor** o seguinte comentário de Maurício Rudner Huertas, a respeito do **escândalo dos sanguessugas**:

**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/dez-anos-atras-expressao-8216-propinocracia-8217-apareceu-em-carta-de-leitor-a-veja>. Publicado em 16 set. 2016